



Mariana Amado da Silva

ANÁLISE E PROPOSTA DE TRADUÇÃO DE MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

(Chinês – Português – Inglês)

Dissertação de Mestrado em Tradução, orientada pela Professora Doutora Cornelia Plag e coorientada pela Professora Doutora Flávia Coelho, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

setembro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

ANÁLISE E PROPOSTA DE TRADUÇÃO DE MEDICINA TRADICIONAL CHINESA CHINÊS – PORTUGUÊS – INGLÊS

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Análise e Proposta de Tradução de Medicina Tradicional Chinesa
Subtítulo	Chinês – Português – Inglês
Autor/a	Mariana Amado da Silva
Orientador/a(s)	Cornelia Elisabeth Plag Flávia da Silva Coelho
Júri	Presidente: Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho Vogais: 1. Doutor Yuxiong Zhang 2. Doutora Flávia da Silva Coelho
Identificação do Curso	2º Ciclo em Tradução
Área científica	
Especialidade/Ramo	Português e uma Língua Estrangeira (Inglês)
Data da defesa	19-10-2023
Classificação	17 valores

Agradecimentos

À minha mãe e à minha avó, que estiveram sempre do meu lado, a encorajar-me.

Ao grupo das Mestres – Ana Laura, Ana Rui, Beatriz e Maria – que ajudou sempre a que as sextas-feiras passassem mais rápido. Os nossos jantares foram sempre um motivo para aguardar ansiosamente. De colegas a amigas.

Ao Diogo Lemos, amigo de longa data, que me deu força para terminar este trabalho.

À Prof.^a Dra. Cornelia Plag, por me ter dado o apoio e coragem necessários para terminar este trabalho, sobretudo quando pensei que não os tinha.

À Prof.^a Dra. Flávia Coelho, por me ter guiado ao longo deste percurso e, também, por ter dedicado tempo a orientar este trabalho a pronta disponibilidade.

A todos os professores do Mestrado em Tradução que se cruzaram no meu caminho, por terem sido essenciais em todo o meu percurso. Posso dizer com firmeza que aprendi muito ao longo destes dois anos.

Resumo

Análise e Proposta de Tradução de Medicina Tradicional Chinesa – (Chinês – Português – Inglês)

A Medicina Tradicional Chinesa (MTC) tem sido lentamente integrada nas práticas medicinais do Ocidente. Este ritmo moroso está diretamente relacionado com as diferenças ideológicas entre a MTC e a Medicina convencional, bem como as diferenças nas suas respetivas nomenclaturas. Por este motivo, estudiosos a nível mundial têm debatido quais as melhores abordagens para aplicar na tradução terminológica de MTC.

A presente dissertação pretende contribuir para este debate, mas agora no contexto português. Por este motivo, foram selecionados 50 termos e expressões de MTC, os quais foram posteriormente analisados e traduzidos, com o intuito de responder às seguintes questões de investigação: como podem ser traduzidas para português as entradas selecionadas?; de que forma pode esta proposta ajudar a atender às necessidades do público-alvo?; quais são as melhores estratégias de tradução que podem ser utilizadas?; de que forma pode o inglês influenciar a tradução final se for utilizado como língua-ponte?

A falta de investigação em português, bem como a utilização de terminologia cuja tradução não é padronizada, tem uma influência direta na prática, ensino e transmissão de conhecimentos. Assim, acredita-se que deve haver uma investigação contínua no cenário principal de transmissão de conhecimentos: as instituições de ensino.

Palavras-chave: Medicina Tradicional Chinesa, Tradução Cultural, Tradução Técnica, Uniformização terminológica, Glossário

Abstract

Analysis and Translation Proposal of Traditional Chinese Medicine – (Chinese – Portuguese – English)

Traditional Chinese Medicine (TCM) has been slowly integrated into Western medical practises. This process has been long due to the huge ideological differences between TCM and Biomedicine, as well as the differences in their respective nomenclatures. For this reason, scholars worldwide have long debated translation approaches in TCM.

Thus, this dissertation aims to contribute to this ongoing debate on terminological standardisation. For this purpose, 50 TCM terms and expressions were selected and subsequently analysed and translated, with the main goal of answering the following research questions: how can the 50 selected terms be translated into Portuguese?; how can this translation proposal help the needs of the target audience?; what are the best translation strategies that can be used?; how will the use of English as a pivot language influence the Portuguese translations?

The lack of research conducted in Portuguese has a direct impact on the practise, teaching, and generalised transmission of TCM knowledge. Hence, we believe future research on this topic must continue, and it must be focused on the primary context for TCM knowledge transmission: the academic institutions.

Keywords: Traditional Chinese Medicine, Cultural Translation, Technical Translation, Terminology standardisation, Glossary

Índice	
Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Índice	6
Lista de abreviaturas	9
1. Introdução	10
1.1. Relevância	11
1.2. O caso de Portugal	12
1.3. O caso de Macau	12
1.4. Objetivos	13
1.5. Organização	15
2. A MTC na Literatura	17
2.1 Fontes	17
2.1.1 Fontes clássicas	17
2.1.2 Fontes modernas	19
2.1.3 Fontes atuais	20
2.2 Trabalhos desenvolvidos na língua portuguesa	22
2.3 Uniformização terminológica em MTC	23
3. A Medicina Tradicional Chinesa	28
3.1 Origem e Pensamento Filosófico	28
3.2 Princípios fundamentais de MTC	31
3.2.1 Teoria dos Cinco Movimentos ou Cinco Elementos	32
3.2.2 Teoria de <i>Yin-yang</i>	33
3.2.3 Teoria de <i>qi</i> – energia vital	34
3.2.4 Quatro Métodos de Diagnóstico	35
3.2.5 Diferenciação de Síndromes e Tratamento	36
4. Enquadramento Teórico	38
4.1 Tradução Cultural	38
4.2 Tradução Técnica	40
4.2.1 Caso de estudo	41

4.3 Tradução Médica.....	42
4.4 Terminologia Médica	43
4.5 Modelo de Tradução de Vinay & Darbelnet.....	45
4.5.1 Metodologia de Tradução.....	46
4.5.2 Empréstimo.....	47
4.5.3 Decalque	47
4.5.4 Tradução Literal	47
4.5.5 Modulação.....	48
4.5.6 Adaptação	48
4.5.7 Transposição.....	48
4.6 O Modelo de Loh Dian-Yang	49
4.7 Proposta de Lawrence Venuti (1995)	50
4.7.1 Estrangeirização	51
4.7.2 Domesticação	51
4.8 Aplicabilidade na MTC	52
5. A Tradução de MTC.....	55
5.1 Idiossincrasias do Pensamento.....	57
5.2 Aprendentes de MTC.....	60
5.2.1 Público leigo.....	61
5.2.2 Público especializado	63
5.3 Terminologia.....	65
5.3.1 A Polissemia.....	67
5.3.2 A Metáfora	68
6. Metodologia.....	70
6.1 Critérios para a estrutura do glossário	71
6.1.1 Ordem das palavras	71
6.1.2 Iniciais minúsculas	71
6.1.3 Definições.....	72
6.1.4 Traduções	72
6.2 Problemas de tradução	73
7. Glossário.....	77

7.1 Quatro Métodos de Diagnóstico.....	77
7.2 Diferenciação de Síndromes e Tratamento.....	83
8. Reflexões sobre a metodologia de tradução	88
8.1 Traduções feitas sob a estratégia de estrangeirização	88
8.1.1 Transliteração	88
8.1.2 Tradução literal	88
8.1.3 Decalque por tradução literal	89
8.1.4 Traduções com preservação de elementos culturais	89
8.2 Traduções feitas sob a estratégia de domesticação	90
8.2.1 Tradução livre	90
8.2.2 Traduções com correspondência na Medicina convencional	91
9. Conclusão	92
Bibliografia/Fontes Consultadas	95

Lista de abreviaturas

A

AAAOM. *American Association of Acupuncture and Oriental Medicine*

C

CC. *Cultura de chegada*

CNCTST. *National Committee for Terms in Sciences and Technologies*

CTTCM. *Committee for Terms in Traditional Chinese Medicine*

F

FMUC. *Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra*

I

ISO. *International Organization for Standardization/Organização Internacional de Normalização*

IST-WPR. *WHO International Standard Terminologies on Traditional Medicine in the Western Pacific Region*

ITC. *Introdução à Medicina Tradicional Chinesa*

L

LC. *Língua de chegada*

LP. *Língua de partida*

M

MT. *Medicina Tradicional*

MTC. *Medicina Tradicional Chinesa*

O

OMS. *Organização Mundial da Saúde*

P

PC. *Público de chegada*

R

RAEM. *Região Administrativa Especial de Macau*

T

TC. *Texto de chegada*

TP. *Texto de partida*

W

WFCMS. *World Federation of Chinese Medicine Societies*

1. Introdução

A Medicina Tradicional Chinesa (MTC), 中医学 (Zhōngyī xué) ou 中医 (Zhōngyī) em chinês, é uma prática medicinal milenar cujas origens podem ser traçadas até há cerca de três mil anos (Wang, 2021, pp. 53-64). É uma prática que combina a filosofia chinesa com teorias complexas sobre o corpo humano e o seu funcionamento orgânico (Wang, 2021, p. 54), no entanto, começou por ser uma simples utilização de determinadas plantas e ervas com propriedades medicinais.

A disseminação do conhecimento medicinal chinês teve o seu início no período pré-Qin (221 a.C.), tendo alcançado territórios como a Coreia e, mais tarde, já durante as dinastias Han (202 a.C. – 220 d.C.) e Tang (618 – 906 d.C.), o Japão e o Sudoeste Asiático (Li *et al.*, 2019, p. 5). A sua difusão pelo continente europeu terá acontecido durante os séculos XVIII e XIX, levando à aceitação de determinados tratamentos, como é o exemplo da Acupuntura (Li *et al.*, 2019, p. 6).

A Medicina Tradicional (MT) alcançou, assim, diversos países asiáticos, tendo atualmente expressão no Japão e na Coreia do Sul, o que resultou em diversas variações da sua prática e aplicação. Sob uma perspetiva que renuncia ao individualismo, a MT valoriza questões como a herança cultural ou a coexistência harmoniosa entre o ser humano e a natureza, ideais que materializa através do desenvolvimento de uma medicina local, adaptada a cada uma destas zonas onde é praticada (Li *et al.*, 2019, p. 5). Estas variações da prática estão intimamente relacionadas com o clima, a possibilidade de cultivar certas plantas e outras questões próprias do local, evidenciando a relação íntima entre a disciplina e a natureza (Li *et al.*, 2019, p. 5).

Neste trabalho, a expressão “MTC” refere-se particularmente à MT praticada na China, aqui definida segundo a norma ISO/TS 22990 (2019), publicada pela Organização Internacional de Normalização (ISO), como “medicine that originated in China characterised by holism and treatment based on pattern identification and syndrome differentiation”. Do mesmo modo, a expressão “Medicina convencional” será doravante utilizada para referir a Medicina praticada no Ocidente, aqui também definida segundo a norma anteriormente mencionada (ISO, 2019): “system of evidence-based healthcare which originated in Western civilization. [...] Also called [...] biomedicine, conventional medicine, mainstream medicine and orthodox medicine.”

Nos dias de hoje, a MTC está perfeitamente integrada no sistema de saúde chinês, sendo praticada como complemento da Medicina convencional. A nível mundial, é também possível observar um aumento da prática da MTC, o que poderá ser um reflexo da sua aceitação consciente por parte dos países que habitualmente são mais apologistas da Medicina convencional. Para além disso, acompanhando o recente aumento da procura de medicinas alternativas pelos países ocidentais, que o fazem na esperança de encontrar uma solução para algo que a Medicina convencional não consegue resolver, houve uma maior necessidade de disponibilizar informação credível na área, para que os investigadores pudessem então partilhar uma linguagem de investigação comum com resultados mais firmes e valorizados no campo das ciências (Leung, 2005, p. 16).

1.1. Relevância

Na visão de Hen-Hong Chang (1997, p. 3), a investigação académica deverá utilizar uma linguagem comum, isto é, uma linguagem cujos vocabulário e significados sejam acessíveis a e utilizados por toda a comunidade científica. Apesar de o desenvolvimento académico da MTC ter uma história extensa, não tem sido fácil definir esta língua. A língua comum de que fala Hen-Hong Chang, à semelhança de outros autores, poderá não ser determinante no sucesso da aplicação da MTC pelos seus praticantes, no entanto, sê-lo-á com certeza no campo da investigação e do ensino.

Ao contrário da Medicina convencional, a MTC não funciona através de um sistema baseado em provas científicas, mas sim através de um sistema filosófico próprio (Leung, 2005, p. 16). O que se verifica é que ao longo dos anos tem havido esforços para introduzir o sistema baseado em provas científicas na MTC, contudo, tem havido igualmente uma rejeição desta metodologia por parte dos especialistas chineses, pois a Medicina convencional procura ser exata e a tradicional não é restringível do mesmo modo (Leung, 2005, p. 16). Esta divergência entre especialistas foi observada em detalhe graças à investigação etnográfica levada a cabo por Sonya Pritzker em 2014, a qual será abordada ao longo deste trabalho.

Assim, os esforços coletivos por parte dos investigadores da área, feitos na esperança de colmatar as dificuldades acima descritas, visam contribuir para a veracidade da informação na MTC a nível mundial, através da partilha de uma linguagem científica comum (Leung, 2005, p. 16). Estes esforços refletem-se materialmente em glossários, listas de palavras ou dicionários especializados.

1.2. O caso de Portugal

Neste contexto, Portugal é um país com uma posição estratégica, que poderá usufruir do desenvolvimento do conhecimento de MTC, mas é importante perceber de que forma e qual o alcance que um trabalho de investigação nesta área pode ter.

Em primeiro lugar, Portugal é um dos países ocidentais que aceita de forma consciente a prática da MTC, sendo que este tipo de medicina já se encontra enquadrada legalmente, estando sujeita a regulamentações específicas. Em Portugal, a Acupuntura e cinco práticas medicinais complementares e alternativas foram integradas no Sistema Nacional de Saúde (Zheng *et al.*, 2021, p. 6), tendo sido o primeiro país da Europa a reconhecer os profissionais de MTC, bem como a regulamentar o exercício das suas profissões, através da obrigatoriedade de uma licenciatura e de uma licença profissional para a prática de terapias da MTC (Zheng *et al.*, 2021, p. 1). Esta regulamentação exige, naturalmente, um maior cuidado e precisão nas traduções de materiais utilizados na prática e ensino de MTC, argumento que serve também como justificação da relevância deste tema para o caso português.

Em segundo lugar, Portugal mantém uma relação próxima com a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), um local de fusão das culturas chinesa e portuguesa onde a MTC é praticada desde o século XIX, e no qual a língua portuguesa ainda é valorizada na produção de conhecimento científico. Desta forma, Portugal tem uma maior facilidade em usufruir de conhecimento produzido por especialistas em Macau. Para alguns autores, e sobretudo numa perspetiva chinesa, esta poderá ser uma posição estratégica na disseminação e, conseqüentemente, na aceitação de MTC pelos países ocidentais e africanos (Zheng *et al.*, 2021, p. 2). Contudo, a presente dissertação não pretende desenvolver o assunto de uma perspetiva politicamente estratégica, mas sim contribuir para o desenvolvimento consciente de informação especializada, utilizando a tradução como um meio para atingir esse fim. Macau deve ser tido como um motor importante de transmissão de trabalho investigativo bilingue produzido localmente, muitas vezes executado por especialistas portugueses e chineses, como veremos através de exemplos concretos.

1.3. O caso de Macau

Em agosto de 2015, a RAEM criou o Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Medicina Tradicional Chinesa, tendo também reforçado o investimento em MTC, o que resulta no seu ressurgimento, marcado pela sua expansão e desenvolvimento, apoiados fortemente pelo financiamento do próprio governo (Lam, 2017, p. 160-163). Curiosamente, o aumento da prática da MTC em Macau coincide com a saída do governo

português e o aumento de habitantes chineses em 1999, ano em que os serviços de MTC começaram a ser disponibilizados no Centro de Saúde *Fai Chi Kei*, pertencente ao governo (Lam, 2017, p. 160). Em 2000 foi criado o curso de licenciatura em MTC na Universidade de Ciências e Tecnologias de Macau (M.U.S.T.) e, desde então, o número de clínicas privadas aumentou consideravelmente (Lam, 2017, p. 161). Atualmente, as investigações conduzidas em Macau distinguem-se porque procuram compreender os efeitos da MTC e da medicação à base de ervas com propriedades curativas em doenças que podem também ser tratadas com medicação ocidental, uma qualidade que existe devido à fusão de culturas pela qual Macau se diferencia (Lam, 2017, p. 161).

O objetivo do governo da RAEM é que, em breve, Macau possa ser uma plataforma mundial da investigação de MTC, através da ligação a diferentes especialistas e investigadores de todo o mundo, utilizando a sua vantagem estratégica na ligação com os países de língua portuguesa (Lam, 2017, p. 164). Este objetivo que a China tem de difundir a MTC, evidencia-se na sua procura pelo aumento da confiança e credibilidade deste tipo de medicina. Se abordarmos esta questão de uma perspectiva da tradução, teremos possivelmente de ter em conta as diferentes variantes de português que são partilhadas entre os países falantes da língua, as quais sabemos que poderão influenciar a compreensão em diferentes culturas de chegada (CC). Assim, sugere-se que os trabalhos de tradução sejam realizados com a consciência de que o problema acima referido é uma possibilidade e, por isso, deve existir a necessidade de incluir as diferentes variantes, dando-lhes o reconhecimento que merecem.

1.4. Objetivos

Na continuação da ideia introduzida nos parágrafos acima, a vontade de explorar este tema surgiu da falta de fontes credíveis para uma tradução adequada de textos de MTC. Em 2020, houve uma enorme demanda de tradução deste tipo de textos, devido às descobertas provenientes do estudo da COVID-19. Esta demanda tornou ainda mais clara esta insuficiência, sobretudo na tradução para língua portuguesa. Por este motivo, o inglês foi utilizado como língua-ponte na tradução destes documentos para português. Ainda que a quantidade de recursos na língua inglesa fosse superior, as traduções variavam frequentemente de referência para referência, evidenciando a necessidade de uma uniformização terminológica.

Esta dissertação terá como objetivo final a elaboração de um glossário trilingue composto por 50 termos de duas subespecialidades da MTC. A língua de partida (LP) será o

chinês e a língua de chegada (LC) será o português, o inglês será utilizado como língua de recurso à tradução para a LC. Após terem sido realizadas leituras sobre o tema, concluiu-se que, de momento, as opções de tradução para a língua inglesa são suficientes (Chang, 1997, p. 3; WHO, 2007, p. 2), por este motivo, acredita-se que a proposta de traduções em inglês seria contraproducente. Por outro lado, a revisão de traduções já existentes e a sua utilização como auxiliar para a tradução em português poderão contribuir para uma maior eficácia do glossário. Os 50 termos corresponderão às subespecialidades de Métodos de Diagnóstico e Diferenciação de Síndromes em MTC. Escolheram-se estas subespecialidades devido ao facto de comportarem um forte cariz cultural, natural da MTC, razão pela qual a sua tradução é uma tarefa tão complexa. Esta complexidade pode não ser tão evidente nos termos e expressões respeitantes aos Métodos de Diagnóstico, dos quais se podem extrair termos de fácil tradução, como é o exemplo de “inquérito”, “auscultação e olfação” e “diferenciação de sintomas” (Consultar glossário), mas é uma subespecialidade que se encontra diretamente ligada à Diferenciação de Síndromes, por isso, decidiu-se que ambas deveriam constar no glossário, por serem domínios interdependentes da MTC. A seleção de termos foi feita não só tendo em consideração a complexidade dos termos e expressões, mas também de acordo com traduções preexistentes na área, para que não se sugerissem novas traduções e, conseqüentemente, se contribuísse para a lista infindável de opções de tradução, o que iria contra o objetivo principal: simplificar e tornar acessíveis recursos para transmitir o conhecimento de MTC.

À semelhança das metodologias utilizadas por especialistas para elaborar aqueles que são hoje considerados os textos de referência na área, este trabalho servirá como uma tentativa de analisar e reutilizar terminologia, para produzir um novo texto na língua portuguesa. Há esta necessidade porque as investigações têm sido conduzidas sobretudo em inglês, sendo que os trabalhos em português são extremamente escassos. O mais recente glossário elaborado pela OMS (2022) inclui, de facto, uma versão em português, no entanto, há duas razões fulcrais para decidir realizar este trabalho mesmo assim: a primeira é que o glossário elaborado pela OMS ainda não se encontra acessível ao público; a segunda é que o glossário que resultará desta dissertação terá em mente não só um público-alvo específico, aprendentes de MTC falantes de português e inglês, como também as dificuldades específicas deste grupo.

Procurar-se-á responder às seguintes questões de investigação: como podem ser traduzidos para português as entradas selecionadas?; de que forma pode esta proposta ajudar a atender às necessidades do público-alvo?; quais são as melhores estratégias de tradução que

podem ser utilizadas?; de que forma pode o inglês influenciar a tradução final se for utilizado como língua-ponte?

1.5. Organização

Para cumprir os objetivos acima descritos, tomou-se a decisão de organizar a dissertação de uma forma cronologicamente coerente. Em função disso, o corpo teórico do trabalho é iniciado por uma descrição pormenorizada e cronológica dos registos bibliográficos do campo da MTC. Este capítulo tem como finalidade destacar não só todos os esforços, coletivos ou individuais, que foram feitos ao longo da história para registar o conteúdo teórico da MTC, como também as tentativas de uniformizar a sua nomenclatura. De uma forma breve, será também abordada a problemática de tradução que gira em torno da divisão ideológica entre a abordagem da Medicina ocidental e a abordagem clássica da MTC. Enquanto a da Medicina ocidental procura basear-se em provas científicas, a da MTC procura conservar as suas bases clássicas (Lim *et al.*, 2022, p. 3). Lim *et al.* (2022, p. 3) resumem estas duas abordagens como estrangeirização e domesticação, uma questão que será também discutida ao longo do “Enquadramento Teórico”.

Os capítulos seguintes da dissertação foram organizados seguindo um princípio de coerência, ou seja, introduz-se, numa primeira fase, as teorias basilares que definem a MTC, no capítulo intitulado “A Medicina Tradicional Chinesa”. Ao qual se segue o “Enquadramento Teórico”. Tal como o nome indica, neste capítulo serão descritas as bases teóricas que serviram de sustento para o desenvolvimento do trabalho. Além disso, será discutida a aplicabilidade destas teorias no contexto específico da MTC e na tradução dos termos que constituem o glossário. Para este efeito, recolheram-se perspetivas e opiniões de diferentes estudiosos da área.

Segue-se o capítulo “A Tradução de MTC”, no qual se apresentam algumas das diretrizes utilizadas na tradução de MTC, bem como as maiores dificuldades atravessadas pelos tradutores e as peculiaridades características da terminologia desta disciplina. Neste capítulo é também feita uma comparação entre diferentes tipos de público-alvo e, ainda, uma análise para compreender de que forma podem os nossos antecedentes influenciar a nossa compreensão sobre o conhecimento de MTC. Este capítulo é imediatamente seguido pela “Metodologia”, capítulo no qual se descrevem pormenorizadamente os métodos e as linhas orientadoras utilizados para a construção do glossário final. Neste mesmo capítulo, discutem-se alguns dos problemas terminológicos atravessados ao longo do trabalho e as estratégias utilizadas para os resolver.

Nos capítulos finais da presente dissertação, encontra-se o glossário, dividido em duas partes, “Quatro Métodos de Diagnóstico” e “Diferenciação de Síndromes e Tratamento”, bem como um capítulo de reflexão sobre a metodologia que efetivamente se utilizou na tradução, tendo por base as estratégias de estrangeirização e domesticação.

2. A MTC na Literatura

Este capítulo tem como objetivo entender quais os trabalhos e autores de referência que têm contribuído para o desenvolvimento da MTC. Por este motivo, será feita uma viagem cronológica desde o surgimento das obras clássicas que canonizaram o conhecimento basilar da MTC até às obras de referência da atualidade, nas quais se integram não só obras que transmitem a teoria, mas também as que se concentram na terminologia e tradução, como é o exemplo dos glossários, dicionários ou listas de palavras. Por se incluir este tipo de obras, a discussão acerca da uniformização ou não da terminologia da MTC será também abordada, visto que tem sido um dos temas mais controversos da disciplina.

2.1 Fontes

2.1.1 Fontes clássicas

Como referido anteriormente, a MTC tem as suas origens na China antiga e, por isso, a sua terminologia e base teórica contam já com uma história de cerca de 2000 anos de existência, tendo sido primeiro consagradas na obra *Huangdi Neijing* (黄帝内经 Huángdì nèijīng)¹ e nos trabalhos de Zhang Zhongjing (张仲景), nomeadamente na obra *Treatise on Cold Damage and Miscellaneous Diseases*, cujo título original é *Shanghan zabing lun* (伤寒杂病论 Shānghán zábìng lùn)² (WHO, 2007, p. 2).

A obra *Huangdi Neijing*, mencionada pela primeira vez por volta de 111 a.C., consiste num conjunto de dois textos, cada um composto por 81 capítulos e obedece a um formato de diálogo entre o Imperador Amarelo e os seus ministros. Os dois textos que compõem a obra são: *Su wen* (素问 Sùwèn), que apresenta a teoria fundamental e os métodos de diagnóstico da MTC, e *Ling shu* (灵枢 Língshū), que fala sobre a prática da Acupuntura. A obra descreve também alguns dos órgãos internos mais importantes, reflexo de uma possível prática de Anatomia à época (Wiseman, 2000, p. 100). A obra está datada entre 100 e 200 a.C., mais precisamente nos primórdios da dinastia Han (202 a.C. – 220 d.C.) (Unschuld, 2016, p. 1). Pode ser descrita como um resumo sistemático das teorias de MTC e é considerada a primeira conceção de um enquadramento teórico de MTC (Wang, 2021, p. 54).

¹ Título em português: *Princípios de Medicina Interna do Imperador Amarelo*, retirado de: <https://www.fnac.pt/Principios-de-Medicina-Interna-do-Imperador-Amarelo-Varios/a1107389> Acedido a: 01/08/23

² Título em português: *Tratado das Doenças Causadas pelo Ataque do Frio*, retirado de: <https://www.bertrand.pt/livro/tratado-das-doencas-causadas-pelo-ataque-do-frio-shang-han-lun-zhang-zhong-jing/15908623> Acedido a: 01/08/23

Por sua vez, a segunda obra mencionada, *Shanghan zabing lun*, compilada nos finais da dinastia Han, consistia originalmente numa seleção de 113 prescrições médicas organizadas em seis divisões. Foi também aqui desenvolvido pela primeira vez o princípio de diferenciação de síndromes, através da combinação de doenças, pulsação e sintomas (Wu *et al.*, 2013, p. 4). A obra sofreu reestruturações e foi novamente organizada por membros das cortes das dinastias Jin (265 – 420 d.C.) e Song (960 – 1279 d.C.).

Além dos textos mencionados, há dois outros textos clássicos importantes de referir: *The Huang Emperor's Canon of 81 Difficult Issues* (皇帝八十一难经 Huángdì bāshíyī nánjīng)³ e *The Shennong's Classic of Materia Medica* (神农本草经 Shénnóng běncǎo jīng)⁴. O primeiro, conhecido habitualmente apenas por *Nanjing*, é datado por volta de 100 d.C., contém 81 capítulos e foi elaborado com o intuito de descodificar informações enigmáticas contidas na obra *Huangdi Neijing*, referida *supra*. O segundo texto foi também compilado durante a dinastia Han, mais precisamente durante a dinastia Han Oriental (25 – 220 d.C.), e é reconhecido universalmente como o texto mais antigo sobre *materia medica*. Este texto regista 365 medicamentos e os seus efeitos, classificando-os em três categorias diferentes baseadas nos efeitos medicinais e níveis de toxicidade, sendo que cada entrada é acompanhada pelos métodos de aplicação do medicamento e, no caso de algumas plantas, de uma descrição das zonas de produção e do seu ambiente ecológico (Zhao *et al.*, 2018, p. 3). Este texto é frequentemente associado à lenda da Mitologia antiga chinesa Shennong (神农 Shénnóng), o Deus da Agricultura, que ficou conhecido na cultura popular por ter experimentado centenas de plantas, em busca de corroborar o seu efeito medicinal. Esta obra foi pioneira no desenvolvimento da teoria da Farmacêutica em MTC e foi também um primeiro guia de utilização de plantas com propriedades medicinais (Wang, 2021, p. 54).

Estas obras, juntamente com as anteriores, representam os quatro clássicos da MTC (Li *et al.*, 2019, p. 6). Considera-se que contêm o núcleo teórico que constitui as bases da Medicina chinesa e, ainda, a essência do pensamento e cultura chineses (Li *et al.*, 2019, p. 6).

Há uma última obra importante referir intitulada *Compendium of Materia Medica* (本草纲目 Běncǎo gāngmù), a qual foi compilada já nos finais do século XVI por Li Shizhen (李时珍). Esta foi a primeira obra que categorizou as ervas com propriedades medicinais cientificamente, tendo representado um importante momento no desenvolvimento da teoria da

³ Título em português segundo a tradução de Yang (2022, p. 4): *Clássico sobre Questões Difíceis*.

⁴ Título em português segundo a tradução de Yang (2022, p. 4): *O Clássico Herbático de Shennong*.

Farmacêutica em MTC (Wang, 2021, p. 54). Esta obra não é particularmente relevante para o trabalho em questão, mas é considerada uma das obras fundamentais da MTC e, por isso, ser-lhe-á dado o devido reconhecimento.

As obras clássicas representam um momento histórico de grande importância para o desenvolvimento da MTC como disciplina, bem como para a preservação da informação que sobrevive até aos dias de hoje. No que diz respeito à terminologia, os próprios caracteres chineses contidos nas obras clássicas continuam a ser utilizados atualmente nos textos de MTC, preservando ainda o seu significado clássico original (WHO, 2007, p. 2). No entanto, apesar de os clássicos da MTC continuarem a representar um lugar privilegiado como referência de confiança, por preservarem estes termos depois de tantos séculos, há autores que defendem que as referências devem acompanhar a própria evolução da MTC, uma substituição que só será possível através de publicações atualizadas e adaptadas ao mundo moderno (WHO, 2007, p. 3). Por este motivo, e de acordo com o referido na introdução do capítulo, é fulcral não só conhecer as obras clássicas, mas também as obras mais recentes que têm continuado a contribuir para a preservação, evolução e adaptação constante deste conhecimento aos tempos modernos.

2.1.2 Fontes modernas

Em retrospectiva, a disseminação do conhecimento através da literatura moderna de referência era bastante limitada. Ao contrário das Ciências no Ocidente, que combinam o latim e o grego para originar novas palavras, a MTC utilizava, e continua a utilizar, termos (ou “palavras”) que eram facilmente encontrados em dicionários generalizados. Por este motivo, o termo técnico não era visto como uma palavra distinta (Chang, 1997, p. 5).

O ponto de viragem desta situação pode ser relacionado com o aparecimento do primeiro dicionário na China, o qual foi acompanhado pelo desenvolvimento da noção de lexicografia, resultado da influência ocidental, pois até então a combinação de caracteres ainda não tinha sido vista como uma “palavra” (Chang, 1997, p. 5). 《辞源》(Cíyuán) foi o primeiro dicionário compilado na China a partir de 1908 por lexicógrafos chineses e, seis anos depois, Hsieh Kuan, estudioso da *Shanghai Chinese Medical School*, compilou a obra intitulada *The Comprehensive Chinese Medical Dictionary* (中医大词典 Zhōngyī dà cídiǎn), considerada por muitos como uma reposta às Ciências modernas (Chang, 1997, p. 3). Nos últimos anos, assistiu-se a um grande desenvolvimento nas obras de referência da MTC, com especial foco na transmissão do conhecimento para o mundo ocidental. No que toca a

estudiosos da área que não sejam de nacionalidade chinesa, pode destacar-se Nigel Wiseman, conhecido linguista oriundo do Reino Unido (Li & Li, 2022, p. 28), que, em conjunto com Feng Ye, compilou a obra *A Practical Dictionary of Chinese Medicine* (1998), cujo prefácio terá sido escrito pelo autor acima referenciado, Hen-Hong Chang. À data da sua publicação, a obra teve um papel muito importante na transmissão de conhecimento científico e especializado bilingue, contudo, esta transmissão não se verificou em ambas as direções, ou seja, a informação alcançou o público asiático, mas não teve a receção pretendida junto do público ocidental (Chang, 1997, p. 4). Esta foi, efetivamente, a primeira grande obra elaborada no Ocidente que teve como objetivo principal a uniformização terminológica, sendo composta por cerca de 10 000 termos, as suas respetivas traduções em inglês e definições, baseadas nos significados tradicionais dos caracteres (Pritzker, 2014b, p. 32).

2.1.3 Fontes atuais

Num momento posterior, à semelhança das preocupações já demonstradas por Wiseman (1998), começaram a surgir organizações cuja finalidade era o trabalho colaborativo pela uniformização terminológica em MTC, trabalho que tem sido continuamente desenvolvido até aos dias de hoje.

Nos últimos anos, podem ser destacados dois trabalhos que são mencionados por Binhua Wang (2021, p. 53) como os dois textos de referência na área: *Chinese Terms in Traditional Chinese Pharmacy* (中医药学名词 Zhōngyī yàoxué míngcí) (2005), da autoria do *National Committee for Terms in Sciences and Technologies* (CNCTST), e *International Standard of Chinese-English Basic Nomenclature of Chinese Medicine*, compilado pela *World Federation of Chinese Medicine Societies* (WFCMS) (2007). Dada a sua importância na área, nos próximos parágrafos serão feitas uma contextualização histórica e uma descrição detalhada destes textos em concreto, bem como dos que se seguiram até ao ano de 2022.

No ano de 2000, com o objetivo de legitimar a MTC como uma ciência, formou-se o *Committee for Terms in Traditional Chinese Medicine* (CTTCM) em conjunto com a CNCTST, composto por especialistas em Ciências, Tecnologia, MTC e Terminologia de nacionalidade chinesa, publicando o texto de referência anteriormente mencionado: *Chinese Terms in Traditional Chinese Pharmacy* (Pritzker, 2014b, p. 33). Este texto em específico consiste numa compilação de 5283 termos medicinais, acompanhados de traduções em inglês de forte cariz técnico; contudo a organização continua a publicar trabalhos de diversas especialidades da Medicina convencional (Pritzker, 2014b, p. 33).

Por necessidade de conduzir investigações sobre o desenvolvimento de normas para as publicações de MTC, surge a WFCMS em 2003, composta por especialistas internacionais (Pritzker, 2014b, p. 34). Através de um estudo comparativo de diversas publicações em inglês, os especialistas compilaram uma lista provisória de 6300 termos, juntamente com mais de 30 000 traduções para o inglês (Pritzker, 2014b, p. 34). Posteriormente, através de uma conferência, o grupo de especialistas conseguiu organizar uma base terminológica através desta lista provisória, que culminou na publicação do segundo texto de referência anteriormente mencionado: *International Standard of Chinese-English Basic Nomenclature of Chinese Medicine* (Pritzker, 2014b, p. 34). Este texto contém 6526 termos, bem como as suas respetivas traduções técnicas, que são alvo de revisão a cada cinco anos (Pritzker, 2014b, p. 34). Estes termos foram integrados num sistema de classificação com 21 categorias, que estão divididas entre Teoria Geral de MTC, Teorias Fundamentais de MTC, Diagnósticos e Métodos Terapêuticos, entre outras (Wang, 2021, p. 57).

Coincidentemente, no ano de 2007, houve também uma colaboração entre a *American Association of Acupuncture and Oriental Medicine* (AAAOM), a OMS e diversos académicos, que procurou relacionar os termos especializados em uso com os termos definidos no documento *WHO International Standard Terminologies on Traditional Medicine in the Western Pacific Region* (IST-WPR) (2007), da OMS (Pritzker, 2014b, p. 31).

No ano de 2022, a OMS publicou, também, um glossário extenso de MTC em inglês, compilando vocabulário relativo às suas teorias fundamentais; à terminologia de diagnóstico, síndromes e constituição; e, por fim, aos princípios de tratamento, métodos e terapias. Este glossário tem cerca de 451 páginas compostas por um total de 3415 termos originais chineses, integrando também os respetivos *pinyin*, tradução para inglês e definição. Estas categorias, juntamente com as da WFCMS, serviram de modelo para a escolha de termos e expressões presentes no glossário com origem nesta dissertação.

As discussões que geram tema nesta área de estudo divergem entre os argumentos dados por especialistas ocidentais, que associam a MTC às medicinas integrativas, e os argumentos dados pelos especialistas orientais, que aproximam a MTC da Medicina convencional. Um argumento utilizado muitas vezes por especialistas de MTC para proteger a credibilidade da disciplina é o facto de o seu conteúdo ser ancestral, no entanto, há autores que utilizam este mesmo argumento para provar o contrário. Ping-chung Leung (2005, p. 15) defende que, apesar de haver um dever de reconhecer a importância do passado cultural, “the

historical value of Chinese medicine in China and some parts of Asia should not be used as the only important evidence of efficacy”. Defende também que a utilização de registos históricos como forma de comprovar a eficácia da MTC exige muito tempo e inúmeros recursos, que em última instância irão conduzir a frustrações na investigação (Leung, 2005, p. 15). Através destes argumentos, Ping-chung Leung e Charli Chang-li Xue uniram-se na criação de uma publicação em série intitulada *The Annals of Chinese Medicine*, cujo objetivo é fornecer à comunidade científica informação atualizada e proveniente de fontes de referência, bem como modernizar a MTC (Leung, 2005, p. 15). Esta modernização da MTC é feita no sentido de acompanhar os avanços científicos das Ciências Biomédicas (Leung, 2005, p. 15).

2.2 Trabalhos desenvolvidos na língua portuguesa

Relativamente a trabalhos produzidos para a língua portuguesa, no ano de 2020, foi apresentado pela Universidade Politécnica de Macau o compêndio de *Terminologia de Interpretação (Chinês-Português/Português-Chinês): Medicina Tradicional*, da autoria de Sun Yuqi, representando uma inovação importante para as comunidades portuguesa e chinesa, pois inclui um extenso vocabulário terminológico de MTC em ambas as línguas. Este trabalho colaborativo, composto por investigadores chineses e portugueses, é um exemplo concreto da capacidade que a RAEM tem no desenvolvimento do conhecimento de MTC bilingue, do qual a comunidade de investigadores, praticantes e aprendentes em Portugal poderá também usufruir. Este compêndio é composto por uma secção de terminologia chinês-português e uma de terminologia português-chinês; uma secção dedicada a pontos de acupuntura; a caracteres chineses; orientações para a sua utilização; e, por fim, uma nota explicativa sobre a noção de *Zang-Fu*.⁵

Ainda na esfera da língua portuguesa, foi também recentemente publicado um outro documento de referência elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no âmbito da obra previamente referida, *WHO International Standard Terminologies on Traditional Chinese Medicine* (2022), com versão em português. Este documento consiste num glossário e encontra-se dividido em múltiplas secções, cada uma com uma extensa lista de vocabulário

⁵ Órgãos *Zang-fu* (脏腑 zàngfǔ) é um termo que se refere ao conjunto dos cinco órgãos-*zang*, seis órgãos-*fu* e órgãos-*fu* extraordinários. A teoria *zang-fu* descreve a função de cada órgão e as suas inter-relações, bem como as suas relações com os fatores externos climáticos, que se manifestam no interior do organismo (Li *et al.*, 2019:27).

especializado. Contudo, tal como mencionado anteriormente, não é ainda acessível ao público em geral.

2.3 Uniformização terminológica em MTC

Tal como referido nos capítulos introdutórios, mais precisamente no que procura explicar a relevância deste trabalho na atualidade, as compilações de listas de palavras surgiram pelos esforços de especialistas que procuravam uniformizar a linguagem de investigação, e que procuravam igualmente uma forma de trazer o conhecimento a um público que poderia, ou não, ter conhecimentos da língua e da cultura originais. Estes esforços revelaram um outro problema, com o qual a área da tradução de MTC se depara atualmente, que pode ser ilustrado através da perspetiva que levou à elaboração de um dos glossários de referência deste campo, IST-WPR (2007). Partindo de um princípio semelhante ao de Hen-Hong Chang (1997, p. 3), referido anteriormente, aquando da elaboração do glossário mencionado, os autores referiram que o problema não era a escassez de terminologia equivalente especializada na língua inglesa, pelo contrário, havia demasiadas palavras disponíveis que podiam ser utilizadas como termos equivalentes na língua chinesa, o que levava a uma discrepância na utilização de vocabulário por académicos e profissionais da área. Por esta razão, os autores procuraram contribuir para a uniformização de vocabulário especializado, o que resultou, por sua vez, na elaboração do glossário em questão (WHO, 2007, p. 2).

Além deste assunto, um outro problema que as bases terminológicas de MTC podem ter está inteiramente ligado à longa história da disciplina. As traduções dos termos de MTC sofreram já várias alterações até aos dias de hoje, seja através de transcrições ou da sua tradução para diferentes termos equivalentes, que ocorreram desde o momento em que foram apresentadas nos textos clássicos até aos textos atuais, o que pode levar a equívocos no momento de aprendizagem ou em contextos de investigação (Ng *et al.*, 2022, p. 51). Conscientes deste problema, um grupo de investigação, composto por Hui-Ping Ng, Yu-Chen Lee, Iona McDonald e Bih-Cheng Chen, dedicou-se à revisão terminológica da teoria de meridianos e colaterais⁶, tendo como ponto de partida a obra clássica *Huangdi Neijing*, obra primordial anteriormente referida. Após a análise desta terminologia original, o grupo de investigadores criou propostas de tradução para a língua inglesa e comparou-as

⁶ Teoria de Meridianos e Colaterais – É uma teoria que acredita que os pontos meridianos e colaterais (经络 jīngluò) são um sistema importante na manutenção da vida e na formação e tratamento de doenças (Song Xiao-jing *et al.*, 2021, p. 527). Os canais deste sistema são responsáveis pela condução de fluidos e essências que influenciam o bem-estar do organismo. São frequentemente associados à prática de Acupuntura.

posteriormente com as traduções preexistentes (Ng *et al.*, 2022, p. 51). A investigação materializou-se num glossário e descrição dos canais de meridianos e colaterais, como um guia de orientação para a uniformização deste vocabulário específico (Ng *et al.*, 2022, p. 57). Este estudo foi exemplo prático de uma metodologia inovadora na área, pois recorreu-se a uma fonte original para elaborar a proposta de tradução, ou seja, os termos foram diretamente traduzidos da sua fonte original. Esta metodologia foi posta em prática com o objetivo de evitar transformações ou perdas de sentido que ocorrem, inevitavelmente, através da tradução ao longo da história. No entanto, os estudiosos envolvidos na investigação fazem questão de salientar o facto de ser um processo muito exigente em termos de tempo, por isso, estes constrangimentos levaram-nos a limitar a investigação à referida subespecialidade da MTC (Ng *et al.*, 2022, pp. 50-57).

Ainda na questão da elaboração de glossários, um estudo de 2021 preocupou-se não só em compreender as dificuldades que os aprendentes de MTC apresentam ao longo da sua aprendizagem, mas também de que forma é que os glossários que têm vindo a ser elaborados na área podem ser melhorados (Lu *et al.*, 2021, pp. 71-101). Em primeiro lugar, este estudo demonstrou que tanto o grupo de estudantes chineses, como o grupo de estudantes ocidentais têm dificuldades na aprendizagem de vocabulário técnico de MTC, durante o estudo da disciplina (Lu *et al.*, 2021, pp. 71-101). Para os estudantes ocidentais, esta dificuldade pode ser justificada através do facto de o vocabulário técnico de MTC ser geralmente composto por palavras com sentido metafórico, ou seja, o aluno teria de desenvolver competências que lhe permitissem compreender o contexto em que a palavra se insere, não podendo interpretá-la segundo o seu sentido literal (Lu *et al.*, 2021, p. 75). Voltar-se-á a este ponto no subcapítulo dedicado ao público-alvo (Consultar página 59). Em segundo lugar, o facto de muitas das listas de vocabulários compiladas ao longo dos anos serem demasiado extensas, dificulta a sua utilização no momento de aprendizagem e, muitas vezes, chega mesmo a exigir ajuda especializada para as compreender (Lu *et al.*, 2021, p. 74).

Através das conclusões deste estudo, podemos compreender que os glossários que já foram referidos nesta dissertação apresentam listas de palavras extensas e que essa pode ser uma condicionante na sua utilidade prática, sobretudo num contexto de sala de aula. Ainda que estes glossários tenham sido realizados de forma exímia, foram elaborados com a intenção de alcançar um público-alvo vasto, que poderá incluir diversos tipos de especialistas da comunidade, como investigadores, formandos, praticantes, entre outros (WHO, 2022, p. 5). Por oposição, o público-alvo da investigação suprarreferida é bastante mais restrito, e

coincide com o da presente dissertação: aprendentes de MTC. Este público não tem necessariamente de saber falar chinês, por isso, a existência de textos bilíngues especializados pode tornar textos de referência facilmente acessíveis a estes estudantes (Chang, 1997, p. 4).

Ainda no domínio da uniformização terminológica de MTC, há, pelo menos, mais dois autores que devem ser referidos: Xie Zhufan e Li Zhaoguo. Os dois autores, juntamente com Wiseman, mencionado anteriormente, contribuíram profundamente para a uniformização terminológica da MTC. Xie Zhufan é diretor honorário do *Beijing Institute of Integrated Chinese and Western Medicine*, tendo compilado o *Chinese-English Traditional Chinese Medicine Classification Dictionary* (1994) (Li & Li, 2022, p. 28). Li Zhaoguo é linguista, à semelhança de Wiseman, sendo o seu foco em MTC, Cultura e Tradução (Li & Li, 2022, p. 28). É conhecido não só pelos seus dicionários, mas também pela sua obra *TCM Translation Skills* (1996), na qual explica os princípios de tradução em MTC (Li & Li, 2022, p. 28).

2.4 Consequências

É sabido que a comunidade académica da MTC discorda no que diz respeito à uniformização terminológica da disciplina. Por isso, Pritzker (2014, p. 27) investiga esta questão mais pormenorizadamente num artigo publicado em 2014, no qual reúne quatro casos em que a língua e a terminologia se manifestam em contextos interativos de discussão, tais como conferências ou momentos de teorização acerca deste assunto em particular, ou ensino de MTC, recorrendo a uma metodologia de investigação etnográfica. A investigação tem como objeto de estudo conferências norte-americanas e chinesas acerca do tema da uniformização terminológica, que ocorreram ao longo de um período de dez anos (Pritzker, 2014b, p. 27). O problema que persiste é o seguinte: a Ásia confronta-se com o facto de a MTC não ser valorizada como uma prática medicinal pela comunidade das Ciências Biomédicas no Ocidente, por sua vez, o próprio Ocidente confronta-se com o facto de os praticantes de MTC terem uma formação mais semelhante à das medicinas complementares e alternativas (Pritzker, 2014b, p. 27).

Em termos práticos, esta situação reflete-se na tradução de MTC para outras línguas em vários sentidos. Um deles é, por exemplo, através do uso de terminologia das Ciências Biomédicas para traduzir termos médicos asiáticos de uma forma generalista, isto é, sem discernir as variações terminológicas que acontecem dentro dos próprios países asiáticos, como a Coreia do Sul, o Japão, o Vietname ou a China, onde se praticam diferentes formas de MT (Pritzker, 2014b, p. 27). Outro é a oposição à criação de novas palavras que possam ser mais exatas comparativamente às que estão atualmente em uso. Pritzker (2014, p. 28) usa o

exemplo de “补” (bǔ), que é traduzido habitualmente para “tonify”, quando o termo “supplement” seria mais preciso no significado. Outro exemplo ainda é o debate sobre a propensão, ou não, para um termo das Ciências Biomédicas quando existe um equivalente direto na LC, ou seja, se se deve ou não retirar a conotação cultural no momento da tradução quando há um termo técnico que reflita com precisão o significado e sentido do termo original (Pritzker, 2014b, p. 28). Por fim, se se devem priorizar os especialistas asiáticos de MT ou os especialistas nativos da LC no planeamento de uniformização terminológica (Pritzker, 2014b, p. 28).

Li & Li (2022, p. 30) apontam também dois outros problemas que a uniformização terminológica pode criar. Em primeiro lugar, acreditam que a utilização de termos padronizados em MTC elimina os múltiplos significados que cada termo comporta. Em segundo lugar, acreditam que a uniformização terminológica descarta as conotações culturais típicas da nomenclatura de MTC, explicando-o da seguinte maneira (Li & Li, 2022, p. 30):

Unlike the English alphabet, each Chinese character has its unique shape, own pronunciation, and special connotations. Understanding the multiple meanings of each word will certainly help to better understand the terminology, each word in TCM terms has heavy cultural connotations and multiple meanings, and these terms are difficult to translate. And if a word with rich meaning is fixedly translated into a corresponding English word, it is inevitable that the original meaning will not be explained in place.

Segundo o artigo de Pritzker, há diferenças significativas na perspetiva da comunidade académica que defende a uniformização, e organizações como a OMS e a WFCMS que, apesar de defenderem a uniformização para ultrapassar dificuldades como a comunicação, a autenticidade e o acesso digital, são organizações internacionais e, portanto, estruturas de poder que nunca serão totalmente desprovidas de intencionalidades políticas na criação de documentos oficiais, comparativamente à comunidade académica independente, situação que complexifica o trabalho de cooperação (Pritzker, 2014b, p. 32).

Através deste capítulo, é possível compreender que ao longo dos anos tem havido numerosos esforços no desenvolvimento da MTC, por um lado, através da uniformização terminológica, visando a sua inclusão no panorama médico em vigor, por outro, para que a MTC seja mais acessível à comunidade de aprendentes, que se confrontam com a utilização de opções de tradução diversas para os mesmos termos (Pritzker, 2014b, p. 26). A comunidade académica concentrou-se ainda na criação de uma lista de referência, com o

objetivo de associar todos os termos utilizados nos diferentes textos em língua inglesa aos seus equivalentes em chinês e à lista terminológica compilada pela OMS (Brand, 2014, *apud* Pritzker, 2014b, p. 31). Contudo, esta é uma questão muito mais profunda do que se julga inicialmente, que pode ser influenciada por nuances culturais, políticas e linguísticas que dividem os especialistas chineses e ocidentais. Se, por um lado, se pretende aproximar a cultura e a língua chinesas através da tradução, por outro os termos originais terão de sofrer uma transformação negociada para poderem ser adaptados a uma outra cultura local (Pritzker, 2014b, p. 26; Liu (1995) *apud* Pritzker, 2014b, p. 31).

Em suma, o desenvolvimento de normas de uniformização é visto pela comunidade académica como um passo fundamental para a globalização da MTC, no entanto, e apesar de todos os esforços, realizados por organizações ou por académicos independentes, a tradução destes termos, que comportam valores e conceitos de cariz cultural, permanece sem sistema padronizado de regras para a tradução. (Pritzker, 2014b, p. 26).

3. A Medicina Tradicional Chinesa

É crucial para esta dissertação saber qual a origem da MTC, as bases que sustentam os seus princípios e as suas diversas formas de aplicação. Como tal, durante o próximo capítulo serão abordadas de uma forma sintética as principais teorias da MTC, bem como os conceitos que terão importância para a elaboração do glossário terminológico.

A MTC é definida por Li *et al.* (2019, p. v) como “classical medical system with Chinese characteristics that are closely integrated with astronomy, geography, and humanities.”. Terá surgido da combinação de várias escolas de pensamento, desde o período pré-Qin (221 a.C.) aos primórdios da dinastia Han (202 a.C. – 220 d.C.), sendo executada não só como uma prática medicinal, mas também como um sistema teórico com pensamento, métodos de diagnóstico e tratamento próprios (Li *et al.*, 2019, p. 5).

Na China antiga e imperial (221 a.C. – 1911 d.C.), as teorias de *Yin-yang* (阴阳 yīnyáng) e dos Cinco Movimentos (五行 wǔxíng) eram conceitos centrais do pensamento médico e terapêutico, frequentemente utilizados para compreender e justificar os fenómenos e transformações do universo, dentro dos quais se incluía o funcionamento do corpo humano, o surgimento de doenças ou os seus métodos de tratamento (Lo *et al.*, 2022, p. 13). Estes conceitos e teorias nucleares cristalizaram-se durante o período da dinastia Han, que preservou a MTC através dos seus manuscritos tal como a conhecemos atualmente (Lo *et al.*, 2022, p. 13). Sabe-se que já na dinastia Han tinham sido elaboradas quatro obras fundamentais sobre MTC, referidas previamente no capítulo “MTC na Literatura”, as quais abordavam não só a teoria, mas também a prática, nomeadamente apelando a métodos seguros de tratamento de doenças. Sabe-se também que já desde a dinastia Zhou Ocidental (ca. 1046 – 771 a.C.) existiam quatro categorias diferentes de médicos, sendo elas nutricionista, médico clínico, médico de decocções e veterinário (Wang, 2021, p. 54).

3.1 Origem e Pensamento Filosófico

Tendo em conta que a MTC é um sistema teórico com pensamento próprio, Wiseman (2000, p. 99) afirma, então, que a MT como se conhece atualmente não nasceu de forma espontânea, mas sim de uma mudança no pensamento filosófico e na forma de ver a saúde e o bem-estar do corpo humano. Enquanto anteriormente se relacionava a causa de doenças com a existência de espíritos malignos, por volta do século II a.C., há uma evolução no conhecimento do corpo humano e na compreensão dos fatores que afetam o seu bem-estar (Wiseman, 2000, p. 99).

A transformação no pensamento da época está intimamente relacionada com o fim do período dos Reinos Combatentes (475 – 221 a.C.), durante o qual a instabilidade no quotidiano se refletia na forma como as doenças, as suas prevenções e tratamentos eram experienciadas (Unschuld, 1985, p. 51). Após o declínio da dinastia Zhou (1046 – 256 a.C.), a medicina de correspondência sistemática obteve um desenvolvimento considerável, o que, na visão de Unschuld (1985, p. 51), ocorreu pela vontade de ultrapassar o caos resultante do período dos Reinos Combatentes. Esta foi uma repercussão da instabilidade vivida, que refletia as novas ideias e panorama sociopolítico (Unschuld, 1985, p. 51). A medicina de correspondência sistemática reunia crenças como a ideia da união com a natureza, a teoria de *Yin-yang* e a teoria dos Cinco Movimentos (Unschuld, 1985, p. 51).

Desde os primórdios da civilização que os nossos antepassados acreditavam que os seres vivos estavam conectados à natureza por um ciclo evolutivo, focando-se no conhecimento sobre Astronomia, nomeadamente sobre os ciclos astronómicos, como as estações, o dia e a noite, as migrações de animais, entre outros (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294). A observação destes ciclos serviu de orientação para os hábitos da época, como a caça, a plantação e a colheita, atividades em torno das quais a civilização chinesa da antiguidade vivia (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294).

Na MTC, o clima, ao qual os seres vivos estão intimamente ligados, foi sempre considerado um agente provocador de doenças (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294). As energias exteriores do clima podiam também ser interiores, sendo que cada uma delas exercia uma influência diferente no organismo (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294). Para obter a cura, em busca da harmonia e saúde, teriam de ser respeitadas as leis do universo (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294).

O surgimento deste novo conhecimento é acompanhado pelo novo pensamento filosófico taoista, que relaciona então a saúde às leis naturais de *Tao* (道 dào)⁷; assim, passou a ser possível entender que estas condições ambientais, que acompanham as estações do ano, tinham influências na saúde e no bem-estar humanos, ou seja, passaram a ser considerados como fatores etiológicos externos (Wiseman, 2000, p. 100; Ayán, 2017, p. 38).

⁷ *Tao* (道 dào) – Termo basilar da ideologia filosófica preconizada na obra “Tao Te Ching” (道德经 Dàodé jīng) de Lao Tzu, traduzido de forma generalizada para “o caminho”. O taoísmo tem a sua própria vertente da MTC, denominada Medicina Taoista (Ping & Dong, 2021, p. 1).

Segundo a MTC, estas condições externas ambientais podem ser seis e são comumente denominadas “六邪” (liùxié) em chinês, “six evils” em inglês, termo que poderá ser traduzido para português por “seis males”. Estes seis males consistem nas forças climáticas que se seguem: o vento (风 fēng), o frio (寒 hán), o calor (暑 shǔ), a humidade (湿 shī), a secura 燥 (zào) e o fogo (火 huǒ) (Ayán, 2017, p. 42). De um modo geral, estas forças são consideradas naturais e só afetam a saúde quando são extremas ou repentinas, ou ainda quando o sistema imunitário se encontra vulnerável, expressando-se no corpo humano na forma de patologias (Ayán, 2017, pp, 35, 41). Cada uma destas forças está relacionada com uma estação do ano e poderão agir individual ou coletivamente. O vento, por exemplo, é proeminente no inverno e primavera, enquanto o calor o é durante o verão, a humidade durante o verão tardio e a secura durante o outono (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294).

A crença de que estes fatores exógenos têm um impacto direto na saúde e no bem-estar humanos está ligada à teoria dos Cinco Movimentos e, por conseguinte, à teoria de *Yin-yang* (Ayán, 2017, p. 38). Estas teorias serão explicadas em maior detalhe na continuação do capítulo.

Contudo, sabe-se atualmente que estes fatores não determinam com exatidão a existência de doenças; há outros fatores envolvidos. Ayán (2017, p. 39) ilustra esta questão através de um exemplo concreto e relacionado com a atualidade, o de pessoas que vivem em locais onde o clima é frio, pois as suas dietas, vestuário e costumes diários estão já adaptados a este tipo de clima, para que possam suportar as condições mais adversas. Devido à sua capacidade de adaptação, as pessoas que vivem nestas condições poderão então criar alguma resistência às doenças mais comuns neste tipo de clima (Ayán, 2017, p. 39).

Assim como atualmente há formas de adaptação a estas adversidades, durante os séculos II e I a.C., começou também a haver este interesse, por exemplo através de uma alimentação regulada, pois todas as evidências demonstravam que um corpo que não fosse cuidado de forma adequada, seja por excessos ou insuficiências, era mais facilmente perturbado pelos fatores externos acima mencionados (Wiseman, 2000, p. 100). Além disso, já se considerava que estas mudanças na temperatura tinham a capacidade de penetrarem o corpo humano e de se hospedarem em determinadas partes do organismo (Wiseman, 2000, p. 100). Assim, as doenças só poderiam ser travadas através da existência de uma proteção do organismo ou da eliminação destas doenças hospedadas, restaurando e harmonizando as funções do corpo humano (Wiseman, 2000, p. 100).

De facto, na antiguidade chinesa (ca. 6000 a.C. – 220 d.C.)⁸, mais precisamente aquando do surgimento da MTC, ou seja, antes da dinastia Han (202 a.C. – 220 d.C.), era já possível para a civilização chinesa compreender a função biológica de determinados órgãos internos através de atividades biológicas externas, como afirma Wiseman (2000, p. 100). Contudo, esse conhecimento de Anatomia permanecia incompleto, sobretudo porque não se praticava de forma similar à Medicina convencional, ainda que se saiba que a obra *Huangdi Neijing*, tal como referido anteriormente, descrevia alguns dos mais importantes órgãos internos do corpo humano, de forma relativamente vaga, o que leva autores como Wiseman (2000, p. 100) a afirmar que a civilização chinesa da antiguidade praticava já algum tipo de dissecação rudimentar. A falta de desenvolvimento na Anatomia deveu-se ao facto de não haver permissão para manipular o corpo de outrem, entendimento que é justificado pelo pensamento filosófico confucionista (Wiseman, 2000, p. 100), o qual continua a exercer uma influência enorme na cultura e no pensamento chineses.

Este desconhecimento profundo do funcionamento fisiológico interno do corpo humano, fez com que a MTC se concentrasse no que é exterior ao organismo, o que resultou nas teorias descritas ao longo dos próximos subcapítulos.

3.2 Princípios fundamentais de MTC

Nos parágrafos anteriores, foi possível entender as origens do pensamento filosófico que fundamenta a MTC e, por isso, este capítulo irá agora debruçar-se sobre os princípios mais importantes que fundamentam a MTC.

Segundo Ayán, quando avaliamos a causa de uma doença segundo a MTC, precisamos de avaliar a relação de causalidade, a qual não é linear, mas sim o resultado de “una suerte de relaciones de cosas, acciones, conceptos, entidades que tienen algo en común y por ello reaccionan.” (2017, p. 29). A constatação da autora conduz-nos a um dos princípios básicos da MTC: o pensamento da Unidade entre o Ser Humano e a Natureza “天人合一、形神一体” (“Tiānrén héyī, xíngshén yītǐ”) (Liu *et al.*, 2018, p. 325). Este pensamento representa a convicção de que o indivíduo é considerado como um todo em corpo-mente-emoção-espírito e, ainda, de que todas as partes do indivíduo se encontram intimamente relacionadas, tal como referido anteriormente (Ayán, 2017, p. 31). Assim, é importante reconhecer a MTC como o

⁸ Para determinar os limites temporais desta época definiu-se a antiguidade chinesa como o período entre o Neolítico (ca. 6000 – 1750 a.C.) e a dinastia Han (202 a.C. – 220 d.C.). Disponível em: <https://www.khanacademy.org/humanities/art-asia/imperial-china/neolithic-art-china/a/an-introduction-to-ancient-china>. Acedido a: 05/07/23.

resultado de uma combinação entre as Ciências Naturais e as ciências sociais, mais que isso, perceber que esta prática medicinal valoriza a coexistência harmoniosa entre a humanidade e a natureza (Li *et al.*, 2019, p. 5). É uma medicina holística, o que significa que o seu tratamento envolve a totalidade da pessoa, os seus sintomas, a sua constituição, física e psicológica, através do restabelecimento do equilíbrio e harmonia do organismo (Flaws & Finney, 1996, p. 2). Quando há uma rutura neste contexto de sintonia, ou seja, quando há um desequilíbrio, as doenças persistem (Ayán, 2017, p. 31).

3.2.1 Teoria dos Cinco Movimentos ou Cinco Elementos

A teoria dos Cinco Movimentos (五行 wǔxíng), frequentemente traduzida para “teoria dos cinco elementos”, em português, ou “five elements theory”, em inglês, é uma teoria que consiste nas interações e alterações que ocorrem dentro das cinco categorias de fenómenos, representadas pelas seguintes substâncias: madeira (木 mù), fogo (火 huǒ), terra (土 tǔ), metal (金 jīn) e água (水 shuǐ) (WHO, 2022, p. 3).

Em conjunto, estas substâncias explicam o mundo natural, as conexões entre as coisas e os fenómenos e entre estes e o organismo, sendo que estes elementos estão ligados aos cinco órgãos-*zang* por meio dos meridianos que, por sua vez, conectam todo o corpo através destes pontos em locais específicos (Li *et al.*, 2019, p. 17). Esta teoria reflete a ideia de totalidade entre o ser humano e a natureza, explorando as relações de interdependência entre os cinco elementos e os órgãos (Li *et al.*, 2019, p. 17).

Cada uma destas substâncias tem características que lhe são associadas: a madeira caracteriza-se pela qualidade de crescimento, pela cor azul ou verde e está associada à vesícula biliar, ao fígado e à estação da primavera; o fogo, pela qualidade de aquecimento e de brilho, pela cor vermelha, está associado ao coração, ao intestino delgado e ao verão; a terra, pela sua capacidade de suporte e acolhimento e qualidades de transformação e regeneração, está associada ao baço e estômago, à cor amarela e ao verão tardio; o metal, pela qualidade de revolução, purificação e adstringência, está associado ao pulmão, ao intestino grosso e à estação do outono; e a água pelo frio, pela sua capacidade de retenção, está associada ao inverno, à cor preta, aos rins e à bexiga (Li *et al.*, 2019, p. 17; Yin *et al.*, 2010, p. 23; Li, 2008, p. 983).

Algumas das relações que estas substâncias estabelecem entre si podem ser de promoção (相生 xiāngshēng) e restrição (相克 xiāngkè), entre outras, e podem funcionar

bidirecionalmente através do que se denominam relações mútuas. Um exemplo concreto deste tipo de relações é o seguinte: a madeira restringe a terra, regulando-a através das raízes das árvores; a terra restringe a água, contendo-a através dos seus canais de água; a água restringe o fogo, regulando-o; o fogo restringe o metal, na medida em que o domina; e o metal restringe a madeira, quando é utilizado para a cortar (Li, 2008, p. 984). Por outro lado, a relação de promoção acontece porque a madeira promove o fogo, o fogo promove a terra, a terra promove o metal, produzindo-o, e o metal promove a água, condensando-a (Li, 2008, p. 984).

Acima foram referidas duas opções de tradução, sendo a primeira “teoria dos cinco movimentos”, cuja tradução do carácter “五” é “cinco” e a do carácter “行” é “movimento”, “circulação” ou “ação”; e a segunda, “teoria dos cinco elementos”, que se encontra profundamente ligada à ideia dos quatro elementos da Grécia Antiga, na qual a combinação destes materiais dava origem à variedade material existente no mundo (Wiseman, 2000, p. 103). No entanto, contrariamente à ideia preconizada na Antiguidade Clássica, os cinco movimentos chineses representam diferentes tipos de atividade, depois configuradas por estes materiais. Assim, a tradução mais fiel à língua original será “cinco movimentos” ou “cinco fases”, em português, e “five phases” em inglês, visto que se encontra de acordo com a noção de movimento original (Wiseman, 2000, p. 103).

3.2.2 Teoria de *Yin-yang*

O equilíbrio de que se falou acima conduz-nos a outro dos princípios da MTC, pois manter o equilíbrio do nosso corpo e mente é, também, manter a dinâmica entre o *yin* e o *yang* (Ayán, 2017, p. 30). *Yin-yang* (阴阳 yīnyáng) é um dos conceitos filosóficos chineses mais antigos e representa a coexistência de dois lados em oposição, das coisas ou dos fenómenos, sendo que cada um destes lados tem características específicas associadas presentes na natureza (Li *et al.*, 2019, p. 13).

Ao acompanhar a evolução do pensamento, esta teoria, à semelhança da própria MTC, converteu-se numa doutrina determinista, o que a afastou das crenças ligadas à magia e a aproximou do cosmo (Wiseman, 2000, p. 102). Desta forma, todas as coisas e fenómenos do universo passaram a ser associados a opostos complementares, podendo cada um deles ser *yin* ou *yang*, sendo que esta categorização era feita de acordo com a sua natureza e com a relação e interação estabelecida entre os opostos (Wiseman, 2000, p. 102). O *yin* corresponde ao feminino, passivo, ao negro e, por sua vez, o *yang* corresponde ao masculino, ativo e claro. Juntos correspondem às duas energias que se fundem e se dividem nos fenómenos do mundo

real (WHO, 2007, p. 13). “The harmony of *yin* and *yang* inside the body is by no means merely a matter of the body enclosed under the skin but of correspondence with the configuration of *yin* and *yang* forces in the universe” (Lo *et al.*, 2022, p. 17).

A teoria descreve, então, a oposição em união, que constitui tudo o que existe no universo e veicula a lei universal da vida humana. As relações estabelecidas entre estes opostos complementares são incorporadas em interações como oposição mútua e restritiva, mútua dependência e independência, mútuo aumento e diminuição, entre outras, mas sobretudo uma transformação de caráter mútuo que se expressa pelos cinco movimentos, tal como evidenciam Li *et al.* (2019, p. 13). A classificação de partes do corpo humano, órgãos internos ou substâncias fisiológicas como *yin* ou *yang*, bem como os seus movimentos dentro do corpo, serviu para compreender processos fisiológicos internos primários, mais precisamente a relação estabelecida entre estes órgãos (Wiseman, 2000, p. 102). A teoria de *yin* e *yang* estende-se, por isso, às áreas da estrutura humana, fisiologia, patologia, diagnóstico, prevenção e tratamento (Wang, 2021, p. 59).

3.2.3 Teoria de *qi* – energia vital

O conceito de *qi* (气 qì) é geralmente acompanhado pela tradução explicativa “energia vital” ou traduzido para português como “*qi* essencial” e é um dos conceitos fundamentais da MTC. Refere-se a uma substância ou energia existente no corpo humano, que é responsável pela manutenção das atividades essenciais à vida (Wang, 2021, p. 58). A dinâmica de harmonia do nosso corpo é o resultado de um equilíbrio na circulação do *qi*, do estado das substâncias vitais, do sangue e dos cinco elementos (Ayán, 2007, p. 30).

O *qi* original (元气 yuánqì) é então esta fonte principal que transmite a força necessária para a manutenção das atividades dos órgãos *zang-fu*, é nutrido ao longo da vida e distribuído por todo o corpo, é o agente promotor das atividades fisiológicas dos órgãos e meridianos (Li *et al.*, 2019, p. 4). Em suma, é o material que representa a base do crescimento e desenvolvimento humanos (Li *et al.*, 2019, p. 3).

Contudo, o *qi* pode ser entendido de três formas diferentes, sumariadas por Li *et al.* (2019, p. 2), a primeira é a referida nos parágrafos acima, ou seja, uma energia que constitui o corpo humano e regula as suas atividades orgânicas; a segunda na sua forma de conceito filosófico ancestral; e a terceira como um tipo de *qi* que causa doenças, denominado *qi* patogénico. Por isso, após as doenças se manifestarem no organismo, a maneira pela qual se

podem interpretar e, conseqüentemente, tratar os sintomas é através da compreensão do desequilíbrio do *qi*, posteriormente encontrando o tratamento adequado (Hicks *et al.*, 2014, p. 3).

Na comunidade científica, é de acordo geral que não há equivalente possível na Medicina ocidental, por este motivo recorre-se à romanização (ou transliteração)⁹ do termo original, sendo que a mesma já foi alvo de alterações ao longo dos anos (Li *et al.*, 2019, p. 2; Wiseman, 2000, p. 9) Na obra *Acupuntura Constitucional dos Cinco Elementos* (2011), a tradutora para português do Brasil, Maria Inês Garbino Rodrigues, optou por selecionar três opções de tradução, acompanhando-as das respectivas referências: “‘energia’ (Porkert, 1982), ‘influências’ (Unschuld, 1992) ou ‘alentos’ (Larre & Rocchat de la Vallée, 1995)” (Hicks *et al.*, 2014, p. 3).

3.2.4 Quatro Métodos de Diagnóstico

Através da história, é possível traçar os registos sobre os métodos de diagnóstico e tratamento em MTC ao período das Primaveras e Outonos (ca. 770 – 475 a.C.) e ao período dos Reinos Combatentes (ca. 475 – 221 a.C.), estando eles mais precisamente ligados a Bian Que (扁鹊), conhecido por ser o médico que os fundou (Wang, 2021, p. 54). Bian Que determinou os quatro métodos de diagnóstico em MTC, em chinês “四诊” (sìzhěn): inspeção/observação (望诊 wàngzhěn), auscultação e olfação (闻诊 wénzhěn), inquérito (问诊 wènzhěn) e palpação (切诊 qièzhěn) (Wang, 2021, p. 54). A expressão “四诊”, cuja tradução já foi referida anteriormente, pode ser traduzida literalmente para “quatro”, que corresponde ao carácter “四” (sì), e diagnósticos, que corresponde ao carácter “诊” (zhěn), assim, é possível observar que cada um dos diagnósticos contém individualmente o carácter “诊”, resumindo assim a ideia dos quatro métodos de diagnóstico, sendo que o primeiro carácter de cada um dos métodos define qual o método em questão.

A subespecialidade dos Métodos de Diagnóstico é responsável pelos procedimentos e práticas de observação de pacientes, ou seja, através da observação dos seus sintomas ou de outros sinais, determinam-se as doenças ou as síndromes (WHO, 2007, p. 9). Os autores Flaws & Finney (1996, p. 3), resumiram estas quatro fases da seguinte forma: no momento da inspeção/observação, o médico irá observar os olhos, a tez facial, o peso, a área afetada e a língua, nomeadamente a sua cor ou textura; no momento da auscultação e olfação, o médico

⁹ Este método será discutido detalhadamente na página 49.

irá procurar sinais de odores ou excreções, irá analisar a qualidade e volume da voz, da respiração, da tosse ou pieira; a fase de inquérito é quando o médico questiona o paciente acerca da causa dos sintomas, poderá também questionar acerca do sono, energia, temperatura corporal, apetite, entre outras funções do organismo; por fim, na fase da palpação, o médico irá procurar sentir não só a região afetada, mas irá também medir o pulso na zona da artéria radial.

3.2.5 Diferenciação de Síndromes e Tratamento

No que diz respeito aos princípios fundamentais de diferenciação de síndromes e tratamento, a sua criação, conforme mencionado anteriormente, é atribuída à obra de Zhang Zhongjing, *Treatise on Cold Damage and Miscellaneous Diseases*, que temporalmente se situa na dinastia Han Oriental (25 – 220 d.C.) (Wang, 2021, p. 54).

Na língua chinesa, esta subespecialidade da MTC designa-se por “辨证论治” (Biàn zhèng lùn zhì), uma expressão que foi analisada por Yang Chenchen (2022, p. 7) carácter a carácter da seguinte forma: “辨 significa diferenciar ou identificar [...]; e 证 significa generalização de etiologia de um estado da progressão de doenças ou de um tipo de doenças [...]; 论 significa discutir e 治 significa tratamento”. Esta diferenciação é, então, feita através da observação de sinais que, quando interligados, se manifestam no paciente como um “padrão”, também traduzível para “síndrome”, ou seja, uma doença.

Geralmente, esta expressão é traduzida no seu todo como “tratamento com base na identificação de padrões” (Yang, 2022, p. 7) ou “diferenciar os sintomas e discutir o tratamento” (Sun, 2020, p. 124), mas estes são apenas alguns dos exemplos possíveis. Na língua inglesa, é geralmente traduzido para “treatment based on pattern identification”, havendo também uma segunda sugestão de tradução que consiste na substituição de “identification” por “differentiation” (WHO, 2022, p. 49), possibilidade já referida acima.

A expressão não pode ser dividida porque ambos os elementos, diferenciação de síndromes e tratamento, são indissociáveis no momento da sua aplicação (Yang, 2022, p. 7). Além disso, segundo os princípios da MTC, o mesmo diagnóstico poderá resultar em tratamentos diferentes, ou seja, dois diagnósticos iguais poderão receber tratamentos diferentes se o “padrão” identificado assim o exigir, por outro lado, dois diagnósticos diferentes poderão necessitar do mesmo tratamento se o “padrão” identificado for o mesmo (Flaws & Finney, 1996, p. 1). As expressões chinesas que refletem este princípio são as

seguintes: “同病异治” (Tóng bìng yì zhì), traduzida literalmente para “mesma doença, tratamentos diferentes”, ou “异病同治” (Yì bìng tóng zhì), traduzida literalmente para “duas doenças, mesmo tratamento” (Flaws & Finney, 1996, p. 1). Em MTC, o tratamento de cada paciente é inicialmente baseado no “padrão” que é identificado e os critérios que definem o padrão de diagnóstico provêm da informação recolhida aquando da avaliação do paciente, a qual é feita segundo os quatro métodos de diagnóstico (Flaws & Finney, 1996, pp. 1-3).

Aqui jaz a grande diferença entre a Medicina convencional e a MTC, pois quando observados por um médico de MTC, os pacientes poderão ver a sua pulsação ser medida múltiplas vezes, tal como a sua língua a ser examinada, atravessando todas as fases de diagnóstico, até que todas estas informações sejam finalmente reunidas, numa abordagem que envolve a totalidade da pessoa (Lam, 2017, p. 159). Por sua vez, a Medicina convencional opta por uma abordagem mais focada na doença específica, procurando o tratamento ideal com base na doença (Lam, 2017, p. 159), não no paciente.

4. Enquadramento Teórico

Num mundo fortemente marcado pela crescente globalização, a necessidade de estabelecer comunicação transcultural é frequente e, para o fazer eficazmente, a tradução e os tradutores são uma forma essencial de a veicular (Guo, 2019, p. 199).

Atualmente, como já mencionado, a MTC está a ter cada vez mais palco no panorama internacional, atraindo a atenção dos públicos estrangeiros, o que inevitavelmente envolve a atividade da tradução (Guo, 2019, p. 199). A qualidade da tradução é uma característica que pode então exercer uma influência, negativa ou positiva, no entendimento de instrumentos culturais pelas comunidades estrangeiras, intensificando a importância da atividade do tradutor (Guo, 2019, p. 199). Assim, a qualidade da tradução pode ser uma condicionante para a internacionalização de qualquer instrumento cultural (Guo, 2019, p. 199), sendo que, para o presente trabalho, o foco é de que forma pode a tradução afetar a internacionalização da MTC e a sua receção por parte das diferentes CC ocidentais.

4.1 Tradução Cultural

Falar de tradução em MTC requer obrigatoriamente que se fale de questões culturais inerentes à língua, pois as nossas convicções, refletidas no momento da comunicação, situam-se social, cultural e historicamente (Maitland, 2017, p. 6). Já Lawrence Venuti (2008, p. 14) explica, eloquentemente, que a atividade da tradução não é a comunicação pacífica de um texto estrangeiro, é sim uma interpretação, constringida por detalhes como a audiência a que se destina ou as situações culturais ou institucionais nas quais o texto irá circular e ser utilizado. Por isso, é importante que se fale do conceito de “tradução cultural”, que é cada vez mais atual. Não é um termo meramente linguístico ou cultural, mas um termo interdisciplinar (Liang & Xu, 2019, p. 306). A tradução cultural é o meio pelo qual se produz e se interage no mundo multicultural e globalizado da atualidade, nos panoramas culturais, políticos e sociais (Liang & Xu, 2019, p. 306). É um termo abrangente que pode ser explorado em diferentes vertentes ou contextos atuais que nos permitem fazer sentido da realidade.

Sarah Maitland (2017, p. 4), autora do livro *What is Cultural Translation?*, parte da seguinte premissa:

If, in other words, the things we say and do communicate only our unique construction of the particular time and space in which we find ourselves – then when human beings communicate with one another, whether directly or indirectly, we participate in mutually assured regimes of constructedness by which nothing in the world can be spoken of and nothing can be said that does not already exist outsider of our own modes of construction.

De facto, se a comunicação, utilizada para exprimir o que está na nossa mente é o fruto de um conjunto de determinadas circunstâncias espaciotemporais, então entender o outro é participar num diálogo cujo significado é acordado entre as diferentes partes envolvidas, de forma satisfatória para ambas (Maitland, 2017, p. 4). Para o fazer com sucesso, ter-se-á de sair fora daquele conjunto de circunstâncias, o qual Maitland (2017, p. 4) denomina *contingent domain of understanding*, e reconhecer que o outro pode perceber o mundo de forma diferente. Estar ciente de que os outros percebem o mundo de maneira diferente é reconhecer esta diferença e, simultaneamente, aceitar que há mais verdades do que a que nos é familiar (Maitland, 2017, p. 4).

Assumir a existência de diferentes perspetivas, é também aceitar que o pensamento e a língua estabelecem uma relação de íntima proximidade, ou seja, o pensamento funciona como a base da língua que se fala e a língua, por sua vez, é a mensageira do pensamento (Jin & He, 2013, p. 6). Utiliza-se a língua para expressar ou comunicar o pensamento, “thinking is the abstract reflection of objective things which exists in human mind” (Jin & He, 2013, p. 6), o que remete para a ideia preconizada por Schleiermacher na obra *On the Different Methods of Translating (Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens)* (1813), que será posteriormente mencionada na página 50 da presente dissertação.

Maitland (2017, p. 5) prossegue o seu raciocínio explicando que a nossa existência não é feita em contextos separados, é sim interdependente das nossas relações com os outros e, por isso, “if we are constructing-beings in a world of constructing-others, then the worldview that we hold is simply one worldview among many.” A partir do momento em que aceitamos esta ideia, destruímos os limites que nos são familiares e somos obrigados a aceitar palavras ou ideias que nos são totalmente desconhecidas, isto tem, naturalmente, um impacto em nós: faz-nos questionar não só a nossa construção e percepção do mundo, mas também o que achamos que sabemos sobre nós próprios (Maitland, 2017, p. 5).

Inspirada por Ricœur, filósofo e pensador francês proeminente no período da II Guerra Mundial, e a sua obra *Reflections on a new ethos for Europe* (1996), Maitland (2017, p. 5) explica por palavras simples que para uma tradução bem-sucedida, devemos ter a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, replicando, através do processo de imaginação, a existência, o pensamento e o sentimento do outro e, concomitantemente, reconhecendo a nossa incapacidade de os compreender. Portanto, o ato de tentar ou falhar no alcance de uma convergência mútua entre duas línguas diferentes é um testemunho da divergência característica das próprias relações humanas (Scott-Baumann, 2010, p. 69). Desta forma, a

atividade da tradução pode ajudar-nos a aceitar que as pessoas podem ser diferentes de nós, aproximando-nos da ideia de tolerância pelo outro (Scott-Baumann, 2010, p. 69). É assim que a abordagem cultural da tradução pode contribuir de diferentes maneiras no panorama sociopolítico mundial atual.

Quando transportados para a MTC, estes conceitos podem facilitar a nossa abertura à existência de uma vertente da Medicina que pode não ser a que estamos habituados a confiar e, ainda, que esta vertente da Medicina não tem de ser aceite ou rejeitada, mas sim entendida como um sentido de narrativa flexível e mutável da perspetiva identitária do outro (Maitland, 2019, p. 5). Na realidade, estes conceitos podem ser adaptados a qualquer elemento cultural de uma nação, grupos ou culturas.

4.2 Tradução Técnica

No seu livro *Technical translation: usability strategies for translating technical documentation* (2006, p. 8), Jody Byrne define o que é técnico como algo que está ligado à tecnologia e, assim, a tradução técnica como uma atividade na qual o conhecimento científico é transmitido para ser aplicado na prática, baseando-se na definição do *Oxford English Dictionary*. Wang (2021, p. 63) sintetiza esta mesma ideia caracterizando os textos científicos e técnicos como textos informativos, que requerem uma tradução cuja finalidade é veicular informação de forma objetiva.

Ainda assim, há que perceber o que caracteriza uma disciplina técnica. Byrne (2006, p. 3) faz uma distinção interessante quando contraria uma das suposições feitas acerca das disciplinas técnicas: “Just because there is a specialised terminology, doesn’t make something technical”. De facto, ainda que a MTC tenha a sua terminologia especializada, não significa que toda ela seja exatamente técnica. Anteriormente, foi parcialmente introduzida a temática relativa às diferenças terminológicas entre a nomenclatura médica ocidental, cuja formação de palavras se baseou nas raízes greco-romanas, e a nomenclatura da MTC, cujas palavras e expressões resultam de metáforas baseadas na observação da realidade. De acordo com Byrne (2006, pp. 3–4), e partindo do pressuposto de que na Medicina convencional a terminologia é tão específica, o tradutor encontra menos dificuldades a encontrar os termos especializados na LC comparativamente aos termos mais comuns. No entanto, esta situação acontece dependendo dos pares de língua com os quais o tradutor está a trabalhar (Byrne, 2006, pp. 3–4). Portanto, reconhecendo a natureza polissémica e metafórica da terminologia especializada da MTC, dificilmente se poderá aplicar o pensamento lógico de Byrne na tradução de MTC. Assim, a terminologia é importante para reconhecer um texto técnico, mas não é a única nem

a mais importante característica pela qual este se deve definir (Byrne, 2006, p. 3), como se poderá verificar pelo exemplo descrito infra.

Lu *et al.* (2021, p. 73) serviram-se de diversos estudos que avaliavam a presença de vocabulário técnico em inglês em materiais de diferentes disciplinas. No caso da MTC, através da investigação de Lu e Coxhead (2020), mencionada por Lu *et al.* (2021, p. 73), cujo objeto de análise foi um *corpus* de MTC composto por textos, obras e artigos científicos, os investigadores concluíram que o vocabulário de inglês especializado de alta frequência¹⁰ estava presente em mais de 75% desse conjunto de textos, sendo que o uso de estrangeirismos, como *qi*, e de termos médicos, como *rhizoma*, ocupava mais 6% (Lu *et al.*, 2021, p. 73). O problema destes termos especializados de alta frequência em MTC é que são também polissémicos e comuns na linguagem do quotidiano, particularidade terminológica previamente destacada, o que significa que são detentores de uma aparente familiaridade; isto é, o significado técnico que representam no contexto da MTC não é o mesmo que representam no seu uso corrente (Lu *et al.*, 2021, p. 73).

Portanto, para traduzir terminologia de MTC, o tradutor tem de superar a polissemia e a ambiguidade e, simultaneamente, veicular não só a informação que se encontra no texto original, como torná-la acessível ao leitor da CC. Byrne (2006, p. 7) afirma que o tradutor técnico é responsável por traduzir com a consciência de que a informação será perceptível e utilizada de forma correta, mas isso pode resultar em alterações. No caso específico da MTC, o texto final pode muitas vezes distanciar-se do texto original, na medida em que há uma tentativa, por parte do tradutor, de que o conteúdo seja culturalmente perceptível para o público-alvo.

4.2.1 Caso de estudo

Após uma análise intensiva, feita através de dois textos de referência em MTC, aos quais se fez referência na página 20 do presente trabalho, Wang (2021, p. 62) pôde observar que nestes textos, de uma forma geral, foram utilizados com maior frequência os seguintes métodos de tradução: transliteração de termos culturalmente inexistentes no Ocidente; decalque por tradução literal de termos não perceptíveis no Ocidente; tradução sentido por sentido para termos existentes no Ocidente; transliteração para medicamentos patenteados; e,

¹⁰ Lu *et al.* (2021, p. 73) explicam que, segundo Nation (2016), “technical vocabulary occurs through high (first 1,000-3,000), mid (4,000-8,000) to low (9,000 onwards) frequency bands in English”. Por este motivo, utiliza-se a expressão “alta frequência” à semelhança de Lu *et al.* para especificar termos que aparecem frequentemente em contextos técnicos.

por fim, utilização de termos do latim ou de termos correntes para medicamentos fitoterápicos. Após esta análise, Wang concluiu que o primeiro, o quarto e o quinto métodos eram o resultado da aplicação da tradução técnica; enquanto o segundo e terceiro métodos resultavam da aplicação da tradução cultural. Passa a citar-se a explicação dada por Wang (2021, p. 63) acerca desta análise final:

While the former puts more emphasis on standardization of terminology featuring the objective and literal rendition of technical content, the latter refers to those practices of translation “that mediate cultural difference, or try to convey extensive cultural background, or set out to represent another culture via translation” (Sturge 2009: 67). The latter also pays more attention to features like culturally specific items or “further-reaching differences in the assumed contextual knowledge that surrounds the text and gives it meaning” (Sturge 2009: 67), as well as metaphors and analogy that are typical of TCM discourse.

Concluindo esta linha de pensamento, pode afirmar-se que a atividade de tradução em MTC é uma combinação de princípios e estratégias de tradução cultural e técnica, pois, tal como observado, a tradução de terminologia especializada em MTC não é puramente técnica (Byrne, 2006, p. 3; Wang, 2021, p. 63). Posto isto, as estratégias de tradução cultural são aplicadas com o intuito de transmitir os conteúdos ou conotações culturais existentes nos textos e veiculá-las de uma forma que alcance a compreensão dos leitores, complementando, simultaneamente, a informação de carácter técnico (Wang, 2021, p. 63).

4.3 Tradução Médica

A tradução médica é descrita por Vicent Montalt & Maria González Davies (2015, p. 25) como um tipo de tradução que é determinada pela função que pretende desempenhar, que se ajusta às diferenças culturais e cujo propósito é simplificar a comunicação. É um tipo de tradução que transmite conhecimento proveniente de diversas especialidades (Montalt & González Davies, 2015, p. 25). Por este motivo, o tradutor de textos médicos deve ter uma preocupação especial com a complexidade e exatidão da informação, a qual é complementada por um conhecimento exímio da disciplina e das suas diferentes especialidades (Montalt & González Davies, 2015, p. 26). Além disso, é um tipo de tradução que pode estar presente em diferentes situações comunicativas, ou seja, pode ser utilizada num contexto investigativo entre especialistas da área, mas também entre profissionais de saúde, entre estes e os seus pacientes e com o público em geral (Montalt & González Davies, 2015, p. 27).

A tradução médica deve também cumprir rigorosamente o código deontológico, pois a informação que se transmite é de enorme responsabilidade e pode ter consequências,

negativas ou positivas, na vida, saúde e bem-estar de um pessoa (Montalt & González Davies, 2015, p. 29). Este código deontológico restrito é uma das razões pelas quais a MTC tem sido dificilmente aceite pela comunidade médica ocidental.

Por todas as razões acima mencionadas, o processo de tradução médica é uma atividade exigente que pode ser dividida em diversas etapas. Montalt & González Davies (2015, p. 31) resumem-nas da seguinte forma:

[...] reading and understanding the source text; compiling a glossary; drafting the target text; revising and editing the target text; proofreading; reviewing the translation by the client; formatting; reviewing the galley; delivering the final document to the client.

No capítulo “Metodologia”, discutir-se-ão quais os passos seguidos para concluir a tradução desenvolvida ao longo desta dissertação.

4.4 Terminologia Médica

No que diz respeito à terminologia, geralmente, a tradução médica exige que o tradutor esteja familiarizado com termos técnicos específicos em diferentes línguas, o que o capacitará, por certo, a solucionar problemas de cariz terminológico (Montalt & González Davies, 2015, p. 26). Montalt & González Davies enumeram alguns destes problemas, tais como: “neologisms, synonyms, polysemy, register mismatches”.

Estes problemas enumerados pelos autores são extensíveis à própria MTC. O uso recorrente de metáforas, por exemplo, é uma questão também analisada por Montalt & González Davies (2015, p. 130), que as descrevem da seguinte forma: “Metaphors are useful devices for explaining and focusing on specific aspects of complex objects and processes”. De facto, as metáforas são um recurso para explicar algo abstrato e transpô-lo numa experiência trivial (Brown, 2003, p. 29 *apud* Montalt & González Davies, 2015, p. 130). Esta qualidade é também o que as torna tão difíceis de traduzir: é possível transpor esta experiência para uma CC sem eliminar por completo a experiência da CP? Na MTC, as metáforas, expressões idiomáticas e referências culturais têm geralmente uma conotação social, cultural e emotiva muito forte, por vezes praticamente intraduzível, obrigando o tradutor a recorrer a outras estratégias. Por vezes, é possível encontrar uma correspondência direta entre o termo do TP e o do TC, através de palavras individuais ou de expressões que veiculam um sentido igual; por outro lado, podem ser encontradas palavras que correspondem apenas parcialmente e detêm outros significados (polissemia), falsos cognatos ou uma inexistência absoluta de

correspondência (Montalt & González Davies, 2015, p. 202). Estes exemplos serão analisados ao longo da dissertação.

Montalt & González Davies (2015) resumem um conjunto de diretrizes para a tradução médica perfeitamente organizado que inclui um número elevado de diferentes situações complexas, com as devidas estratégias e recursos para as solucionar. No que diz respeito a referências culturais, Montalt & González Davies (2015, p. 300) aconselham o contacto com especialistas e uma pesquisa analítica de publicações sobre o tema, como objetivo de explorar as diferentes abordagens utilizadas na LP e na LC consoante as situações comunicativas e, numa fase posterior, aplicar estratégias de tradução cultural, tais como: “exoticism, cultural borrowing, calque, transliteration, communicative translation, cultural transplantation [...]”. Para expressões idiomáticas e metáforas, Montalt & González Davies (2015, p. 302) sugerem recursos semelhantes aos referidos anteriormente e estratégias de tradução como a utilização de uma expressão idiomática ou metáfora na LC cujo significado e forma são semelhantes ao original, ou semelhante em significado, mas diferente na forma; paráfrase; omissão; compensação; reformulação; tradução por paráfrase com vocabulário não relacionado; ou tradução por ilustração. Para os falsos cognatos, sugerem a consulta de artigos sobre o tema e a compilação de uma lista de utilização pessoal destes mesmos termos, na tradução aconselham o uso da palavra exata ou da paráfrase (Montalt & González Davies, 2015, p. 302).

Dado que os autores acima referenciados não discutem as especificidades da tradução terminológica de MTC, destaca-se o trabalho de Wang (2021, pp. 61–62), que propõe a utilização de um conjunto de princípios deliberados pela ISO em *Terminology work – principles and methods* (ISO 704) (2000, pp. 25–27)¹¹, para traduzir terminologia em MTC. Os títulos de cada um dos princípios listados abaixo foram o resultado de uma tradução livre a partir do inglês. No seu trabalho, Wang (2021, pp. 61–62) optou por destacar os títulos a itálico, mas neste trabalho optou-se por destacar a negrito.

- 1) **Princípio de transparência** – Deve ser parcialmente deduzível o significado de um termo sem a sua definição;
- 2) **Princípio de consistência** – Devem recolher-se termos que sejam coerentes dentro do sistema da disciplina em que se inserem;

¹¹ Estas normas sofreram atualizações em julho de 2022: ISO 704 (2022) *Terminology work – principles and methods*. Disponível em: <https://www.iso.org/standard/79077.html>.

- 3) **Princípio de apropriação** – Devem formar-se termos de acordo com os padrões já praticados na área;
- 4) **Princípio da derivação** – Deve dar-se preferência a termos que possibilitam a criação de palavras derivadas;
- 5) **Princípio da precisão linguística** – Os termos devem respeitar as normas morfológicas, sintáticas e fonológicas de uma determinada língua;
- 6) **Princípio da economia linguística** – Deve dar-se preferência a termos concisos.

Na sua análise, Wang (2021, p. 62) conclui que os dois textos de referência em que se baseou utilizaram estes princípios nos seus trabalhos. Por este motivo, na compilação do glossário presente nesta dissertação, procurou-se seguir, quando possível, uma linha ideológica semelhante.

4.5 Modelo de Tradução de Vinay & Darbelnet

O modelo proposto por Vinay & Darbelnet, na sua obra *Comparative Stylistics of French and English – A Methodology for Translation* (1995) foi essencial para a tradução do vocabulário selecionado. Nas palavras de Vinay & Darbelnet (1995, p. 8), os métodos propostos neste livro podem ser utilizados na atividade profissional tradução, mas também em contextos comunicativos diferentes, como a tradução para a educação e tradução para a investigação linguística.

Na sua obra, Vinay & Darbelnet (1995, p. 17) fazem referências aos níveis de linguagem, os quais devem ser tidos em conta pelo tradutor para que se possa preservar o tom do texto a ser traduzido. É então neste subcapítulo que os autores exemplificam algumas das categorias que exigem diferentes registos, tais como a linguagem escrita, a linguagem falada, a linguagem técnica, entre outras, bem como os marcadores que podem ser reconhecidos para expressar essa tonalidade, como palavras especiais, sintaxes específicas ou ordem de palavras (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 17). Servindo-se da terminologia de Saussure (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 17), os autores admitem a existência de dois pontos de vista distintos – *accepted usage and vernacular* e *aesthetic and functional* – contrastando os pares entre si. Partindo do primeiro ponto de vista acima mencionado, os autores prosseguem com uma análise linguística de termos que podem ser considerados formais e os seus equivalentes “comuns”, como “deceased/dead” ou em português “falecido/morto” (1995, p. 18). Assim, concluem que estas utilizações podem ser influenciadas consoante o contexto ou o período em

que se encontram, apesar de sofrerem alterações com o decorrer do tempo (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 18). Através do segundo ponto de vista, os autores contrastam a estética com a funcionalidade, admitindo que a linguagem vernacular pode ser aperfeiçoada até alcançar os níveis da linguagem escrita, literária ou poética, o que também pode ocorrer na direção inversa (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 18).

Para complementar estes dois polos, há ainda o nível linguístico utilizado por disciplinas específicas, o qual exige um tipo de linguagem prática, que não se concentra na estética (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 18). Este é o tipo de linguagem em que a MTC se pode inserir, apesar de incluir outros requisitos, o que se deve ao facto de a sua terminologia especializada ser constituída maioritariamente por palavras genéricas na língua chinesa. Além disso, o tipo de linguagem utilizado na MTC permanece inalterado desde a sua origem, tendo sido perpetuado desde os grandes clássicos até às obras mais modernas (Consultar A MTC na Literatura). De facto, estas características destacam-se visivelmente nas versões já traduzidas para línguas estrangeiras, nas quais o vocabulário vai sofrendo alterações de forma constante e vai, também, obedecendo a um nível linguístico próprio do jargão das Ciências Biomédicas. Estas decisões estão diretamente associadas ao tradutor, tema que será discutido sob a perspetiva de Lawrence Venuti.

4.5.1 Metodologia de Tradução

Para conseguirem transmitir a mensagem do TP para o TC, os tradutores devem refletir acerca de detalhes como a identificação das unidades de tradução através da examinação do TP, a compreensão da situação que levou àquela necessidade comunicativa e a avaliação dos recursos estilísticos, entre outros (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 30). Vinay & Darbelnet (1995, p. 31) partem do princípio de que é possível efetuar dois métodos de tradução: direta e oblíqua.

O primeiro consiste num tipo de tradução em que existe a possibilidade de traduzir palavra a palavra para a LC, ou porque é possível estabelecer um paralelismo na categoria de palavras, ou porque há conceitos paralelos e podem destacar-se os seguintes procedimentos: empréstimo, decalque e tradução literal (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 31). Na MTC, a tradução direta pode ser uma possibilidade, no entanto, devido às diferenças entre a língua chinesa e as línguas estrangeiras, como inglês ou português, haverá sempre alguma alteração de ordem sintática ou semântica. Além disso, a utilização da tradução direta em textos de

MTC criará inevitavelmente a necessidade de utilizar notas de rodapé ou explicações, como forma de tornar o texto mais acessível à CC (Pritzker, 2018, p. 467).

4.5.2 Empréstimo

Quando existe um conceito na LP que é desconhecido para a CC e se verifica a impossibilidade de encontrar um termo equivalente na LC, utiliza-se o termo original sem tradução (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 32). Este empréstimo é feito com o intuito de veicular o significado original pretendido, ainda que possa ser utilizado também para efeitos estilísticos. Desta forma permite-se que a CC experiencie maior proximidade da cultura original durante a leitura (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 32). Um exemplo concreto de utilização deste método de tradução na MTC são as expressões *yin-yang* e *qi*; a primeira é utilizada recorrentemente pela comunidade leiga e especializada, a segunda é utilizada frequentemente pela comunidade especializada.

4.5.3 Decalque

Decalque é um procedimento que faz parte da orientação geral da tradução direta (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 32). É posto em prática quando surge a necessidade de utilizar uma forma de expressão que não existe na LC e, assim, através de uma tradução literal de cada um dos elementos da expressão, introduz-se um novo conceito na CC (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 32). O decalque pode ter duas variações: o decalque lexical que reproduz a estrutura sintática da LP; e o decalque estrutural que introduz uma nova construção na LC (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 32). Anteriormente, na página 41 da presente dissertação, foi mencionado um estudo realizado por Wang (2021, p. 62) que verificava a utilização deste procedimento regularmente na tradução de termos ou expressões de MTC.

4.5.4 Tradução Literal

A tradução literal é um procedimento que consiste na transferência direta, palavra a palavra, do TP para o TC (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 33). Quando há uma concordância no pensamento e estrutura linguísticos da LP e da LC é possível pô-lo em prática (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 34). Contudo, é um procedimento no qual é necessária a atenção do tradutor, pois a posição em que se encontram determinadas palavras poderá dar um sentido totalmente diferente à frase (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 35). Na MTC, é possível observar a utilização desta estratégia na tradução de termos como “寒” (hán), traduzido para “cold” ou “frio”, ou “湿” (shī) traduzido para “dampness” ou “humidade” (Wiseman, 2000, p. 126).

Quando não se verificam as situações acima descritas, fenómeno a que os autores chamam de “lacuna”, a tradução necessita de elementos adicionais, recorrendo-se ao método de tradução oblíqua, da qual podem destacar-se os seguintes procedimentos: transposição, modulação, equivalência e adaptação (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 31). No âmbito deste trabalho, foram utilizados os seguintes procedimentos de tradução oblíqua: modulação, adaptação e transposição.

4.5.5 Modulação

Este procedimento pressupõe a variação do ponto de vista da mensagem transmitida, ou seja, se uma frase for traduzida literalmente e estiver gramaticalmente correta, mas for considerada inadequada na LC por outras razões, então dever-se-á recorrer a este procedimento (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 37). Um exemplo presente no glossário final deste trabalho é o da expressão “寒包火” (Hán bāo huǒ), traduzida para inglês pela OMS (2022, p. 94) para “cold enveloping fire”. Na tradução para inglês manteve-se a perspetiva da expressão original: o frio abraça o fogo; contudo, na tradução para português optou-se por “fogo envolto em frio”, alterando a perspetiva na procura de uma frase mais adequada à língua portuguesa.

4.5.6 Adaptação

Este procedimento é utilizado quando o conteúdo transmitido pela LP é desconhecido da CC, por isso, utilizam-se situações que possam ser consideradas equivalentes às descritas no texto original, como forma de transmitir a mensagem eficazmente (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 39). A referência cultural é, então, alterada, como no seguinte exemplo: a expressão chinesa “假神” (jiǎ shén), traduzida literalmente em inglês para “false spirit” (WHO, 2022, p. 51), foi traduzida por Sun (2020, p. 52) para “vitalidade falsa”. Os tradutores da OMS optaram por uma tradução literal, mais fiel ao conceito original, mas Sun optou por uma tradução que fizesse mais sentido na LC e, neste caso, a noção de “vitalidade”, como uma situação, será facilmente mais perceptível na cultura ocidental.

4.5.7 Transposição

Este é um procedimento no qual se substitui uma palavra de uma classe gramatical na LP, para uma palavra de classe gramatical diferente na LC (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 36). Vinay & Darbelnet (1995, p. 36) diferenciam dois tipos de transposição, o primeiro é a transposição obrigatória e o segundo é a transposição opcional. No âmbito deste trabalho, houve necessidade de recorrer à transposição na tradução de duas expressões. A primeira foi

“辨病” (biàn bìng), “辨” é um verbo em chinês, mas quando traduzido para português passou a ser o nome “diferenciação”. A segunda foi “结脉” (jié mài), “结” em chinês é um nome e na tradução para português transformou-se no adjetivo “nodoso”. Ambos os exemplos serão descritos em maior detalhe no último capítulo da presente dissertação (Consultar página 89).

4.6 O Modelo de Loh Dian-Yang

Este modelo foi primeiramente descrito na obra *Translation: Its Principles and Techniques*¹² (1958) de Loh Dian-yang (Zhang & Pan, 2009, p. 354). Loh criou o seu modelo de tradução tendo em vista a tradução de línguas com antecedentes culturais distantes e de famílias diferentes, ou seja, cuja formação de palavras, morfologia e sintaxe fossem profundamente distintas (Zhang & Pan, 2009, p. 367).

Zhang & Pan (2009, p. 354) salientam que, à semelhança de Vinay & Darbelnet, Loh fez a distinção entre dois métodos de tradução, tradução literal (直译 zhíyì) e tradução livre (意译 yìyì), contudo propôs os seguintes princípios/técnicas de tradução: transliteração, formação de novos caracteres, omissão, amplificação, repetição, conversão, inversão e negação.

As técnicas de conversão, inversão e decalque de Loh aproximam-se dos procedimentos de transposição, modulação e empréstimo de Vinay & Darbelnet, respetivamente (Zhang & Pang, 2009, p. 366). No entanto, para a tradução de nomes ou conceitos estrangeiros (inexistentes culturalmente) para chinês, Loh propôs as seguintes técnicas: transliteração; transliteração semântica; transliteração combinada com tradução semântica; tradução simbólica com explicação semântica; formação de novos caracteres na tradução de termos técnicos (Zhang & Pan, 2009, p. 356).

O modelo de Loh foi feito a pensar na tradução de outras línguas para chinês, mas é possível colocá-lo em prática na situação inversa. Desta forma, a transliteração é um método que pode ser utilizado para corrigir possíveis lacunas culturais resultantes de outros métodos de tradução, ou seja, quando a tradução livre ou literal não são suficientes para traduzir termos ou expressões médicas com conotações culturais fortes para outras línguas, pode recorrer-se à transliteração (Zhang & Dong, 2020, p. 4). Este método é feito através da utilização de

¹² Título original da obra em chinês: 《英汉翻译的理论及技巧》(Yīnghàn hù yì shíjiàn jìqiǎo) (1958).

*pinyin*¹³, introduzindo assim um novo conceito na CC. É uma forma de empréstimo, como já mencionado, visto que os estrangeirismos se preservam através da sua utilização corrente na LC, até chegarem ao ponto de serem adotados pela CC.

4.7 Proposta de Lawrence Venuti (1995)

O raciocínio feito por Venuti, na sua obra *The Translator's Invisibility* (1995), é importante para este trabalho porque se debruça sobre questões intrinsecamente ligadas às possíveis consequências que a tradução pode ter sobre o texto original e, igualmente, sobre os cuidados que o tradutor deverá ter para as minimizar. Venuti (2008, p. 14) afirma que o tradutor, no momento da tradução, é obrigado a eliminar aspetos naturais do TP, que passam por desconstruir e reconstruir a estrutura base característica da LP para a LC, por isso, após o processo de tradução, as relações entre o TP e os significados culturais próprios da LP são permanentemente alterados, agora inseridos em códigos e ideologias da cultura para a qual se traduz. “Translation is the forcible replacement of the linguistic and cultural differences of the foreign text with a text that is intelligible to the translating-language reader” (Venuti, 2008, p. 14).

À semelhança das preocupações demonstradas por Maitland, Venuti (2008, p. 14-15) fala sobre os efeitos violentos da tradução, a que chama de “violência etnocêntrica”. A tradução tem a capacidade de construir identidades para culturas que nos são estrangeiras, tem a capacidade transgressiva de veicular discursos ideológicos, bem como outros elementos característicos estrangeiros, que potenciam a autorreflexão do público de chegada (PC), lançando dúvidas sobre questões culturalmente dominantes na LC, mas tem também a capacidade para ser responsável por questões como “ethnic discrimination, geopolitical confrontations, colonialism, terrorism, war” (Venuti, 2008, p. 14-15). Contudo, o tradutor tem a liberdade de tomar decisões que podem diminuir os efeitos negativos da tradução e essas escolhas dependem inteiramente de si. Venuti (2008, p. 19) alude a Schleiermacher (1813) e à sua ideia de levar o autor ao encontro do público, ou de levar o público ao encontro do autor, duas ideias que deram origem a duas estratégias de tradução: estrangeirização e domesticação, respetivamente. Nas palavras de Venuti (2008, p. 19):

The terms “domestication” and “foreignization” indicate fundamentally ethical attitudes towards a foreign text and culture, ethical effects produced by the choice of a text for

¹³ *Hanyu Pinyin* (汉语拼音 Hànyǔ pīnyīn) – sistema de registo gráfico, com recurso a letras do alfabeto latino, da oralidade do mandarim aprovado em 1958 (Mai *et al.*, 2022, p. 44).

translation and by the strategy devised to translate it, whereas terms like “fluency” and “resistancy” indicate fundamentally discursive features of translation strategies in relation to the reader’s cognitive processing.

4.7.1 Estrangeirização

A estrangeirização na tradução contempla as diferenças do texto estrangeiro, dando primazia aos códigos culturais da língua original, ou seja, na tradução há um desvio das convenções da CC para aproximar o leitor do autor sem que a sua escrita seja adulterada e, assim, o leitor experienciar o texto de uma forma que não lhe é tão familiar (Venuti, 2008, pp. 15-16).

Na opinião de Venuti (2008, p. 16), a estrangeirização procura limitar as consequências da já referida “violência etnocêntrica” da tradução. “Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.” (Venuti, 2008, p. 16). De facto, esta estratégia de tradução permite que os elementos linguístico-culturais de uma cultura estrangeira sejam preservados aquando da tradução e, ainda, que sejam transmitidos à CC, que, por sua vez, tem a possibilidade de ter uma experiência de leitura estrangeira, enquadrada em novas perspetivas culturais. Os seguintes métodos de tradução enumerados por Li Zhuofan (Bing, 2014, pp. 83–84 *apud* Li, 2022, p. 6;) são considerados métodos enquadrados na estratégia de estrangeirização aplicada à língua chinesa: “tradução zero, transliteração, tradução palavra por palavra e tradução literal.”

4.7.2 Domesticação

Contrariamente à estrangeirização, a domesticação converte os valores e crenças linguístico-culturais do texto original para os da língua e cultura de chegada, trazendo o autor ao encontro do leitor e, conseqüentemente, adulterando a sua escrita. Aliada à invisibilidade do tradutor, esta estratégia permite que os leitores experienciem uma leitura estrangeira no conforto da sua própria cultura e valores (Venuti, 2008, p. 12). Para o público falante de inglês, esta foi uma estratégia que contribuiu para que fosse um público de leitores monolíngues e resistentes à receção de literaturas estrangeiras, negligenciado textos e autores estrangeiros em prol da facilitação da leitura (Venuti, 2008, p. 12). Segundo Li Zhuofan (Bing, 2014, pp. 83–84 *apud* Li, 2022, p. 6), desta estratégia originam os seguintes métodos de tradução, novamente aplicados à língua chinesa: “a tradução livre, tradução de imitação, tradução modificada e tradução criativa”.

4.8 Aplicabilidade na MTC

Especificamente na área da MTC, pode destacar-se Wiseman como exemplo de um especialista que assume a sua preferência pela estrangeirização na tradução (Pritzker, 2018, p. 470). Na visão de Wiseman, ao longo do tempo, os enviesamentos resultantes das diferenças culturais têm contribuído para a distorção contínua do conhecimento que caracteriza esta disciplina, apoiando, por isso, a utilização da estrangeirização, com o objetivo último de preservar o conhecimento e a cultura clássicos (Pritzker, 2018, pp. 470-71). Wiseman é, por isso, apologista do uso da tradução literal na MTC (Li & Li, 2022, p. 28).

Por outro lado, Pritzker (2018, p. 471) evidencia que especialistas tanto na China como nos EUA se têm também destacado por assumirem uma posição oposta à de Wiseman, ou seja, defendendo a utilização da estratégia de domesticação na tradução. Especialistas como Xie Zhufan, mencionado por Pritzker (2018, p. 471), defendem que deve ser dada preferência à utilização de terminologia das Ciências Biomédicas na tradução de MTC. Estes especialistas, à semelhança de alguns que já foram citados durante o primeiro capítulo da presente dissertação, nomeadamente Leung & Xue (2005), acreditam que esta aproximação da LC contribui para desmistificar a ideia de que a MTC é uma medicina hermética e, assim, legitimá-la frente às Ciências Biomédicas que prevalecem no Ocidente (Pritzker, 2018, p. 471). Outros dois argumentos enumerados por Pritzker (2018, p. 471) são o facto de a domesticação auxiliar na aceitação da MTC por parte das comunidades estrangeiras e, ainda, o facto de a estrangeirização complicar termos já existentes no vocabulário das Ciências Biomédicas.

Xie Zhufan destaca-se então na área da MTC pela aplicação da abordagem de tradução que dá primazia à LC, a domesticação, e pela sua preferência na utilização de termos médicos modernos para traduzir as expressões e termos clássicos característicos da MTC. É também um conhecido apologista da não utilização da tradução literal em MTC (Li & Li, 2022, p. 28).

A opinião de Xie contrasta profundamente com a de Wiseman (Li & Li, 2022, p. 28). Wiseman (1998, p. 9) valoriza a utilização da tradução literal por considerar que esta recorre a equivalentes fiéis, próximos dos termos originais e, por isso, próximos dos conceitos que representam e, ainda, porque depois vai construindo uma terminologia especializada na LC, intrinsecamente associada aos seus equivalentes chineses, o que na sua opinião facilita a memorização dos termos pelos tradutores. Aquando da publicação da sua obra com Feng Ye (1998), a qual já foi mencionada anteriormente, esta era considerada a compilação terminológica mais abrangente e detalhada à época, contudo não respeita os padrões

internacionais e contém falhas no sistema terminológico (Li & Li, 2022, p. 28). Segundo Li & Li (2022, p. 30), no seu trabalho, Wiseman selecionou 638 caracteres chineses para os quais arranhou um termo correspondente em inglês. O problema que se afigurou foi o seguinte: os termos correspondentes em inglês escolhidos por Wiseman foram utilizados para traduzir o significado do carácter original independentemente dos restantes caracteres que o acompanhavam (Li & Li, 2022, p. 30). Na língua chinesa, um carácter individual, monossilábico, considerado uma palavra simples ou morfema livre, pode ter um determinado significado, como por exemplo “电” (diàn), em português “eletricidade” (Mai *et al.*, 2022, p. 73). No entanto, quando acompanhado por outros caracteres transforma-se numa palavra complexa, polissilábica, cujos caracteres podem ser morfemas livres ou presos, passando, por isso, a ter outro significado, como é o exemplo de “电脑” (diànnǎo), em português “computador” (Mai *et al.*, 2022, p. 74).

Se contrastarmos as perspetivas acima mencionadas com a de Vinay & Darbelnet (1995), percebemos que para estes autores a tradução literal pode ser considerada a primeira opção de tradução (Munday, 2022, p. 76), especialmente em línguas com proximidade linguística. Contudo, se a tradução alterar ou deturpar o significado deve ser considerada inadequada pelo tradutor e, assim, dever-se-á recorrer aos métodos de tradução oblíqua (Munday, 2022, p. 76).

Na realidade de tradução da MTC, é importante falar do estudo feito por Lim *et al.* (2022, p. 4), que, ao partir de uma análise de dez textos de referência de MTC cujos tradutores recorreram a diferentes estratégias, reuniu um conjunto de termos e concluiu que havia quatro estratégias em específico às quais os tradutores recorriam com mais frequência na tradução de termos para inglês. As estratégias apontadas por Lim *et al.* (2022, p. 4) são as seguintes: tradução literal (直译 zhíyì)¹⁴, na qual é traduzido o significado literal para a LC; tradução semântica, na qual o conceito é traduzido para a LC, como é o exemplo de “带脉” (dài mài) traduzido para inglês como “intermittent pulse”; transliteração, que através do *pinyin* cria uma nova palavra e conceito na LC, cujos exemplos já foram dados anteriormente; a combinação destas três estratégias, como é o exemplo de “经气” (jīng qì), traduzido para inglês como “meridian qi”; e, por fim, a tradução explicativa, na qual se explicam conceitos no próprio

¹⁴ Método mencionado previamente na página 49.

texto ou através de uma nota explicativa, de modo a tornar a leitura do texto mais acessível ao PC.

Lim *et al.* (2022, p. 4) fazem ainda questão de referir que, nos dez textos que serviram de referência para as suas conclusões, havia, frequentemente, mais do que uma tradução disponível. À semelhança destes textos, também o glossário resultante deste trabalho disponibilizará múltiplas traduções para os mesmos termos.

No caso da transliteração, há na MTC traduções universalmente estabelecidas através desta mesma estratégia, como os exemplos, já referidos, de *qi* e de *yin-yang*. Mas no que diz respeito à maioria do vocabulário, há divergências evidentes no momento da tradução. Por exemplo, Wiseman fala do facto de muitos tradutores optarem por traduzir “精” (jīng) e “神” (shén) para *jing* e *shen* respetivamente, o que afeta a compreensão dos leitores, neste caso concreto dos leitores falantes de inglês, pois as traduções são desprovidas de qualquer significado para este público-alvo (Wiseman & Feng, 1998, p. 9). Assim, conclui-se que a transliteração poderá não ser sempre a forma mais efetiva de transmitir o significado entre o chinês e as línguas ocidentais, ainda que possa parecer uma solução rápida e eficaz na falta de melhores traduções.

5. A Tradução de MTC

Tendo em conta que o objetivo último desta dissertação é a construção de um glossário trilingue de chinês-inglês-português, decidiu-se que a tradução seria apenas entre o par de línguas chinês-português, pois as traduções em inglês foram completadas com recurso a glossários preexistentes. Esta decisão prendeu-se com o facto de haver um número elevado de opções na língua inglesa, mas também porque esta língua seria essencial como suporte à tradução para português. O critério de seleção para as traduções em inglês teve como base a mais recente lista de palavras compilada pela OMS (2022). Esta decisão foi tomada devido ao facto de este documento ser atual e, também, por ser uma modernização de listas de palavras anteriores, fruto do trabalho de diversos debates entre especialistas das áreas de MTC e de Tradução.

Para a construção deste glossário, é crucial falar sobre a tradução na área da MTC, abordando pontos como as características particulares deste tipo de tradução, o que a torna complexa e quais as estratégias a que os especialistas recorrem para ultrapassar estas dificuldades, sendo que este último ponto foi recentemente abordado no final do capítulo anterior. Por este motivo, ao longo deste capítulo a tradução de MTC será enquadrada no próprio objetivo da dissertação, isto é, tendo em conta as diferenças linguísticas entre a LP e a LC; as diferenças do próprio pensamento da CP e da CC; o público-alvo; e as exigências e particularidades terminológicas do vocabulário de MTC.

Tal como afirma Pritzker (2018, p. 466), “the translation of Chinese medicine into English and other Western languages is an incredibly complex endeavour.” As razões pela qual esta tarefa é tão complexa são variadas, portanto nos parágrafos seguintes tentar-se-á reunir algumas das características que contribuem para as dificuldades de tradução na MTC.

De facto, para traduzir textos de MTC, é necessário estar consciente de que a própria filosofia e história da MTC são complexas e, por isso, é necessário haver uma contextualização histórica, sociocultural e filosófica para compreender o conhecimento de MTC, para assim se poder traduzir (Pritzker, 2018, p. 466). O próprio conhecimento de MTC, transmitido até aos dias de hoje, foi alvo de inúmeras interpretações (Pritzker, 2018, p. 466). Por este motivo, tal como já mencionado, os especialistas na área têm-se dedicado à revisão de termos clássicos e das suas respetivas traduções, procurando opções de tradução que estejam desguarnecidas de interpretações secundárias, isto é, indo ao encontro dos significados originais, perdidos nos momentos de transcrição ou tradução. Este é o exemplo

concreto da investigação levada a cabo em 2022, por Ng *et al.*, anteriormente referida na página 23 da presente dissertação.

Pritzker (2018, p. 467) enumera algumas das características da MTC que podem complicar diretamente os processos de tradução, as quais foram organizadas abaixo:

- 1) As línguas e culturas ocidentais, bem como as filosofias e ideias que as regem, são totalmente diferentes das que regem a cultura e filosofia chinesas, por este motivo, o enquadramento das teorias e filosofias de MTC numa perspetiva moldada por culturas totalmente díspares, como a ocidental, pode resultar em traduções imprecisas ou distantes dos seus significados originais.
- 2) A explicitação das referidas filosofias, geralmente desconhecidas da comunidade leiga, fazem com que o tradutor tenha de utilizar recursos como legendas ou explicações mais detalhadas para que o texto se torne acessível, o que pode resultar num TC mais denso e pouco simples para o leitor comum. Estas explicações, por vezes, não estão no TP.
- 3) A aproximação das teorias de MTC às Ciências Biomédicas, ou à Medicina convencional, influenciou, e continua a influenciar, diretamente a tradução de textos clássicos ou contemporâneos. Um exemplo que ilustra esta situação é a tradução de termos e expressões da área de tratamento e diagnósticos, explicada em detalhe na página 35. Aquando da sua tradução, estes termos podem não ter um equivalente exato na LC.
- 4) O facto de o conhecimento de MTC ter origem em textos clássicos ancestrais, nos quais as características linguísticas e estilísticas vão sendo alteradas conforme o período histórico em que são escritas. Os poemas ou odes contidos nestes textos ancestrais não são facilmente traduzíveis para a própria língua chinesa moderna, fazendo com que a tarefa de os traduzir para uma outra língua seja ainda mais complexa (Ng *et al.*, 2022, p. 57).
- 5) Por fim, e tal como mencionado no subcapítulo “Uniformização terminológica em MTC”, a falta de normas de uniformização e, conseqüentemente, a falta de terminologia de referência, dificulta as escolhas do tradutor, o que resulta na coexistência de múltiplas abordagens de tradução e variações terminológicas.

Estas características aqui resumidas de acordo com o trabalho de Pritzker foram também mencionadas por diferentes autores que se preocupam com esta matéria. Lim *et al.*

(2022, p. 2), por exemplo, defendem que a tradução de termos e expressões de MTC para o inglês é como introduzir um novo sistema conceptual. Este sistema difere do da Medicina convencional nos seus conceitos terapêuticos e fisiológicos, bem como na sua base ideológica (Lim *et al.*, 2022, p. 2). Lim *et al.* (2022, p. 2) admitem que pode haver equivalentes diretos na Medicina convencional, ainda que raros na imensidão de vocabulário, porém, à semelhança de Pritzker, menciona os termos ambíguos que representam conceitos ausentes na Medicina convencional e que são, também, a maioria terminológica. Portanto, a tradução destes termos tem de passar também por uma introdução contextual no momento da tradução, algo já referido por Pritzker (2018, p. 467).

No final do quarto capítulo, discutiram-se algumas das estratégias utilizadas pelos tradutores e especialistas da área da tradução de MTC. Esta discussão não foi conclusiva, por essa razão assinalam-se os pontos que Lim *et al.* (2022, p. 2) consideram determinantes na tradução de MTC, os quais serão aqui enumerados de seguida: incorporar a totalidade de denotações e conotações dos termos e expressões com precisão; tornar o texto acessível à CC; reduzir a inconsistência na tradução através da conformidade, recorrendo a normas de uniformização.

5.1 Idiossincrasias do Pensamento

Um estudo importante para compreender este tema foi o levado a cabo por Jin & He (2013, pp. 6-10), o qual parte do princípio de que há diferenças no pensamento de pessoas que falam línguas diferentes. Estes investigadores dedicaram-se ao estudo das influências negativas que as idiossincrasias do pensamento podem ter nos alunos de origem chinesa que aprendem inglês, nos domínios da palavra, oração e discurso. De facto, o seu estudo não se concentrou na área da MTC, mas há informações que são compartilhadas, nomeadamente as que abordam as diferenças linguísticas e, conseqüentemente, do pensamento. Os investigadores fazem então uma comparação entre o pensamento abstrato e o pensamento concreto. Segundo Jin & He (2013, p. 8), no Ocidente o pensamento é marcadamente abstrato, enquanto na China o pensamento é maioritariamente concreto, estas características criam particularidades nas línguas inglesa e chinesa. Os autores descrevem o pensamento chinês como um tipo de pensamento visual, que utiliza imagens concretas para expressar o abstrato, e no qual a concretização do pensamento acontece através da formulação escrita (Jin & He, 2013, p. 8). Por outro lado, o modo de pensar dos falantes de inglês, objeto de estudo destes investigadores, é mais abstrato e profundamente enraizado na filosofia da Antiguidade Clássica, característica que lhes permite utilizar o abstrato para transmitir algo, ou seja,

demonstram uma maior capacidade para utilizar palavras para expressar ideias ou emoções, ou algo que seja geralmente intangível (Jin & He, 2013, p. 8).

Estas diferenças no pensamento revelam-se repetidamente no momento de tradução, seja num texto redigido a partir do chinês ou para chinês. Por exemplo, quando os investigadores falam acerca de como estas diferenças podem influenciar a ordem das orações, referem que, contrariamente aos falantes de inglês, os falantes de chinês dão prioridade a detalhes como o tempo, a condição ou o motivo aquando da redação de uma oração; já na língua inglesa, a ideia central é priorizada e, por isso, ocupa o primeiro lugar de uma oração (Jin & He, 2023, p. 7). Dos exemplos fornecidos por Jin & He (2013, p. 7) para ilustrar esta questão, destacar-se-á um: “She didn’t come to school because she was ill.”, cuja tradução para chinês é “她由于生病没来上学” (Tā yóuyú shēngbìng méi lái shàngxué)¹⁵; as partes sublinhadas correspondem à mesma informação em ambas as línguas, ou seja, enquanto no inglês a oração é iniciada por “she didn’t come to school”, resposta resultante de uma suposta pergunta que corresponde à ideia central, no chinês esta ideia é secundária e a oração iniciada pelo motivo que conduziu ao resultado, que poderá traduzir-se para português como: “por estar doente, ela não veio à escola”¹⁶.

Na Medicina, estas idiossincrasias são sobretudo visíveis na nomenclatura que rege os dois tipos de Medicina aqui sob discussão e, conseqüentemente, nos contextos clínicos em que são aplicados. Lim *et al.* (2022, p. 3) analisaram situações centrais de práticas clínicas de MTC no Ocidente, nas quais a tradução para inglês funcionava como base de apoio à comunicação. Ao contrastar a terminologia utilizada na comunicação e documentação clínica na MTC e na Medicina convencional, pôde concluir que os principais desafios estão relacionados com a tradução, pois o conhecimento terminológico em MTC pressupõe uma base histórico-cultural profunda, característica que, por sua vez, dificulta a tradução (Lim *et al.*, 2022, p. 3). Devido ao facto de as perspetivas filosóficas que sustentam a MTC serem tão distantes das que moldaram o pensamento ocidental, é difícil transferir estes conhecimentos na tradução para línguas ocidentais (Pritzker, 2018, p. 467).

Numa outra nota, Lim *et al.* (2022, p. 3) referem também a dificuldade de adaptação que este vocabulário terminológico tem quando utilizado em sistemas de gestão assistida por

¹⁵ Frase original em inglês e respetiva tradução para chinês retiradas do trabalho de investigação de Jin & He (2013, pp. 6-10).

¹⁶ Tradução livre para português a partir dos exemplos utilizados por Jin & He (2013, p. 7).

computador, detalhe que poderá contribuir para a resistência da sua integração por parte dos países ocidentais (Lim *et al.*, 2022, p. 3).

No contexto de tradução em sala de aula, ou seja, no momento de aprendizagem de MTC, estas idiosincrasias do pensamento são também notáveis. Sobretudo no que diz respeito a técnicas de tradução como o empréstimo, em que o tradutor se serve do termo original, ou a equivalência, em que o tradutor procura um termo na LC próximo do original para veicular o significado pretendido, a tradução poderá causar um efeito díspar entre os alunos de origem chinesa e os alunos de origem não-chinesa (Lu *et al.*, 2021, p. 72). Estes efeitos estão relacionados com as concepções metafóricas características da MTC, relacionadas com o corpo, a saúde e os órgãos, mas podem facilmente relacionar-se com outras particularidades da disciplina (Lu *et al.*, 2021, p. 72). Os autores do estudo realizado com alunos de MTC, previamente mencionado neste trabalho, formularam esta hipótese com base em estudos de Linguística Cognitiva, que afirmam que a língua é marcadamente metafórica e que, por sua vez, a metáfora varia entre diferentes línguas e culturas (Lu *et al.*, 2021, p. 72), características que causarão um efeito desigual em alunos de antecedentes culturais diferentes.

Além disso, características inerentes à linguagem específica utilizada por diferentes áreas contribuem também para este efeito díspar (Lu *et al.* 2021, p. 75). O léxico específico de diferentes disciplinas é frequentemente composto por metáforas, como é o exemplo da expressão em francês *santé des matériels* da área da Indústria, que, não tendo uma expressão equivalente em português, Júlio Machado (2019, p. 101) explicou da seguinte forma: “materiais industriais são organismos vivos”. Segundo um estudo levado a cabo por Low *et al.* (2008), mencionado por Lu *et al.* (2021, p. 75), em contextos de sala de aula, a densidade metafórica de uma disciplina pode rondar entre os 10% a 13% do total de itens lexicais. Com base em diferentes estudos, Lu *et al.* (2021, p. 75) referem que esta característica específica do léxico de uma disciplina dificulta a compreensão por parte dos alunos estrangeiros. No caso da MTC, a compreensão de vocabulário especializado exige o reconhecimento de significados figurativos e, por isso, de mecanismos e ferramentas que permitam distinguir o significado metafórico de um termo ou expressão do seu significado genérico ou literal (Lu *et al.*, 2021, p. 75).

Esta ideia de diferença no pensamento pode estender-se de forma generalizada ao Ocidente, não apenas entre as línguas chinesa e inglesa. No entanto, mesmo dentro do próprio

Ocidente, ainda que haja proximidades linguísticas, haverá sempre diferenças culturais e, por isso, haverá também diferenças no pensamento.

Os autores Jin & He (2013, p. 10) concluem o seu artigo afirmando que os aprendentes de inglês cuja língua nativa é o chinês devem não só ter consciência das idiossincrasias linguísticas e do pensamento, mas também acostumarem-se a pensar em inglês, para assim poderem dominar formas de expressão diversificadas na língua estrangeira. Esta ideia conclusiva funciona bidirecionalmente, isto é, da língua chinesa para outras línguas estrangeiras, acentuando-se no momento de aquisição de língua chinesa. De facto, se se aprender chinês como língua estrangeira e se utilizar o pensamento vigente da língua nativa no momento da escrita ou expressão oral, os resultados serão estranhos para os falantes nativos de chinês e a comunicação não será bem-sucedida. Como tal, para dominar a língua chinesa, o aprendente terá de se adaptar à forma de pensar chinesa, para poder reproduzir o seu próprio pensamento à semelhança de um falante nativo.

5.2 Aprendentes de MTC

Conforme mencionado anteriormente, a ideia de fazer um glossário surgiu da falta de recursos para a tradução, mas a ideia de o fazer para os aprendentes de MTC, surgiu também da experiência pessoal de assistir às aulas de Introdução à Medicina Tradicional Chinesa (ITC), na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC). Esta unidade curricular faz parte do plano de estudos do Mestrado Integrado em Medicina, sendo disponibilizada aos alunos como unidade curricular opcional no seu terceiro ano, juntamente com as opcionais de Comunicar a Ciência Médica à Sociedade, Revisões Sistemáticas e Meta-Análises, Tópicos de Inteligência Artificial em Medicina: Aprendizagem Automática e Medidas e Dispositivos em Medicina. Estas opcionais são disponibilizadas depois de os estudantes já terem tido dois anos de disciplinas como Anatomia, Biologia Celular e Molecular, Prática Médica, entre outras. O programa de ITC é composto por temas como história, conceitos fundamentais, exercícios de saúde e bem-estar e métodos de diagnóstico de MTC, passando também por especialidades da MTC como a Fitoterapia, Acupuntura, Moxabustão, Ventosaterapia e massagem Tui Na. É lecionada por um docente de nacionalidade chinesa, que é enviado propositadamente para Coimbra. Geralmente, este docente não fala português e, por isso, recorre à língua inglesa para transmitir a informação aos alunos. Segundo a informação que consta no *site* da Universidade de Coimbra (UC), a língua de ensino é o inglês, o que significa que a tradução é uma ferramenta que é utilizada

constantemente na comunicação bidirecional entre estudantes e docente, tanto na comunicação com termos simples, como na comunicação com terminologia especializada.

A tradução de MTC é, de forma generalizada, utilizada em ambientes académicos, que se focam nos Estudos Chineses, assim, os textos traduzidos são sobretudo produzidos e utilizados em regiões como a Europa, Austrália e EUA, dirigidos a acupunturistas ou utilizadores de ervas com propriedades medicinais (Pritzker, 2018, p. 476). No caso específico acima mencionado, os alunos estudam Medicina convencional e decidiram escolher uma disciplina opcional, portanto, este grupo de aprendentes poderá ser constituído por alunos que conhecem ou desconhecem por completo a língua e a cultura chinesas. Através da observação das aulas, foi possível constatar que ao longo dos anos, o grupo de alunos era maioritariamente de nacionalidade portuguesa, sem conhecimento prévio de MTC ou da língua chinesa.

Segundo dados fornecidos por Li & Graham (2020, p. 1), provenientes de inquiridos internacionais, estima-se que “only 30% of the WHO Members States provide tertiary level education programs for Traditional and Complementary Medicine (T&CM) practitioners.” Isto coloca um problema para a prática da MTC, bem como para a sua aprendizagem, pois devido às diferentes regulamentações impostas por cada país, não é possível fazer exigências relativamente ao percurso profissional dos praticantes (Li & Graham, 2020, p. 1). No entanto, os autores Li & Graham (2020, p. 1) falam acerca da existência de um comité criado pela ISO que pretende marcar a diferença neste mesmo aspeto, através da norma ISO/TC 249 (2000) *Traditional Chinese Medicine*.

Para entender a complexidade na aprendizagem e, conseqüentemente, compreensão da MTC, é relevante analisar como é percecionada a MTC pela comunidade de falantes nativos de chinês, para entender se este dado pode ser determinante na compreensão e interpretação correta de termos ou expressões de MTC, visto que o grupo de aprendentes pode ou não ter antecedentes na aprendizagem da língua e cultura chinesas, como já se referiu acima.

5.2.1 Público leigo

Antes de este trabalho se focar então no seu público-alvo, é necessário abordar uma questão primordial, que se relaciona com o facto de o vocabulário de MTC ser composto por palavras comuns aplicadas a um contexto especializado. Ainda que o vocabulário de MTC seja comum, repleto de palavras do quotidiano, o seu significado é alheio a uma pessoa sem conhecimento especializado (Pritzker, 2014a, p. 5). Podemos ir ainda mais longe e afirmar

que determinadas expressões ou termos serão tão ocultos para o leigo chinês como os seus equivalentes em inglês serão para os falantes nativos da língua (Pritzker, 2014a, p. 6).

A seguinte expressão é uma ilustração disso mesmo: 金实不鸣 (Jīn shí bù míng), sendo que o carácter “金” significa “ouro” ou “metal”, “实” significa “consistente” (em termos de solidez), “repleto” ou “excesso de” (em MTC), “不” significa “não”, aqui representando a forma negativa do verbo que se segue: “鸣” que significa “soar”. Esta expressão já foi então traduzida para “excess metal failing to sound” (WHO, 2022, p. 66), em inglês, e para “quando o metal está em excesso, não soa”, em português (Sun, 2020, p. 172). Se utilizarmos a terminologia das Ciências Biomédicas, a expressão pode ainda ser traduzida para “dysphonia due to excessive metal”, que se traduz em “disfonia causada por excesso de metal” na língua portuguesa. A “disfonia”, palavra sinónima de “rouquidão”, define-se como uma perturbação do som da voz¹⁷. Esta é uma expressão inserida na categoria dos “quatro métodos de diagnóstico” pelo glossário da OMS (2022, p. 66), no qual se define como uma metáfora utilizada para referir perda de voz, resultante dos ventos frios ou quentes exteriores que provocam uma alteração no *qi* do pulmão, em chinês “肺气” (fèi qì), sendo que o primeiro carácter significa “pulmão” e o segundo *qi* (energia vital).

Para compreender esta expressão, os próprios nativos de língua chinesa terão de ter um conhecimento prévio, pois se se ficarem apenas pela interpretação individual ou coletiva dos caracteres, não conseguirão entender o significado figurativo, nem literal, que a expressão contém. Ao perguntar a uma nativa de língua chinesa, sem conhecimento aprofundado de MTC nem qualquer contextualização, qual o significado desta expressão, surgiu a seguinte explicação: “metais que não se quebram, que são muito sólidos, talvez simbolizem uma relação de amizade permanente” (Yu Peilin, comunicação pessoal, 6 de junho de 2023). Esta explicação comprova-nos que a afirmação feita por Pritzker (2014, p. 6) é, de facto, realista.

Para uma correta interpretação da expressão em causa, é também necessário ter noção do simbolismo do vento na MTC. Anteriormente discutiram-se os cinco fatores climáticos, mas para entender esta expressão, é necessário conhecer o simbolismo do “vento” de uma forma mais aprofundada. O vento em MTC (风邪 fēng xié), “wind-evil” em inglês, tal como referido na página 30 da presente dissertação, tem a capacidade de afetar a saúde do corpo humano (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294). O vento tem maior expressão nos meses de inverno e

¹⁷ Definição retirada do Dicionário Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/disfonia>. Acedido a: 06/06/23.

primavera, como já foi mencionado, e ele não só gera movimento, sendo que o corpo humano é um recetor direto desta circulação de ar, como provoca movimento em coisas imóveis, sendo frequentemente considerado a razão por trás de muitas doenças, ao causar um desequilíbrio que se reflete em sintomas patológicos, como por exemplo a perda de voz (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294).

Esta expressão é ainda mais curiosa quando procuramos o significado de “vento” num dicionário de língua portuguesa, mais precisamente o seu significado figurativo, que é o seguinte: “falha ou defeito em obra fundida, proveniente de algum ar, que entrou no metal durante a solidificação”¹⁸, definição que corresponde a “metal repleto não soa” (junção dos significados de cada um dos caracteres) e é correspondente ao significado da LP.

5.2.2 Público especializado

Portanto, partindo do princípio de que para os próprios falantes nativos de língua chinesa é difícil compreender a terminologia de MTC de forma descontextualizada e sem conhecimento prévio, é essencial recordar o estudo já mencionado na página 24, que se dedicou à observação de um grupo de onze alunos de origem chinesa e dez alunos de origem ocidental que estudavam MTC (Lu *et al.*, 2021, p. 71). O objetivo desta investigação era compreender quais as dificuldades técnicas que os alunos tinham, se havia divergências nestas dificuldades e, se sim, quais (Lu *et al.*, 2021, p. 71). A metodologia deste estudo consistiu numa combinação de tarefas de associação de palavras e de entrevistas retrospectivas, depois das quais foi possível concluir que os dois grupos tinham dificuldades na aprendizagem de MTC, o que diferia era a génese das suas dificuldades.

Na China, o programa curricular de MTC inclui uma unidade curricular de inglês especializado, para que os alunos possam comunicar eficazmente nessa língua (Lu *et al.*, 2021, p. 72), o que não acontece no sentido inverso. Independentemente disso, os grupos de alunos de MTC são constituídos tanto por alunos de origem chinesa, como por alunos de outras origens, sendo que os dois grupos devem ter um conhecimento profundo do vocabulário técnico em inglês, para que os textos académicos lhes sejam acessíveis (Lu *et al.*, 2021, p. 72). Estes são alunos que se dedicam ao estudo de vocabulário especializado, mas são também alunos que têm de desenvolver competências de interpretação e recorrer a referências para poder entender o tipo de discurso que caracteriza a MTC (Lu *et al.*, 2021, p.

¹⁸ Definição retirada do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <https://dicionario.priberam.org/vento>.
Acedido a: 06/06/23.

74). Como veremos mais detalhadamente no subcapítulo que se segue, o discurso em MTC caracteriza-se por diversas particularidades, duas das quais serão aqui abordadas de forma muito resumida: a polissemia e a utilização frequente de metáforas. Por isso, o público-alvo deste trabalho de tradução, os aprendentes de MTC, contrariamente aos aprendentes de Medicina convencional, têm de desenvolver competências extralinguísticas para entender a terminologia específica da disciplina.

De um modo geral, para as comunidades ocidentais, o dicionário especializado bilingue é uma ferramenta essencial de transmissão de conhecimento técnico-científico, mas, no que diz respeito à MTC, o mesmo não se verificou durante muito tempo (Chang, 1997, p. 4). Já em 1997, Hen-Hong Chang constatava a falta de importância atribuída ao dicionário especializado bilingue de MTC, como também afirmava a desconsideração pela aquisição de língua chinesa. Para si, a primeira questão refletia a falta de mecanismos da comunidade estrangeira para receber conhecimento proveniente da China (Chang, 1997, p. 4). A segunda questão limitava o acesso a textos escritos na língua original a aprendentes de MTC e, ao mesmo tempo, reduzia as possibilidades de formar potenciais tradutores (Chang, 1997, p. 4).

Chang (1997, p. 4) afirma que no Ocidente, o número de textos médicos chineses traduzidos a partir do chinês continuava a ser inferior comparativamente ao número de textos escritos por estrangeiros que desconheciam a língua original e, por isso, estavam desprovidos de acesso aos textos originais. Esta falta de conhecimento da língua original, que ainda é possível de testemunhar nos dias de hoje, leva a que sejam usados termos na língua para a qual se traduz ignorando se de facto representam os conceitos a que se referem (Chang, 1997, p. 4). Isto significa que profissionais com este perfil não estão dotados de ferramentas que lhes permitam avaliar as opções de tradução mais adequadas, pois desconhecem o próprio significado original, o que afeta inevitavelmente a qualidade dos textos produzidos por estrangeiros. A falta de melhorias na tradução, por sua vez, resulta em equívocos na interpretação de conhecimentos de MTC e, conseqüentemente, a barreira linguística construída por estes obstáculos impede o público estrangeiro interessado, como professores, alunos e praticantes, de obter conhecimento de forma acessível (Chang, 1997, pp. 4-5).

Ainda que Chang estivesse a discutir estes contornos em 1997, é importante que atualmente haja também uma consciencialização dos efeitos negativos que a tradução pode ter na transmissão de conhecimento especializado oriundo de um país cultural e ideologicamente

distante, os quais só poderão ser atenuados através de um debate contínuo e informado de diferentes especialistas, tal como Chang salienta (1997, pp. 4-5).

5.3 Terminologia

Contrariamente à Medicina convencional, os termos que compõem o vocabulário especializado de MTC são palavras comuns, ou seja, palavras correntes que foram adotadas como termos técnicos, expressando neste contexto específico significados especializados (Pritzker, 2014a, p. 5, 31). A este fenómeno dá-se o nome de especialização, o qual pode ser definido pelo processo de aplicação de uma palavra genérica para descrever um conceito específico (Wiseman, 2000, p. 130). Wiseman (2000, p. 130) dá o exemplo de “表” (biào), carácter que pode significar simultaneamente “superfície”, “exterior”, “pele”, alguns órgãos internos, entre outros significados dependentes do contexto em que é utilizado. Subsequentemente será também destacado um outro exemplo analisado por Yang (2022, p. 17). Pode concluir-se que as definições médicas de determinadas palavras da MTC abrangem diferentes conceitos desviados do seu significado normal (Wiseman, 2000, p. 130).

O vocabulário de MTC, na sua conceção tradicional, deriva do chinês clássico, no qual um único carácter assume o significado de aquilo que poderia ser considerado uma palavra no Ocidente (Pritzker, 2014a, p. 5). Para ilustrar esta afirmação, podemos utilizar o exemplo do carácter “聚” (jù), cujo significado genérico é “encontro” ou “reunião”, enquanto o seu significado especializado é, segundo Wiseman, “a certain kind of abdominal mass” (2000, p. 130). Além disso, a MTC utiliza um vocabulário reduzido, o que dificulta a distinção de um termo técnico de um simples termo de uso corrente, contrariamente às ciências sob parâmetros ocidentais, como a Medicina convencional, cujo vocabulário técnico nasce da junção do grego e do latim, tendo sido criado com o propósito de ilustrar essa distinção (Pritzker, 2014a, p. 5), algo mencionado sumariamente nas páginas 19 e 40 do presente trabalho. Citado por Wiseman (2000, p. 131), Unschuld (1985) fez uma observação pertinente relativamente a este assunto, dizendo que o vocabulário especializado só pode ser entendido quando contrastado com o contexto histórico, filosófico e sociocultural em que surgiu.

Como já referido anteriormente, muitos termos foram preservados tal como existiam nos textos clássicos originais, como por exemplo em *Huangdi Neijing* (Consultar página 17), contudo, eles são agora aplicados com sentidos distintos, isto acontece porque são isolados do seu contexto e os termos que anteriormente veiculavam uma única ideia, são agora utilizados

na forma de expressões linguísticas variadas (Pritzker, 2014a, p. 5). A inexistência de normas de uniformização ou de normas de tradução contribui diretamente para esta situação.

Além disso, o vocabulário especializado de MTC, devido ao facto de ser composto por palavras triviais com conotações atípicas, é dificilmente detetável em dicionários generalizados, nunca tendo sido desenvolvida uma lexicografia específica da MTC (Pritzker, 2014a, p. 5).

A complexidade terminológica de MTC foi pormenorizadamente descrita por Pritzker (2018, p. 466) e, posteriormente, por Yang (2022, pp. 11–17). Ambos utilizaram as características que se seguem para justificar as suas afirmações (Pritzker, 2018, p. 466; Yang, 2022, pp. 11–17):

- 1) A existência de termos de MTC que podem ser paralelamente relacionados com termos das Ciências Biomédicas, mais precisamente, da Medicina convencional, como é o exemplo dos termos “四肢” (sìzhī), cuja tradução literal em português é “quatro membros” e em inglês “four limbs”, ou “中风” (zhòngfēng), em português “acidente vascular cerebral (AVC)” e em inglês “stroke” (Lim *et al.*, 2022, p. 2).
- 2) A polissemia, uma característica que torna a terminologia de MTC profundamente ambígua, e que pode ser exemplificada pelo carácter “脉” (mài), presente nos termos seleccionados para o glossário e utilizado por Yang (2022, p. 17) para ilustrar também esta característica em particular. Yang (Li, 1994, pp. 60-61 *apud* Yang, 2022, p. 17) refere que dependendo do contexto em que está inserido, este termo poderá significar “vasos sanguíneos, meridianos, condições de pulso, apalpamento de pulso, pulsação e artéria”.
- 3) A imprecisão terminológica (Yang, 2022, p. 17), à semelhança de algo que já foi mencionado por Wiseman (2000, p. 100) e que foi já desenvolvido em maior detalhe no terceiro capítulo, sabe-se que os médicos de MTC utilizavam fatores externos para justificar a etiologia dos fenómenos interiores, recorrendo não só a termos imprecisos, como também a metáforas para relatar as suas observações clínicas (Yang, 2022, p. 17). De entre os múltiplos exemplos possíveis, para ilustrar esta característica de imprecisão, Yang (2022, p. 17) utiliza o carácter “虚” (xū), que no contexto específico

da MTC pode ser traduzido para “deficiência”, do mesmo modo que “实”¹⁹(shí) pode ser traduzido para “excesso”, ambos os caracteres estão presentes nos termos escolhidos para o glossário resultante desta dissertação. Numa outra nota, e relativamente à exatidão da palavra “insuficiência”, esta será discutida no capítulo seis.

- 4) O recurso frequente às metáforas (Yang, 2022, p. 17), cujo efeito figurativo já foi observado anteriormente no exemplo “金实不鸣” (Jīn shí bù míng)²⁰. A utilização de metáforas em MTC reflete reiteradamente a origem dos seus termos e expressões (Wiseman, 2000, p. 131). Um outro exemplo que poderá ilustrar esta característica particular é a expressão mencionada previamente “寒包火” (Hán bāo huǒ)²¹, traduzida para inglês como “cold enveloping fire” (WHO, 2022, p. 94), a qual pode ser traduzida literalmente para “frio”, “cobrir”, “fogo”. É uma condição que resulta na apresentação de sintomas como febre, arrepios, tosse com expetoração, entre outros, cuja origem está no vento frio exterior que cobre o calor interno (WHO, 2022, p. 94). Esta expressão metafórica é utilizada para indicar uma constipação comum.

5.3.1 A Polissemia

O processo de extensão semântica, que conduz à polissemia, pode ser definido da seguinte forma: “widening of semantic scope of a word or phrase to cover more concepts” (Hartmann & James, 1998, p. 54 *apud* Wiseman, 2000, p. 130) ou, ainda, como um processo morfológico no qual ocorre a “troca de vocabulário entre a língua geral e as línguas de especialidade [...] o conteúdo semântico já existente passa a adquirir novas polissemias através do seu uso.”²² Este é um mecanismo que permite utilizar a língua de forma a tirar proveito dos seus recursos para uma comunicação mais eficaz (Wiseman, 2000, p. 130).

A palavra “rim”, por exemplo, analisada pelos investigadores que levaram a cabo o estudo suprarreferido (Lu *et al.*, 2021, p. 74), engloba um conjunto de significados diversos, ou seja, quando enquadrada na MTC, considera-se que a palavra “rim” é um órgão que preserva a essência e é responsável pela reprodução, crescimento, desenvolvimento, entre outros (Lu *et al.*, 2021, p. 74). Assim, conclui-se que “rim” na MTC não é apenas o órgão

¹⁹ 虚 (xū) – vazio, vácuo, espaço, teoria; 实 (shí) – real, honesto, verdadeiro, facto.

²⁰ Referido anteriormente na página 62.

²¹ Referido anteriormente na página 48.

²² Definição retirada do dicionário Infopédia: <https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/Sextensao-semantica>.
Acedido a: 13/07/23.

responsável por algumas das funções vitais para o organismo, sobretudo associadas ao depuramento de substâncias tóxicas através da urina. Por isso, coloca-se a seguinte questão de tradução: poderá “rim” na MTC ser equivalente a “rim” na Medicina convencional? Nem sempre, pois os significados abstratos que vão para além dos significados concretos que esta palavra comporta criam esta especificidade que é a polissemia, o que, por sua vez, dificulta a tradução (Lu *et al.*, 2021, p. 74). Apesar disso, “肾” (shèn), carácter chinês que significa “rim”, é traduzido para inglês como “kidney” (Lu *et al.*, 2021, p. 74; WHO, 2022, p. 14). Esta questão conduz este trabalho ao seu ponto principal: as dificuldades na tradução de MTC.

Para os aprendentes de MTC, esta natureza polissémica do vocabulário técnico faz com que o significado das palavras não seja acessível, mesmo que os alunos estejam já familiarizados com o significado das palavras fora do seu contexto técnico (Lu *et al.*, 2021, p. 73). Por este motivo, as competências que desenvolvem são especialmente úteis para entender o significado do vocabulário especializado de MTC.

5.3.2 A Metáfora

Nas palavras de Wiseman (2000, p. 132), “Metaphor is the act of naming or describing a thing in one semantic domain in terms of a similar thing in another semantic domain.” A metáfora é também uma forma de extensão semântica, reconhecida pelos terminólogos como um processo morfológico de formação de palavras e aparece frequentemente, de forma premeditada, no vocabulário terminológico da MTC (Wiseman, 2000, p. 131).

Na perspetiva dos estudiosos Lakoff & Johnson (1980, pp. 3-4 *apud* Wiseman, 2000, p. 131) a metáfora não é apenas um instrumento linguístico, mas é também o que permite a conceptualização de coisas abstratas, como sentimentos. Na MTC, a escolha de uma metáfora pode estar relacionada com o conceito que esta representa, ou seja, tal como exemplifica Wiseman (2000, p. 131), as primeiras referências feitas ao sistema da energia vital *qi* pareciam ser baseadas numa ideia extralinguística, pois não havia provas factuais da sua existência. Isto acontece porque na MTC se utilizam elementos da natureza, ou seja, exteriores, para explicar ou racionalizar os seus efeitos interiores no corpo humano, algo que já se discutiu no terceiro capítulo (Yang, 2022, p. 12).

Devido a este ponto de vista peculiar da MTC, usado para fazer sentido da saúde, o que pode parecer como apenas uma metáfora poderá na verdade reter um significado cognitivo maior do que se pensa. Wiseman (2000, p. 132) utiliza o exemplo dos fatores climáticos, pois não é óbvio se devem ser entendidos no seu sentido literal ou metafórico, apesar disso,

segundo a MTC, estes fatores são percebidos como entidades exteriores que se alojam no organismo e, conseqüentemente, causam patologias, o que sugere a utilização destes fatores de forma metafórica. A própria metáfora “寒包火” (Hán bāo huǒ), anteriormente utilizada como exemplo, ilustra essa ideia: o vento exterior cobre o calor interno causando uma constipação (WHO, 2022, p. 94).

Outro exemplo é o da vesícula biliar, pois na MTC a vesícula biliar é mais do que um órgão funcional responsável pela excreção da bÍlis, não só exerce influência sobre os processos e atividades mentais, como também transmite coragem, refletindo a natureza metafórica característica da disciplina (Maciocia, 2005 *apud* Wiseman, 2000, p. 75).

6. Metodologia

Para a compilação do glossário, utilizaram-se alguns dos textos de referência na área já mencionados na primeira parte da presente dissertação, tais como *WHO International Standard Terminologies on Traditional Chinese Medicine* (2022); *WHO IST-WPR* (2007); *Chinese-English Dictionary of State Standard Clinical Terminologies of Traditional Chinese Medicine* (2017); *Terminologia de Interpretação (Chinês-Português/Português-Chinês): Medicina Tradicional* (2020); *A Practical Dictionary of Chinese Medicine* (1998). Estes textos serviram sobretudo para tomar decisões sobre questões como a seleção do vocabulário, a divisão dos temas, a ordem das palavras e respetivas definições.

De acordo com as informações recolhidas ao longo da investigação do tema, concluiu-se que não seria produtivo propor novas traduções em inglês, dada a existência atual de um número elevado de traduções diversas, por isso utilizaram-se traduções preexistentes contidas nos livros acima enumerados. De facto, à semelhança das listas de palavras compiladas pela OMS, o grande objetivo deste glossário é fornecer também uma base de nomenclatura comum e, simultaneamente, contribuir para a diminuição da confusão causada pela existência descontrolada de equivalentes nas LC para termos ou caracteres chineses (WHO, 2007, p. 2).

Dos textos mencionados, o único que contém propostas de tradução em MTC para a língua portuguesa é o compêndio de *Terminologia de Interpretação (Chinês-Português/Português-Chinês): Medicina Tradicional* (2020). Desta forma, o presente glossário incluirá também traduções já convencionadas neste compêndio, com o objetivo de facilitar a uniformização em português, procurando seguir o princípio acima descrito e propor novas traduções apenas quando justificável.

A seleção do vocabulário em análise justifica-se pela exigência requerida no momento da tradução, a qual envolve também um conhecimento histórico-cultural prévio, bem como uma compreensão profunda da filosofia pela qual se rege a MTC, questões anteriormente abordadas. Por este motivo, as palavras e expressões selecionadas pertencem às subespecialidades de Métodos de Diagnóstico e de Diferenciação de Síndromes e Tratamento.

Antes da fase de tradução propriamente dita procedeu-se a uma leitura sobre a MTC e as suas bases teóricas, com um foco especial nas subespecialidades mencionadas no parágrafo acima. Na fase seguinte, fez-se uma pesquisa terminológica entre as referências bibliográficas utilizadas, comparando as diferentes traduções possíveis para os mesmo termos ou expressões, sempre que possível. O facto de os glossários da OMS (2007; 2022) conterem o mesmo vocabulário, acabou por ditar a sua utilização, porque permitiram uma comparação

direta na evolução das opções de tradução. Já numa fase posterior, iniciou-se a organização do vocabulário selecionado e colocaram-se as devidas traduções e definições. As entradas do glossário e as suas respetivas definições foram, posteriormente, alvo de diversas revisões, até se decidir a sua forma final.

6.1 Critérios para a estrutura do glossário

6.1.1 Ordem das palavras

A ordem das palavras que constituem este glossário segue o mesmo princípio utilizado pela OMS (2022). Este documento revela uma preocupação em colocar as palavras segundo uma ordem de menor complexidade para maior complexidade e, por isso, no glossário elaborado nesta dissertação, palavras como “sinal”, “sintoma” e “síndrome” constituem as entradas iniciais. No mesmo sentido, palavras como “síndrome semi-exterior/semi-interior” constituem as entradas finais. Igualmente, a maioria das traduções para inglês foram retiradas dos dois textos previamente referidos da OMS (2007; 2022), à exceção de algumas traduções que foram baseadas nas propostas de Wiseman & Feng (1998, p. 169), como é o exemplo de “eight-principle pattern identification”. A recolha de vocabulário foi feita com a consciência de que teria de haver coerência. Por este motivo, escolheram-se duas subespecialidades que não podem ser separadas quando praticadas em MTC e elegeram-se os termos e expressões mais complexos de traduzir.

A ordem escolhida para a execução das colunas do glossário foi a seguinte: português; inglês; chinês; *pinyin*; definição; referências. Esta metodologia foi aplicada porque o glossário é destinado a falantes de língua portuguesa, nativos ou não, mas para os quais a compreensão da língua chinesa é facultativa. Desta forma, facilita-se a pesquisa intuitiva para os falantes de língua portuguesa. Para os que dominam a língua chinesa e pretendem procurar a correspondência de uma determinada palavra em português ou inglês, poderão fazê-lo através do acesso à versão *online* do glossário sem qualquer dificuldade utilizando a ferramenta de pesquisa rápida.

6.1.2 Iniciais minúsculas

A decisão de iniciar as entradas do glossário com letra minúscula prendeu-se com a necessidade de haver uma concordância de uniformização. Assim, para que todas as colunas obedecessem ao mesmo princípio, deu-se primazia às letras iniciais minúsculas. Não obstante a utilização de letra inicial maiúscula na língua portuguesa ou inglesa, o mesmo não acontece na língua chinesa.

6.1.3 Definições

Para as definições de cada um dos termos do glossário, recorreu-se a um conjunto de referências tais como: os já referidos glossários da autoria da OMS (2007; 2022); o glossário *online* da Cruz Verde; o livro *Fundamentals of Traditional Chinese Medicine* (2010); a plataforma virtual “Manual MSD”; os dicionários de língua portuguesa Infopédia e Priberam; o dicionário de língua chinesa *online* 《中医词典》 (Zhōngyī cídiǎn); *The Oxford Chinese Dictionary – English-Chinese/Chinese-English* (2010); *The Oxford Chinese Dictionary*, versão *online*; e os livros de MTC traduzidos para língua portuguesa, como é o exemplo de *Acupuntura Constitucional dos Cinco Elementos* (2014), da autoria de Angela Hicks, John Hicks e Peter Mole. As definições criadas para este propósito são o fruto da junção de diversas definições preexistentes. Por este motivo, encontram-se devidamente referenciadas na coluna para este efeito.

6.1.4 Traduções

As traduções foram retiradas de um conjunto de referências bibliográficas, as quais foram também mencionadas ao longo da dissertação e novamente referidas na introdução deste mesmo capítulo. Por este motivo, este projeto iniciou-se com a leitura e compreensão dos diversos textos de referência, acompanhada por uma pesquisa de textos paralelos, em busca de diferentes traduções. Após um processo de comparação e, posteriormente, seleção final, procedeu-se à compilação do glossário.

As traduções para inglês foram maioritariamente retiradas das duas listas de palavras da OMS (2007; 2022). Por este motivo, a respetiva referência não foi colocada em nota de rodapé, pois seria repetitiva e ocuparia um espaço significativo na tabela. No entanto, nos casos em que há mais do que uma opção de tradução na mesma língua para um termo ou expressão, optou-se por colocar cada uma das referências em nota de rodapé, bem como uma numeração para estas opções. Igualmente, nos termos e expressões traduzidos do chinês para o português, nomeadamente os que não foram originalmente traduzidos aquando da elaboração deste trabalho, optou-se por colocar a devida referência e autoria da tradução em nota de rodapé.

À semelhança dos princípios enumerados no começo do glossário da OMS (2007, p. 4), procurou-se obedecer aos seguintes princípios de tradução: evitar a criação de novos termos em inglês; restringir o uso de *pinyin*; e, ainda, preservar a consistência com listas de palavras preexistentes.

6.2 Problemas de tradução

De um modo geral, a maior dificuldade atravessada durante a elaboração deste glossário foi a seleção de vocabulário. As obras de referência são exaustivas e as suas listas de palavras praticamente intermináveis. Além disso, as designações escolhidas para os mesmos termos ou expressões, originalmente chinesas, inclusas nessas obras, diferem entre si. Excepcionalmente, as compilações da OMS esforçam-se por preservar a seleção do vocabulário, atualizando a lista com ligeiras alterações. Na recolha de bibliografia em língua portuguesa, identificou-se um compêndio de terminologia, já referido previamente, mas neste não constam quaisquer definições. Assim, na criação de definições para o português, utilizaram-se os recursos em inglês e chinês.

As dificuldades de tradução mais concretas passaram pela identificação de termos ou expressões cuja compreensão na LC é mais exigente, ou seja, palavras que contêm um carácter fortemente cultural ou filosófico. De seguida serão apresentados diferentes exemplos:

- 1) As expressões “得神” (dé shén); “少神” (shǎo shén); e “假神” (jiǎ shén) têm em comum a referência ao significado de “espírito” (“神” Shén). Na MTC, a mente e o espírito são partes integrantes do *qi* de um indivíduo, dando-lhes a sua consciência humana e incluindo outros aspetos do foro psicológico e emocional (Hicks *et al.*, 2014, p. 16). Assim, *shen* é frequentemente traduzido para “mente” ou “espírito” (Hicks *et al.*, 2014, p. 16), mas também para “vitalidade” (Sun, 2020, p. 52) ou “essência” quando se faz acompanhar do carácter “精” (jīng) (Lim *et al.*, 2022, p. 5), aparecendo por vezes na forma de *jing-shen* (Hicks *et al.*, 2014, p. 15). Wiseman & Feng (1998, p. 9) são da opinião que a palavra “essência” é mais precisa para traduzir o carácter individual “精” (jīng) e “spirit” mais precisa para traduzir “神” (shén). Contrariamente a Hicks *et al.* (2014, p. 15), os dois autores fazem uma distinção clara entre os caracteres, traduzindo os conceitos individualmente. Desta maneira, optou-se por “espírito” ou “vitalidade”, para que não houvesse ambiguidades, o que resultou nas expressões “presença de espírito/vitalidade”, “insuficiência de espírito/vitalidade”, “espírito falso/vitalidade falsa”, respetivamente (Consultar as entradas 12, 13 e 14 do glossário). O facto de o glossário da OMS (2007, p. 17) recorrer à palavra “vitality” em inglês contribuiu para a sua inclusão na língua portuguesa. No entanto, é necessário referir que no glossário da OMS colocaram-se “mind”, “spirit” e “vitality” em três entradas individuais, sendo que em chinês o carácter que lhes corresponde é “神” (shén). Porém, é de salientar que as definições de cada uma das entradas são

diferentes, refletindo a versatilidade desta palavra na língua chinesa. Segundo Hicks *et al.* (2014, p. 15), em inglês é possível encontrar 34 definições diferentes no dicionário, mas a que se aproxima mais do significado original da MTC, segundo os autores, é a seguinte: “o princípio vital ou que anima o ser humano”. Neste mesmo parágrafo, a tradutora, Maria Inês Garbino Rodrigues (2014, p. 15), deixa também uma nota com a definição em português, retirada do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, “princípio vital, superior à matéria.”

- 2) As expressões “脉象” (mài xiàng), “结脉” (jié mài), “代脉” (dài mài), “脉诊” (mài zhěn) e “脉象”(mài xiàng) compartilham o mesmo carácter: “脉” (mài). Este carácter é comumente traduzido para o inglês como “pulse”, como exemplificam as traduções “pulse diagnosis” ou “pulse conditions” (WHO, 2022, pp. 83-85). Contudo, como já referido por Yang (2022, p. 17), é um carácter de natureza polissémica que pode ter diversos significados dependendo do contexto no qual está inserido. No caso particular deste glossário, para a língua portuguesa, optou-se pela palavra “pulsção” nas expressões “脉诊” (mài zhěn) e “脉象” (mài xiàng). Para as restantes três expressões, optou-se pela escolha já utilizada por Sun (2020, pp. 170-171): “pulso”, palavra que é também sinónimo de “pulsção”, procurando evitar novas traduções. Além disso, para evitar também possíveis equívocos, incluiu-se uma entrada para o carácter “腕” (wàn) que significa “pulso”, mais precisamente, a “região correspondente à zona da articulação do antebraço com a mão”²³.
- 3) As expressões “虚/实” (xū/shí) são traduzidas para inglês como “deficiency and excess”, respetivamente, para português foram traduzidas por Yang (2022, p. 17) como “deficiência e excesso” e por Sun (2020, pp. 128, 139) como “insuficiência” e “excesso”. Estas são expressões recorrentes, geralmente utilizadas juntamente com outros caracteres para especificar uma falta ou abundância de algo vital, isto é, uma falta de moderação ou harmonia na saúde de um paciente. De facto, na linguagem médica, a palavra que se utiliza para referir a falta de algo, como de uma vitamina por exemplo, é “deficiência”²⁴; por sua vez, a palavra “insuficiência”²⁵ aparece associada à

²³ Definição retirada do Dicionário Infopédia. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pulso> Acedido a: 30/08/23.

²⁴ Informação retirada do site SNS24. Disponível em: <https://www.sns.gov.pt/noticias/2019/08/16/prevencao-e-tratamento-da-deficiencia-de-vitamina-d/>. Acedido a: 31/08/23.

²⁵ Informação retirada do site SNS24. Disponível em: <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-do-coracao/insuficiencia-cardiaca/>. Acedido a: 31/08/23.

incapacidade de funcionamento de alguns órgãos, como é o exemplo de “insuficiência cardíaca”, “insuficiência renal”, entre outros. Por este motivo, considera-se que a palavra mais exata neste contexto é “deficiência”, ou seja, no glossário, a expressão foi traduzida para português como “deficiência e excesso”. Na base de dados “Manual MSD” aparecem também as palavras “deficiência” e “excesso” associadas à falta ou abundância de vitaminas²⁶, o que complementa esta ideia.

- 4) A expressão “点刺舌” (diǎn cì shé) faz parte de um conjunto de expressões relacionadas com a observação da língua em MTC. Durante a examinação do paciente, a sintomatologia da sua língua é observada, obtendo-se um conjunto de deduções acerca do seu estado de saúde em conformidade com os sinais que ela apresenta. “点刺” (diǎn cì) significa “punção” ou o “ato de pungir” e “舌” (shé) significa língua. A expressão foi traduzida para inglês como “spotted tongue” (WHO, 2022, p. 62) e por Sun (2020, p. 142) para português como “língua com petéquias”. Quando se pesquisa o significado de “petéquia”, esta é descrita como “Pequena mancha hemorrágica cutânea, punctiforme ou lenticular, devida à rutura dos capilares. É o elemento eruptivo característico da púrpura”²⁷, definição que parece não incluir zonas mucosas do corpo humano. Contudo, na página *web* “Manual MSD”, encontra-se a seguinte explicação: “Púrpura são lesões cutâneas ou mucosas purpúreas causadas por hemorragia. As lesões pequenas (< 2 mm) são denominadas petéquias e as grandes são chamadas equimoses ou contusões.”²⁸ De acordo com esta informação, estas lesões podem encontrar-se também nas zonas mucosas e, dependendo do seu tamanho, é-lhes atribuído o nome “petéquia” ou “equimose”. No contexto da MTC, a língua que apresenta este tipo de manchas, por vezes descrita como algo semelhante à superfície de um morango, indica frequentemente a presença de calor extremo nos órgãos *zang-fu* ou no sangue (WHO, 2022, p. 62). Por sua vez, na Medicina convencional, a língua de morango é um princípio indicioso de escarlatina²⁹, mas para que haja um diagnóstico de escarlatina em MTC, é necessário que haja uma associação com outros

²⁶ Informação retirada do *site* Manual MSD. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-pt/casa/dist%C3%BArbios-nutricionais/vitaminas/defici%C3%A2ncia-de-vitamina-d>. Acedido a: 31/08/23.

²⁷ Definição retirada do *site* Cruz Verde. Disponível em: <http://www.cruzverde.pt/apoio-cliente/glossario-saude/P>. Acedido a: 31/08/23

²⁸ Informação retirada do *site* Manual MSD. Disponível em <https://www.msmanuals.com/pt-pt/profissional/hematologia-e-oncologia/sangramento-decorrente-de-vasos-sangu%C3%A2neos-anormais/p%C3%BArpura-simples>. Acedido a: 18/09/2023.

²⁹ Informação retirada do *site* SNS24. Disponível em: <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infeciosas/escarlatina/>. Acedido a: 31/08/23.

sintomas também. Para que não haja uma confusão entre os significados da Medicina convencional e os da MTC, é necessário distingui-los através da terminologia. Por este motivo, preserva-se a proposta de tradução de Sun (2020, p. 142).

Acima estão apenas alguns dos muitos exemplos que poderiam ter sido desenvolvidos, mas na falta de mais tempo para os explorar de forma detalhada, discutiu-se acerca dos que podem ser considerados mais complexos. De seguida, será apresentado o glossário, mas é importante ter em consideração que, dada a vulnerabilidade das propostas de tradução para termos de MTC, é sempre possível fazer ajustes ou sugerir novas traduções, como se observará nas seguintes páginas.

7. Glossário

7.1 Quatro Métodos de Diagnóstico

一、辨证论治

	Português	Inglês	Chinês (simplificado)	Pinyin	Definição	Referências
1	sinal	sign	体征	tǐ zhēng	Palavra específica da linguagem médica utilizada para descrever alterações físicas patológicas.	(WHO, 2007, p. 79; <i>Oxford Chinese Dictionary</i> , versão online).
2	sintoma	symptom	症状	zhèng zhuàng	Manifestação espontânea provocada pelo organismo ou por uma doença, sentida pelo doente e objetivada por um observador.	(<i>Cruz Verde - Serviços de Assistência Médica - Glossário de Saúde</i>). Acedido a: 28/08/2023.
3	(1) síndrome (2) padrão	pattern	证	zhèng	Diagnóstico conclusivo da doença que um paciente específico apresenta, que inclui a sua etiologia, natureza e progresso.	Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/doenca . Acedido a: 28/08/2023.
4	doença	disease	病	bìng	Alteração do estado normal de saúde manifestada através de sinais ou sintomas; desequilíbrio	(WHO, 2022, p. 49).

<i>do yin-yang.</i>						
5	diferenciação de síndromes	pattern identification	辨证	biàn zhèng	Processo de discriminação de sintomas, etiologia, natureza e desenvolvimento de uma doença.	(WHO, 2022, p. 49).
6	diferenciação de doenças	disease differentiation	辨病	biàn bìng	Processo de identificação da categoria de uma doença, com base no seu diagnóstico, e do seu respectivo tratamento.	(WHO, 2007, p. 79); (WHO, 2022, p. 49).
7	diferenciação de síndromes e tratamento	treatment based on pattern identification	辨证论治	biàn zhèng lùn zhì	Processo de identificação e análise dos sinais e sintomas segundo os princípios teóricos da MTC, com vista a definir os métodos terapêuticos para o tratamento.	(WHO, 2022, p. 50).
8	combinação dos quatro métodos de diagnóstico	combination of the four diagnostic methods	四诊合参	sì zhěn hé cān	Processo de análise segundo os quatro métodos de diagnóstico, com o objetivo de fazer um diagnóstico conclusivo e decidir o respectivo tratamento.	(WHO, 2007, p. 80).
9	integração de doenças e síndromes	differentiation of disease and pattern	病证结合	bìng zhèng jié hé	Diferenciação integrada de uma síndrome e doença, para avaliar a sua progressão e decidir o tratamento mais eficaz.	(WHO, 2022, p. 50).
10	quatro métodos de diagnóstico	four diagnostic methods	四诊	sì zhěn	Termo que engloba as quatro fases que levam ao prognóstico de uma doença: observação, auscultação/olfacção, inquérito e	(Wang, 2021, p. 54).

palpação.						
11	(1) inspeção (2) observação	inspection	望诊	wàng zhěn	Uma das fases do processo de diagnóstico, na qual se observam as condições física e mental do paciente, bem como o aspeto da sua língua e excreções.	(WHO, 2007, p. 80); (WHO, 2022, p. 50).
12	presença de espírito/vitalidade	presence of spirit	得神	dé shén	Estado que se define pela manifestação de consciência, expressão facial clara, olhos reluzentes, respiração e físico estáveis; abundância de <i>qi</i> .	(WHO, 2022, p. 50).
13	falta de espírito/vitalidade	(1) insufficiency of spirit ³⁰ (2) lack of vitality ³¹	少神	shǎo shén	Estado que se define por um olhar monótono, movimentos lentos e que indica insuficiência de <i>qi</i> .	(WHO, 2022, p. 51).
14	(1) espírito falso (2) vitalidade falsa ³²	(3) false spirit ³³ (4) false vitality ³⁴	假神	jiǎ shén	Melhoria repentina dos sintomas e lucidez dos pacientes em estado crítico. É um sinal de colapso do <i>qi</i> saudável, de insuficiência dos órgãos <i>zang-fu</i> ou da separação entre <i>yin</i> e <i>yang</i> . Estes são indicadores da proximidade da	(WHO, 2007, p. 80); (WHO, 2022, p. 51).

³⁰ Tradução da OMS (2022, p. 51)

³¹ Tradução da OMS (2007, p. 80).

³² Tradução por Sun (2020, p.52).

³³ Tradução da OMS (2022, p. 51).

³⁴ Tradução da OMS (2007, p. 80).

morte do paciente.						
15	auscultação e olfação	listening & smelling	闻诊	wén zhěn	Uma das fases do processo de diagnóstico, na qual se escutam as alterações na respiração, tosse, discurso e se observam cheiros anormais ou as excreções do paciente.	(WHO, 2022, p. 66).
16	metal repleto não soa	excess metal failing to sound	金实不鸣	jīn shí bù míng	Metáfora utilizada para descrever a disфонia causada por ventos frios ou ventos quentes exteriores, que afetam o <i>qi</i> dos pulmões.	(WHO, 2022, p. 66).
17	metal defeituoso não soa	broken metal failing to sound	金破不鸣	jīn pò bù míng	Metáfora utilizada para descrever a rouquidão causada por uma lesão no <i>qi</i> essencial dos pulmões e dos rins.	(WHO, 2022, p. 66).
18	inquérito	inquiring	问诊	wèn zhěn	Método utilizado pelo médico para reunir informações acerca da doença, tais como o seu início, progressão e sintomas. É posto em prática através da comunicação direta com o paciente.	(WHO, 2022, p. 68).
19	as dez perguntas	the ten questions	十问歌	shí wèn gē	Método de análise do estado do paciente no qual se questiona a existência (ou não) de sintomas relacionados com arrepios ou febre, apetite, sede ou paladar, dor, ciclos do sono, funcionamento dos aparelhos	(WHO, 2022, p. 69).

					intestinais e urinários, audição e histórico de doenças.	
20	aversão ao frio	cold intolerance	畏寒	wèi hán	Calafrios causados por um excesso de frio exterior, cujo alívio não é possível através do calor.	(Wu <i>et al.</i> , 2013, p. 31).
21	afrontamentos causados por calores húmidos	tidal fever due to warm dampness	湿温潮热	shī wēn cháo rè	Febre que se manifesta pela tarde acompanhada por sintomas de calor húmido acumulados no baço e estômago.	(WHO, 2022, p. 70); (Wu <i>et al.</i> , 2013, p. 31).
22	palpação	palpation	切诊	qiè zhěn	Uma das fases do processo de diagnóstico, na qual se pressionam ou apalpam zonas do corpo humano.	(WHO, 2022, p. 83).
23	observação da língua	tongue diagnosis	舌诊	shé zhěn	Método de diagnóstico no qual se analisa o estado da língua de um paciente. Presta-se atenção ao dorso e revestimento da língua.	(WHO, 2022, p. 59).
24	estado da língua	tongue manifestations	舌象	shé xiàng	Alterações significativas na cor, forma, revestimento e espírito da língua.	(WHO, 2022, p. 59).
25	língua fissurada/escrotal	fissured tongue	裂纹舌	liè wén shé	Língua que apresenta fissuras no dorso. É um indicador de uma das seguintes três síndromes: síndrome de calor; deficiência sanguínea; insuficiência do baço.	(WHO, 2022, p. 62); (Hu <i>et al.</i> , 2022, p. 1)

26	língua com petéquias ³⁵	spotted tongue	点刺舌	diǎn cì shé	Língua que apresenta manchas vermelhas ou roxas e saliências espinhosas no seu dorso.	(WHO, 2007, p. 84); (WHO, 2022, p. 62).
27	diagnóstico do pulso	pulse diagnosis	脉诊	mài zhěn	Método de diagnóstico no qual se mede a pulsação dos pacientes.	(WHO, 2022, p. 83).
28	pulso	pulse	腕	wàn	Zona da articulação do antebraço com a mão.	Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pulso . Acedido a: 31/08/2023.
29	diagnóstico pelo método das três secções e nove pontos	diagnosis method using the three sections and nine pulse points ³⁶	三部九候遍诊法	sān bù jiǔ hòu biàn zhěn fǎ	Método que mede a pulsação do paciente em três regiões do corpo: a cabeça, os membros superiores e inferiores. Cada uma destas regiões é depois subdividida em três zonas. No seu conjunto correspondem a nove posições.	(WHO, 2022, p. 83)
30	estado da pulsação	pulse conditions	脉象	mài xiàng	É medido tendo em conta o ritmo, o comprimento, a velocidade, a tensão, a suavidade e a largura do pulso.	(WHO, 2022, p. 83).

³⁵ Tradução de Sun Yuqi (2020, p. 142).

³⁶ Tradução original.

31	(1) pulso atado ³⁷ (2) pulso nodoso	knotted pulse	结脉	jié mài	Caracteriza-se por uma pulsação lenta que apresenta intervalos irregulares.	(WHO, 2022, p. 91)
32	pulso intermitente	intermittent pulse	代脉	dài mài	Caracteriza-se por uma pulsação acelerada que para, regularmente, por um período mais longo.	(WHO, 2022, p. 91)

7.2 Diferenciação de Síndromes e Tratamento

二、辨证方法

	Português	Inglês	Chinês (simplificado)	Pinyin	Definição	Referências
33	diagnóstico pelos oitos princípios ³⁸	eight-principle pattern identification ³⁹	八纲辨证	bā gāng biàn zhèng	Método que diferencia doenças através da análise da informação recolhida pela aplicação dos quatro métodos de diagnóstico. Os padrões são diferenciados segundo os princípios de <i>yin</i> , <i>yang</i> , frio, calor, exterior, interior, excesso e deficiência.	(WHO, 2022, p. 93).

³⁷ Tradução de Sun (2020, p. 170).

³⁸ Tradução de Sun (2020, p. 123).

³⁹ Tradução de Wiseman & Feng (1998, p. 169).

34	fogo envolto em frio	cold enveloping fire	寒包火	hán bāo huǒ	Alteração patológica na qual o paciente manifesta uma acumulação de calor interno, que se reflete em sintomas como arrepios, febre, tosse com expetoração, obstrução nasal, disfonia, sede.	(WHO, 2007, p. 52); (WHO, 2022, p. 94).
35	(1) calor e frio falsos/verdadeiros (2) diferenciação de síndromes quentes ou frios	true/false cold and heat	寒热真假	hán rè zhēn jiǎ	Pacientes em estado crítico podem apresentar níveis extremos de calor ou frio, isto é, frio a manifestar-se como calor ou o inverso.	(WHO, 2022, p. 94).
36	frio verdadeiro com calor falso manifesto ⁴⁰	true cold with false heat	真寒假热	zhēn hán jiǎ rè	Alteração patológica visível através de sintomas como abundância de frio- <i>yin</i> no interior e manifestações falsas de calor; síndrome <i>yin</i> com sintomas de <i>yang</i> .	(WHO, 2007, p. 52); (WHO, 2022, p. 94).
37	calor verdadeiro com frio falso manifesto ⁴¹	true heat with false cold	真热假寒	zhēn rè jiǎ hán	Alteração patológica visível através de sintomas como abundância de calor no interior e manifestações falsas de frio; síndrome <i>yang</i> com sintomas de <i>yin</i> .	(WHO, 2007, p. 53); (WHO, 2022, p. 95).

⁴⁰ Tradução de Sun (2020, p. 132)

⁴¹ Tradução de Sun (2020, p. 183)

38	síndrome de frio convertido em calor	cold pattern transforming into heat	寒证化热	hán zhèng huà rè	Síndrome originalmente frio que gradualmente manifesta presença de calor e ausência de frio.	(WHO, 2022, p. 95).
39	síndrome de calor convertido em frio	heat pattern transforming into cold	热证转寒	rè zhèng zhuǎn hán	Síndrome originalmente quente que gradualmente manifesta presença de frio e ausência de calor.	(WHO, 2022, p. 95).
40	deficiência e excesso	deficiency and excess	虚实	xū shí	Dois princípios utilizados para identificar o florescimento ou declínio de fatores patogênicos e anti-patogênicos. Excesso refere-se ao fator patogênico; deficiência refere-se à falta do fator anti-patogênico.	(Yin <i>et al.</i> , 2010, p. 300)
41	síndrome de vento patogênico	pathogenic wind pattern	风淫证	fēng yín zhèng	Doença causada por ventos exógenos patogênicos, que se manifesta através de sintomas como aversão ao vento, febre, suores, dor de cabeça, garganta seca e pingos no nariz.	(WHO, 2022, p. 97).
42	síndrome de frio patogênico	pathogenic cold pattern	寒淫证	hán yín zhèng	Doença causada por frio exógeno patogênico, que se manifesta através de sintomas como arrepios, tosse, febre, respiração acelerada, dores musculares, ausência de suores.	(WHO, 2022, p. 97).
43	síndrome de calor de verão patogênico	pathogenic summer heat pattern	暑淫证	shǔ yín zhèng	Doença causada por calor de verão exógeno patogênico, que se manifesta	(WHO, 2022, p. 97).

					através de sintomas como urina amarela, suores, sede e fadiga.	
44	síndrome de secura patogénica	pathogenic dryness pattern	燥淫证	zào yín zhèng	Doença que pode apresentar dois quadros de sinais: língua seca e pálida acompanhada de pulso superficial e tenso; língua seca com revestimento amarelo acompanhada de pulso superficial e rápido. Cada uma destas formas é acompanhada por sintomas diferentes.	(WHO, 2022, p. 90).
45	síndromes conforme os oito princípios	(1) patterns according to the eight principles (2) eight principal-based patterns	八纲证类	bā gāng zhèng lèi	Sistema de categorização e distinção de síndromes em MTC. Estes são apenas alguns exemplos: síndrome de <i>yin</i> , síndrome de <i>yang</i> , síndrome de calor, síndrome de frio, síndrome de excesso, síndrome de deficiência, síndrome exterior, síndrome interior, bem como variações destas síndromes e muitas outras.	(WHO, 2022, p. 103).
46	síndrome de frio verdadeiro com calor falso manifesto	true cold with false heat pattern	真寒假热证	zhēn hán jiǎ rè zhèng	Doença causada por um bloqueio do <i>yang</i> externo devido a um <i>yin</i> interior frio, está associada a uma combinação de sintomas de frio-verdadeiro e calor-falso.	(WHO, 2022, p. 104).

47	síndrome de frio e calor combinados	combined cold and heat pattern	寒热错杂证	hán rè cuò zá zhèng	Doença que se manifesta pela ocorrência simultânea de síndrome de frio e síndrome de calor.	(WHO, 2022, p. 105).
48	síndrome de excesso verdadeiro com insuficiência manifesta	true excess with false deficiency pattern	真实假虚证	zhēn shí jiǎ xū zhèng	Síndrome de excesso com manifestação de sintomas de deficiência.	(WHO, 2022, p. 105).
49	síndrome semi-exterior, semi-interior	neither exterior nor interior pattern	半表半里证	bàn biǎo bàn lǐ zhèng	Doença causada pelo combate de fatores patogênicos entre o interior e o exterior pelo <i>qi</i> anti-patogênico. os pacientes apresentam sintomas como febre e aversão ao frio alternadas, vômitos, falta de apetite, visão turva, garganta seca, sensação amarga na boca, irritação e plenitude no peito e na área subcostal.	(WHO, 2022, p. 106).
50	síndrome de vento quente e humidade	wind heat and dampness pattern	风热夹湿证	fēng rè jiā shī zhèng	Doença causada por vento quente com humidade, acompanhada de sintomas como febre, sede e sensação de peso nos membros.	(WHO, 2022, p. 108).

8. Reflexões sobre a metodologia de tradução

Após a compilação do glossário, refletiu-se sobre os métodos e abordagens de tradução postos em prática. No “Enquadramento Teórico”, discutiu-se acerca de temáticas como: a Tradução Cultural ou a Tradução Técnica, o modelo de tradução de Vinay & Darbelnet (1995), a domesticação e a estrangeirização sob a proposta de Lawrence Venuti (1995) e a aplicação destas diretrizes, de um modo geral, na MTC. Por este motivo, redigiu-se este capítulo com o intuito de sintetizar quais os métodos e procedimentos utilizados na tradução do glossário. É importante assinalar que o facto de a MTC ser uma disciplina cujo conhecimento é essencialmente multidisciplinar e interdisciplinar, leva a que o tradutor tenha de adotar uma abordagem dinâmica na tradução, o que disponibiliza um número diverso de estratégias diferentes para aplicar.

Os seguintes subcapítulos serão divididos segundo a aplicação das estratégias de estrangeirização e domesticação de Venuti (1995).

8.1 Traduções feitas sob a estratégia de estrangeirização

8.1.1 Transliteração

No presente trabalho, as traduções feitas com recurso à transliteração foram as seguintes: *yin*, *yang*, *qi* e *zang-fu*. Sob o modelo de Vinay & Darbelnet (1995, p. 32) esta é uma introdução de um conceito original sem tradução na CC, o que corresponde ao procedimento de empréstimo, algo já mencionado anteriormente.

Dois dos termos acima mencionados podem também ser o resultado de uma combinação de métodos, isto é, o termo *qi* pode ser opcionalmente acompanhado pela tradução explicativa “energia vital”; por sua vez, *zang-fu* é, na sua forma final, o resultado de uma combinação, na qual se adiciona a palavra “órgãos” na língua portuguesa e se introduz o conceito *zang-fu* através da transliteração dos caracteres chineses, resultando na expressão “órgãos *zang-fu*”. A adição da anotação ou da explicação é uma forma de ajudar os leitores na compreensão dos termos (Li, 2017, p. 6 *apud* Zhang & Dong, 2020, p. 5).

8.1.2 Tradução literal

Este método de tradução pode ser posto em prática quando há um termo com correspondência exata, a nível semântico, ao original, como por exemplo na tradução dos diferentes órgãos do corpo humano (Zhang & Dong, 2020, p. 4). Na tradução deste glossário, considera-se ter havido apenas uma tradução unicamente literal, que foi a da entrada 4: “doença”. O carácter chinês “病” (*bìng*) significa literalmente “doença” em português. Na

entrada 35, consta também uma opção resultante da tradução literal: “Calor e frio falsos/verdadeiros”.

8.1.3 Decalque por tradução literal

As seguintes entradas foram traduzidas com recurso ao procedimento de decalque por tradução literal (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 32; Wang 2021, p. 62): 5, 8, 9, 10, 20, 31, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49 e 50 (Consultar glossário). As entradas 41–50 correspondem às diferentes síndromes, nas quais a tradução foi literal, mas se introduziu uma nova estrutura na LC, correspondendo, por isso, ao decalque estrutural proposto por Vinay e Darbelnet (1995, p. 32). As traduções de síndromes foram profundamente influenciadas pelas traduções preexistentes em inglês.

Nas seguintes entradas considera-se que o procedimento foi também o decalque, mas a tradução exigiu a aplicação simultânea de outros procedimentos: 6, 20 e 31. Relativamente à entrada 6, houve uma transformação na categoria gramatical de “辨” (biàn), verbo na LP, para nome na LC. O mesmo sucedeu na entrada 31, em que na LP “结” (jié), “nó” em português, é um nome na LP e, quando traduzido para a LC, passou a ser o adjetivo “nodoso”. Estas duas entradas foram traduzidas segundo o procedimento de transposição de Vinay & Darbelnet (1995, p. 36). Na entrada 20, o carácter “畏” (wèi) significa literalmente “medo”, tendo sido traduzido para inglês como “intolerance” (WHO, 2022, p. 69). Ainda que “intolerance” seja uma palavra utilizada frequentemente nas traduções para inglês, optou-se pela palavra “aversão”, que é também utilizada neste contexto em inglês (Dashtdar *et al.*, 2016, p. 294) e está mais próxima em sentido da palavra “medo”.

8.1.4 Traduções com preservação de elementos culturais

Nas entradas 12, 13, 14, 16, 17, 19 e 34 (Consultar glossário), houve uma intenção deliberada em preservar as conotações culturais. Nas entradas 12, 13 e 14 a opção de tradução que utiliza a palavra “espírito” é, de facto, fiel à expressão da LP, “神” (shén). A entrada 12 foi particularmente influenciada pela tradução em inglês, pois não seria possível traduzir a expressão original literalmente para a LP e transmitir o seu sentido. Nas entradas 16 e 17, manteve-se a metáfora original, a qual não faz sentido para a CC sem uma contextualização, assim, para atenuar esse efeito, na definição deu-se preferência a um tipo de linguagem mais técnico.

Na entrada 29, houve uma tentativa de melhorar a tradução em inglês feita pela OMS (2022, p. 83) e propor uma tradução mais precisa. Isto só foi possível graças à explicação do

sentido original da expressão por um especialista chinês na área da Tradução de MTC. Desta forma, propôs-se a tradução da expressão “三部九候遍诊法” (Sān bù jiǔ hòu biàn zhěn fǎ) para português como “diagnóstico pelo método das três secções e nove pontos” e, para inglês, como “diagnosis method using the three sections and nine pulse points”. A tradução proposta pela OMS foi a seguinte: “Diagnosis methods using the three positions and nine indicators” (WHO, 2022, p. 83). Contudo, estes “nine indicators” correspondem aos pontos onde pode ser medida a pulsação e, por isso, julga-se não ser a tradução mais precisa. Pensou-se na possibilidade de preservar a tradução da OMS, mas isso poderia gerar confusão a quem comparasse a tradução portuguesa e a inglesa.

A expressão da entrada 34, traduzida para “fogo envolto em frio”, é utilizada para descrever uma constipação comum, no entanto, prevaleceu uma tradução que veicula as marcas culturais originais ao invés da palavra comumente utilizada na língua portuguesa, “constipação”. Foi também traduzida segundo o procedimento de modulação proposto por Vinay & Darbelnet (1995, p. 36), pois houve uma alteração do ponto de vista da LP para a LC, ou seja, a expressão original corresponde literalmente a “frio envolver fogo”, algo já mencionado na página 48 da presente dissertação.

8.2 Traduções feitas sob a estratégia de domesticação

8.2.1 Tradução livre

A tradução livre (意译 yìyì)⁴² é também regularmente utilizada na tradução de MTC (Yang, 2022, p. 25), tendo sido posta em prática nas seguintes entradas: 1, 2, 7, 12, 13, 14 e 21 (Consultar glossário).

As entradas 12, 13 e 14, a segunda opção de tradução dá preferência à CC, traduzindo “神” (shén) para “vitalidade”, por se considerar que este conceito será mais facilmente entendido pelo PC, comparativamente a “espírito”, que é um conceito muito específico, talvez ambíguo, da MTC. Neste caso utilizou-se o procedimento de adaptação de Vinay & Darbelnet (1995, p. 39). Disponibilizaram-se duas opções de tradução para estas entradas porque ambas se podem considerar corretas, não é possível distingui-las entre melhor e pior, são apenas o resultado da aplicação de duas abordagens diferentes.

Na entrada 21, a expressão “潮热” (cháo rè), traduzida para “tidal fever” em inglês (WHO, 2022, p. 70), foi traduzida para “afrontamentos” em português. O carácter “潮” pode

⁴² Método mencionado previamente na página 48.

significar “corrente” ou “maré”, sendo aqui empregado para descrever um tipo de febre que aparece de forma similar ao comportamento das marés. Por falta de melhor tradução, a expressão foi traduzida para português como “afrontamentos”, palavra notoriamente mais próxima da CC, por comportar o significado de uma sensação de afogamento que se repete.

Na entrada 25 consta ainda uma outra opção de tradução, “diferenciação de síndromes quentes ou frios”. Esta segunda tradução foi feita com base na percepção do PC, ou seja, pensa-se que a segunda proposta de tradução será mais facilmente entendida na CC. Contudo, a tradução literal não está, de todo, errada, por este motivo manteve-se como uma opção viável.

8.2.2 Traduções com correspondência na Medicina convencional

As entradas 23, 24, 25 e 26 (Consultar glossário) foram traduzidas para termos ou expressões da Medicina convencional. No caso específico das entradas 25 e 26, a tradução foi feita com recurso a expressões que se pensam ter correspondência. Na entrada 23, a expressão em chinês contém o carácter “診” (zhěn), cujo significado é “diagnóstico”, tradução utilizada noutras entradas. No entanto, optou-se por traduzir a expressão para “observação da língua”, por se pensar que “diagnóstico da língua” seria uma ideia mais complexa de conceber na CC. Na entrada 24, traduziu-se a expressão da LP para uma expressão que faz mais sentido no contexto da Medicina convencional, “estado” para traduzir o carácter “象” (xiàng), cujo significado literal é “imagem” ou “aparência”. Este carácter foi traduzido para inglês de duas formas: “manifestations” e “conditions”, respetivamente (WHO, 2022, p. 59, 85).

9. Conclusão

A investigação conduzida ao longo deste trabalho tinha como objetivo principal contribuir para a crescente presença da realidade académica da MTC na esfera da língua portuguesa. Este foi o primeiro objetivo a surgir por se verificar a escassez de materiais académicos, escritos em ou traduzidos para a língua portuguesa, que possibilitassem o desenvolvimento desta temática.

Para delinear o percurso de investigação foram depois colocadas cinco questões de investigação. Todas elas foram tidas em conta ao longo do processo de trabalho, mas nem todas obtiveram uma resposta tão conclusiva quanto desejado inicialmente. A questão principal dizia respeito a como poderiam ser traduzidos os 50 termos selecionados. Para isso, recolheram-se dados acerca das teorias, linhas orientadoras e estratégias frequentemente utilizadas pelos tradutores de MTC, com base em dados analisados por estudos para esse efeito. O maior problema, já mencionado por diversas vezes, é a fragmentação ideológica que caracteriza a comunidade académica de MTC: estrangeirização *versus* domesticação, ou abordagem baseada nas Ciências Biomédicas ocidentais *versus* abordagem baseada nos cânones clássicos da MTC. De facto, ambas as abordagens têm pontos valiosos, mas devem ser adaptadas consoante a especificidade da situação comunicativa (Lim *et al.*, 2022, p. 3). Houve uma preocupação consciente em evitar o uso da transliteração, mas houve também um cuidado consciente em não utilizar terminologia das Ciências Biomédicas que pudesse resultar em ambiguidades ou na eliminação de referências culturais, como é o exemplo da expressão “fogo envolto em frio”.

Este glossário foi compilado com vista a suprir as necessidades de alunos de MTC falantes de português e, por isso, durante a tradução optou-se pela utilização de linguagem simples, direta e concisa. Na língua chinesa é possível condensar a informação porque dois caracteres podem comportar a totalidade do significado que se pretende transmitir. Contudo, na língua portuguesa é inevitável a utilização de um maior número de palavras para transmitir esse mesmo significado que se resume em dois ou quatro caracteres. Assim, de modo a utilizar um tipo de linguagem concisa, houve uma tentativa deliberada na procura de sinónimos na língua portuguesa que pudessem veicular o sentido original utilizando o menor número de palavras possível. As definições, por sua vez, tiveram de ser impreterivelmente mais longas, mas ainda assim optou-se pela utilização de linguagem concisa e exata, sobretudo na descrição de sintomas de cada síndrome. A dimensão das definições serviu

também para colmatar as diferenças culturais impercetíveis nas traduções, transformando-as em algo compreensível para os leitores da CC.

Para a última questão de investigação, relacionada com o papel da língua inglesa como língua-ponte, não foi possível obter uma resposta. Não porque a resposta é inexistente, mas sim porque não foi feita uma investigação que fosse suficiente para tirar conclusões definitivas. O facto é que o inglês ajuda a que a compreensão sobre a expressão chinesa seja mais rápida e eficaz, mas seria interessante perceber e analisar de que forma pode causar enviesamentos na interpretação ou influenciar as traduções para outras línguas, algo que não foi possível fazer através deste trabalho. Houve, sim, a possibilidade de entender que a falta de conhecimento de língua chinesa pode ser um obstáculo para os especialistas de MTC ocidentais, porque não lhes permite acesso a textos, termos ou expressões originais.

Ao refletir sobre os objetivos que foram de facto concluídos, a contribuição para este campo científico com material originalmente redigido em português, possibilita a transmissão de conhecimento, dificilmente acessível, a um público generalizado. A existência de um glossário pensado, retificado e redigido sob linhas orientadoras para português favorece a transmissão de conhecimentos de MTC. Para o utilizador do glossário, o facto de conter as três línguas possibilita a comparação das traduções entre si e com o termo original, particularmente para os conhecedores de chinês; por outro lado, possibilita a aprendizagem de caracteres chineses, visto que estão acompanhados pelo respetivo *pinyin*, se for esse o objetivo do utilizador.

Independentemente do que foi falado nos parágrafos anteriores, seria relevante redigir uma lista de palavras mais extensa, dividida em mais do que apenas dois subtemas, fruto de um trabalho colaborativo entre especialistas oriundos dos países com as línguas com que se pretende trabalhar. À semelhança do plano posto em prática pela OMS, a equipa ideal seria uma equipa composta por médicos ocidentais, médicos de MTC e tradutores especializados nas línguas para as quais se pretende traduzir. Contrariamente à OMS, a lista de palavras teria de ser consideravelmente menos extensa e adaptável a diferentes contextos ou formas de utilização. Por fim, uma metodologia a ter em conta nos processos de tradução é evitar conscientemente a criação de novas palavras ou traduções (WHO, 2007, p. 4), para que não haja um número desmesurado de opções de tradução.

Em suma, esta investigação foi útil na medida em que acentuou a compreensão sobre a complexidade da atividade de tradução em MTC e, simultaneamente, evidenciou que futuras investigações sobre a tradução para língua portuguesa poderão concentrar-se na compilação

ou aperfeiçoamento contínuo de listas de palavras, de modo a contribuir ativamente para a uniformização terminológica em MTC. Da perspectiva da presente dissertação, esta contribuição não deve ser vista como um meio político cujo objetivo é a disseminação da MTC no Ocidente, mas sim como uma maneira de integrar esta prática milenar cultivando o respeito e conhecimento sobre uma realidade histórico-cultural completamente diferente.

Bibliografia/Fontes Consultadas

- Ayán, N. L. (2017). *Las Bases de la Medicina China—Fisiopatología y Diagnóstico*. Letra Clara Ediciones.
- Barolet, R., Bensky, D., Clavey, S., Gamble, A., Liu, G., Scheid, V., & Wu, B. (2009). *Draft Glossary for Chinese Medicine: Simplified Character Version—2009*. Eastland Press, Inc.
- Bing, X. (2014). 翻译研究中的概念混淆 *Problemas da Definição dos Conceitos nos Estudos de Tradução*. 中国翻译, *Journal of Chinese Translation*, 83–88.
- Byrne, J. (2006). *Technical translation: Usability strategies for translating technical documentation*. Springer.
- Chang, H. (1997). Prefácio. In Wiseman & Feng, *A Practical Dictionary of Chinese Medicine*, (2nd ed, p. 3). Paradigm Publications.
- Chen, S., Liu, X., Xu, W., Mei, W., & Chen, X. (2012). Clinical study of western medicine combined with Chinese medicine based on syndrome differentiation in the patients with polarized hypertension. *Chinese Journal of Integrative Medicine*, 18(10), 746–751. <https://doi.org/10.1007/s11655-012-1231-7>
- Cruz Verde—Serviços de Assistência Médica—Glossário de Saúde. (2017). Consultado em 28 de agosto de 2023, de <http://www.cruzverde.pt/apoio-cliente/glossario-saude/S>
- Dashtdar, M., Dashtdar, M. R., Dashtdar, B., Kardi, K., & Shirazi, M. K. (2016). The Concept of Wind in Traditional Chinese Medicine. *Journal of Pharmacopuncture*, 19(4), 293–302. <https://doi.org/10.3831/KPI.2016.19.030>
- Deficiência de vitamina D. (2019). Consultado em 31 de agosto de 2023, de <https://www.sns.gov.pt/noticias/2019/08/16/prevencao-e-tratamento-da-deficiencia-de-vitamina-d/>
- International Organization for Standardization. (2019). *Traditional Chinese medicine:*

Categories of clinical terminological system to support the integration of clinical terms from traditional Chinese medicine and Western medicine (ISO/TS 22990:2019).

<https://www.iso.org/standard/74298.html>

Johnson, L. E., *Deficiência de vitamina D - Distúrbios nutricionais*. (2022). Manual MSD Versão Saúde para a Família. Consultado em 31 de agosto de 2023, de <https://www.msmanuals.com/pt-pt/casa/dist%C3%BArbios-nutricionais/vitaminas/defici%C3%A2ncia-de-vitamina-d>

Flaws, B., & Finney, D. (1996). *A compendium of TCM patterns & treatments*. Blue Poppy Press.

Guo, P., & Chen, J. (2021). Study on Translation Strategies of News Headlines from the Perspective of Chesterman's Translation Ethics. *Open Journal of Modern Linguistics*, 11(4), 520–528. <https://doi.org/10.4236/ojml.2021.114039>

Guo, Z. (2019). Study on Chinese-English Translation of Traditional Chinese Medicine Terms in Empresses in the Palace from the Perspective of the Skopos Theory. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, 371, 4. <https://doi.org/10.2991/assehr.k.191206.040>

Hicks, A., Hicks, J., & Mole, P. (2014). *Acupuntura Constitucional dos Cinco Elementos* (2 ed). Guanabara Koogan.

Hu, J., Yan, Z., & Jiang, J. (2022). Classification of fissured tongue images using deep neural networks. *Technol Health Care*, 30(1), 271–283. <https://doi.org/10.3233/THC-228026>

Insuficiência cardíaca. (2023). Consultado em 31 de agosto de 2023, de <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-do-coracao/insuficiencia-cardiaca/>

Jin, P., & He, A. (2013). Influences of Thinking Differences Between English and Chinese People on English Writing. *CSCanada*, 5(1), 6–10. <https://doi.org/10.3968/j.hess.1927024020130501.1007>

- Lam, B. (2017). A medicina tradicional chinesa nos cuidados de saúde em Macau. *Revista de Enfermagem Referência, IV* (13), 157–164. <https://doi.org/10.12707/RIV17007>
- Leung, P., & Xue, C. (2005). *Chinese Medicine—Modern Practice* (Vol. 1). World Scientific Publishing. <https://doi.org/10.1142/5633>
- Leung, P. (2005). Prefácio. In *Chinese Medicine—Modern Practice* (Vol. 1). World Scientific Publishing. <https://doi.org/10.1142/5633>
- Li, J., & Graham, D. (2020). The importance of regulating the education and training of Traditional Chinese Medicine practitioners and a potential role for ISO/TC 249. *Pharmacological Research, 161*, 105217. <https://doi.org/10.1016/j.phrs.2020.105217>
- Li, R., & Li, Y. (2022). A Review of Standardization of TCM Terminology Translation. *Lecture Notes on Language and Literature, 5*(3), 26–31. <https://doi.org/10.23977/langl.2022.050304>
- Li, Zhaoguo. (2008). Comparative study on WHO Western Pacific Region and World Federation of Chinese Medicine Societies international standard terminologies on traditional medicine: An analysis of the Five Elements Theory (WHO 西台区与“世界中医药学会联合会”中医名词术语国际标准比较研究：五行学说部分). *Journal of Chinese Integrative Medicine, 6*(9), 983–986. <https://doi.org/10.3736/jcim20080923>
- Li, Zhaoguo. (2010). 中医药学相关学科名称的翻译 Studies on English translation of the titles of traditional Chinese medicine specialties. *Journal of Chinese Integrative Medicine, 8*(12). <https://doi.org/10.3736/jcim20101214>
- Li, Zhuofan. (2022). *Do ponto de vista da Domesticação e da Estrangeirização—Uma análise da tradução da arquitetura do Jardim da Grande Vista em «O Sonho de Câmara Vermelha»*. Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho.
- Li, Z., Wu, Q., & Xing, Y. (2019). *Key Concepts in Traditional Chinese Medicine*. Palgrave

- Pivot Singapore. <http://link.springer.com/10.1007/978-981-13-9136-1>
- Liang, L., & Xu, M. (2019). What is cultural translation? *Language and Intercultural Communication*, 19(3), 306–308. <https://doi.org/10.1080/14708477.2017.1339376>
- Lim, L., Chen, P., & Wang, V. X. (2022). Translating TCM nomenclature into English: A bilingual reference tool needed for clinical practice. *European Journal of Integrative Medicine*, 54, 102155. <https://doi.org/10.1016/j.eujim.2022.102155>
- Liu, D., Mao, H., & Gu, C. (2018). The Principles of TCM Noun Terms Translation based on the Characteristics of TCM Language and Culture. *Proceedings of the 2018 4th Annual International Conference on Modern Education and Social Science (MESS 2018)*. <https://doi.org/10.2991/mess-18.2018.59>
- Lo, V., Yang, D., & Stanley-Baker, M. (2022). *Routledge Handbook of Chinese Medicine*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203740262>
- Lu, C., Boers, F., & Coxhead, A. (2021). Exploring learners' understanding of technical vocabulary in Traditional Chinese Medicine. *Studies in Second Language Learning and Teaching*, 11(1), 71–101. <https://doi.org/10.14746/ssllt.2021.11.1.4>
- Machado, J. A. P. (2019). *Proposta de glossário de expressões metafóricas dos relatórios do setor energético (francês-português)* [Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/38411/1/ulfl261451_tm.pdf
- Mai, R., Morais, C., & Pereira, U. (2022). *汉语语法 葡萄牙语版 Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português* (2.^a ed). UA Editora.
- Maitland, S. (2017). *What Is Cultural Translation?* Bloomsbury Publishing. <https://doi.org/10.5040/9781350018105>
- Mestrado Integrado em Medicina—FMUC - Cursos—Universidade de Coimbra. (2022). Consultado em 11 de setembro de 2023, de https://apps.uc.pt/courses/PT/programme/5841/2023-2024?id_branch=16221

- Montalt, V., & González Davies, M. (2015). *Medical translation step by step: Learning by drafting*. Routledge.
- Munday, J., Pinto, S., Blakesley, J. (2022). *Introducing translation studies: Theories and applications* (5th ed). Routledge.
- Nation, P. (2016). *Making and using word lists for language learning and testing* (Vol. xiv). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/z.208>
- Ng, A., & Wei, W. I. (1998). *A handbook of practical medical terms (English-Chinese)* (3rd ed). Hong Kong University Press.
- Ng, H.-P., Lee, Y.-C., MacDonald, I., & Chen, B.-C. (2022). A Review of the Traditional Chinese Medicine Glossary of Meridian Pathways and Its English Translations. *Alternative Therapies in Health and Medicine*, 28(2), 50–57.
- Ping, Z., & Dong, Z. (2021). Taoist Medicine. *Interdisciplinary Journal for Religion and Transformation in Contemporary Society*, 7(2), 398–405. <https://doi.org/10.30965/23642807-bja10026>
- Pritzker, S. E. (2014a). *Living translation: Language and the search for resonance in U.S. Chinese medicine*. Berghahn.
- Pritzker, S. E. (2014b). Standardization and Its Discontents: Translation, Tension, and the Life of Language in Contemporary Chinese Medicine. *East Asian Science, Technology and Society: An International Journal*, 8(1), 25–42. <https://doi.org/10.1215/18752160-2406196>
- Pritzker, S. E., & Hui, K.-K. (2014). Introducing Considerations in the Translation of Chinese Medicine. *Journal of Integrative Medicine*, 12(4), 394–396. [https://doi.org/10.1016/S2095-4964\(14\)60032-7](https://doi.org/10.1016/S2095-4964(14)60032-7)
- Prtizker, S. E. (2018). Translating Chinese medicine: History, theory, practice. In C. Shei & Z. Gao (Eds.), *The Routledge Handbook of Chinese Translation* (pp. 466–481).

- Routledge.
- Robinson, D. (Ed.). (2014). *Western translation theory: From Herodotus to Nietzsche* (2nd ed). St. Jerome Pub.
- Scott-Baumann, A. (2010). Ricoeur's Translation Model as a Mutual Labour of Understanding. *Theory, Culture & Society*, 27(5), 69–85.
<https://doi.org/10.1177/0263276410374630>
- Song, X., Wang, G., Li, H., & Zhang, W. (2021). Sixty years of meridian-collateral exploration: A road of interdisciplinary research. *Acupuncture Research*, 6, 527–532.
<https://doi.org/10.13702/j.1000-0607.20210081>
- Sun, Y. (2020). *Terminologia de Interpretação—(Chinês-Português/Português-Chinês): Medicina Tradicional Chinesa*. Instituto Politécnico de Macau.
- Talaván Zanon, N. (2011). *A University Handbook on Terminology and Specialized Translation*. Netbiblo. <https://doi.org/10.4272/978-84-9745-929-7>
- Theories of Channels and Collaterals*. (2023). Welleum. Consultado em 17 de julho de 2023, de <https://www.welleum.com/tcm-foundational/theories-of-channels-and-collaterals/>
- Unschuld, P. U. (2016). *Huang Di Nei Jing Ling Shu (The Ancient Classic on Needle Therapy)—The complete Chinese text with an annotated English translation*. University of California Press.
- Venuti, L. (2008). *The translator's invisibility: A history of translation* (2nd ed). Routledge.
- Vinay, J.P., & Darbelnet, J. (1995). *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation* (Vol. 11). John Benjamins Pub. Co.
- Wang, B. (2021). Terminology Translation in Chinese Medicine—From standardization of technical terms to intercultural knowledge transfer. Em S. Li Rasmussen & W. Hope (Eds.), *Terminology translation in Chinese contexts: Theory and practice*. Routledge.
- Wang, K., Liu, L., Li, W., Shi, D., Zeng, W., Zhu, M., Angles, M., Attali, J.-R., Pedro, C.,

- Joao, C., Wu, C., Zhai, F., Ramon, M. C., & Chung, C. (2010). Study on international standard multilingual nomenclature of Chinese medicine. *Chinese Journal of Integrative Medicine*, 16(2), 176–179. <https://doi.org/10.1007/s11655-010-0176-y>
- Wiseman, N. (2000). *Translation of Chinese Medical Terms: A Source-Oriented Approach* [Doctorate of Philosophy in Complementary Health Studies]. University of Exeter.
- Wiseman, N., & Feng, Y. (1998). *A Practical Dictionary of Chinese Medicine* (2nd ed). Paradigm Publications.
- World Health Organization. (2022). *WHO International Standard Terminologies on Traditional Chinese Medicine*.
- World Health Organization, Regional Office for the Western Pacific. (2007). *WHO International Standard Terminologies on Traditional Medicine in the Western Pacific Region*. WHO Library Cataloguing in Publication Data.
- Wu, H., Fang, Z., & Cheng, P. (2013). *World Century Compendium To Tcm - Volume 2: Introduction To Diagnosis In Traditional Chinese Medicine*. World Century Publishing.
- Yang, C. (2022). *Análise de Estratégias de Tradução Relativamente à Terminologia da Medicina Tradicional Chinesa com Particular Referência ao 温热论 – Wen Re Lun*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Yin, H. (2010). *中医基础知识 Fundamentals of Traditional Chinese Medicine* (X. Xuai, Trad.; 2.^a). Foreign Languages Press.
- Zhang, M., & Pan, L. (2009). Introducing a Chinese Perspective on Translation Shifts: A Comparative Study of Shift Models by Loh and Vinay & Darbelnet. *The Translator*, 15(2), 351–374. <https://doi.org/10.1080/13556509.2009.10799285>
- Zhang, N., & Dong, M. (2020). Translation Strategies of Traditional Chinese Medicine Terms from the Perspective of Cross-Culture Communication. *OALib*, 07(10), 1–7.

<https://doi.org/10.4236/oalib.1106828>

Zhao, Z., Guo, P., & Brand, E. (2018). A concise classification of *bencao* (*materia medica*).

Chinese Medicine, 13, 18. <https://doi.org/10.1186/s13020-018-0176-y>

Zheng, X., Lyu, L., Lu, H., Hu, Y., & Chan, G. (2021). The internationalization of TCM towards Portuguese-speaking countries. *Chinese Medicine*, 16(81), 11.

<https://doi.org/10.1186/s13020-021-00491-6>

《中医词典》 a~b— 中医书籍 *Dicionário de Medicina Tradicional Chinesa—Livros de Medicina Tradicional Chinesa*. (sem data). ZYSJ. Consultado em 18 de setembro de 2023, de <https://www.zysj.com.cn/lilunshuji/zhongyicidian2050/index.html>